



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

PV - ESEV 2022

O teatro como fenómeno de comunicação no espaço público. O espetáculo "Queima e Rebentamento do Judas" do Trío Limpo Teatro ACERT.

Daniela Gomes Madanelo

**O teatro como fenómeno de comunicação
no espaço público. O espetáculo
" Queima e Rebentamento do Judas" do
Trigo Limpo Teatro ACERT.**

Daniela Gomes Madanelo

2022



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

O teatro como fenómeno de comunicação no espaço público. O espetáculo "Queima e Rebentamento do Judas" do Trigo Limpo Teatro ACERT.

Daniela Gomes Madanelo

C

O

m

Relatório Final de Estágio

Mestrado Comunicação Aplicada

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Teresa Antas de Barros
Professora Doutora Eduarda Neves

Agradecimentos

O meu mundo interior, mas de correspondências externas, ficou maior, cresceu com todos aqueles que partilharam comigo este processo. Os meus ouvidos ficaram atentos à sabedoria e os meus dedos tentaram acompanhar o pulsar dos meus pensamentos. Agradeço ao Trigo Limpo Teatro ACERT pelo seu generoso acolhimento, em especial ao Pompeu José, pela liberdade e compromisso partilhados no estágio. Agradeço às minhas orientadoras pela confiança, partilha e dedicação. Agradeço a quem está sempre ao meu lado incansavelmente, com quem partilho o romper da teia e da urdidura dos tecidos que nos vão moldando. Obrigada!

Resumo

Este relatório resulta do estágio realizado no Trigo Limpo teatro ACERT no ano letivo de 2020/2021. Reúne uma abordagem teórica sobre o que é o teatro: enquanto comunicação, criador de espaço público, processo, alteridade e construtor de territórios. O espetáculo “Queima e Rebentamento do Judas” do Trigo Limpo teatro ACERT é estudado e acompanhado durante o estágio que culmina no projeto *Rastilho – Memorar a “Queima e Rebentamento do Judas” ACERT, 1986-2020*, uma obra de compilação de vários documentos analisados sobre o espetáculo durante todos os anos da sua existência. A relação entre o público e o espetáculo tem características comunicacionais no sentido amplo da palavra, sendo esse o grande foco deste estudo.

Conceitos-chave: teatro, comunicação, espaço público, alteridade.

Abstract

This report results from the internship held at Trigo Limpo Teatro ACERT in the academic year of 2020/2021. It brings together a theoretical approach to what theater is: as a communication, creator of public space and, as a theatrical process, alterity and territory builder. The show “Queima e Rebentamento do Judas” by Trigo Limpo Teatro ACERT is studied and accompanied during the internship that culminates in the project *Rastilho – Memorar a “Queima e Rebentamento do Judas” ACERT, 1986-2020*, a compilation of several documents analyzed about the show during all the years of its existence. The relationship between the audience and the show has communicational characteristics in the broadest sense of the word, which is the main focus of this study.

Keywords: theatre, communication, public place, otherness.

Índice

Introdução	1
1. Teatralidade e Comunicação	3
1.1. Formas históricas da teatralidade: comunicação e espaço público.....	5
1.2. O teatro no século XXI e o conceito de Novo Espaço Público de Innerarity.....	8
1.3. A identidade como alteridade: o processo teatral	10
1.4. Territórios de alteridade.....	14
2. Materiais e Método	16
3. Trigo Limpo Teatro ACERT	19
3.1. Descrição geral do estágio	22
3.2. Queima e Rebentamento do Judas	24
3.3. Não Judas 2021	51
Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas	56
Apêndices – Registos dos estudos de construção realizados para o livro <i>Rastilho</i>, inspirados no tipo de construção do espetáculo “Judas”	i
Apêndice 1 – Primeira abordagem gráfica.....	i
Apêndice 2 – Caixa de fósforos.....	ii
Apêndice 3 – Desenhos com fósforos, início das construções com fita-cola de papel	iii
Apêndice 4 – Construções com fósforos e fita-cola de papel.....	iv
Apêndice 5 – Construção com pau de jasmim seco, fita-cola de papel e palitos	v
Apêndice 6 – Construções em pau de jasmim seco e fita-cola de papel.....	vi
Apêndice 7 – Desenho com cinza	vii
Anexos	viii
Anexo 1 – Panfleto publicitário do “Judas” de 1986.....	viii

Anexo 2 – Panfleto publicitário do “Judas” de 1989	x
Anexo 3 – Guião original do “Judas” de 2009	xiii
Anexo 3 – Guião original do “Judas” de 2010	xix
Anexo 4 – Guião original do “Judas” de 2011	xxvii
Anexo 5 – Guião original do “Judas” de 2012	xxxviii
Anexo 6 – Guião original do “Judas” de 2013	li
Anexo 7 – Guião original do “Judas” de 2014	lxiii
Anexo 8 – Guião original do “Judas” de 2015	lxvii
Anexo 9 – Guião original do “Judas” de 2017	lxx
Anexo 10 – Guião original do “Judas” de 2018	lxxxi
Anexo 11 – Guião original do “Judas” de 2019	lxxxvi
Anexo 12 – Guião original do “Não Judas” de 2021	xciv
Anexo 13 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2007	c
Anexo 14 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2008	cv
Anexo 15 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2009	cviii
Anexo 16 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2010	cx
Anexo 17 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2011	cxv
Anexo 18 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2012	cxix
Anexo 19 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2015	cxx
Anexo 20 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2017	cxxi

Introdução

O público é um dos elementos considerados desde o início no processo de criação de um espetáculo de teatro. A arte teatral só acontece se houver pelo menos um espectador. Existe uma relação direta entre o teatro/espetáculo e o público; não existem uma sem a outra. Neste raciocínio, será importante perceber também que outras artes não o fazem da mesma forma por não existirem necessariamente no mesmo tempo e espaço de concretização; daqui se depreende também que cada espetáculo é único e não se concretiza sempre da mesma maneira. Esta particularidade provém da variante humana que está presente.

Existe uma relação que evolui entre ator/personagem e espectador, que se transforma a cada momento do espetáculo, existindo então uma interação humana que é construída pelos dois. A comunicação acontece e evolui no contexto que Thompson (2011, p. 119) descreve como interação face-a-face.

É num ambiente de reflexão sobre a comunicação entre o teatro e o seu público que se pretende desenvolver o tema, sendo motivação maior para este estudo a procura de respostas para alguns comportamentos sociais observados ao longo dos anos da nossa relação com o teatro. Importará também destacar que a especificidade da peça cuja produção se pretende acompanhar mais de perto se reveste de contornos específicos, quer pelo seu conteúdo marcadamente de juízo e ação social, quer pelo seu impacto nas comunidades enquanto intervenientes cénicos ou enquanto parte dos milhares de pessoas que frequentemente assistem à peça. A escolha do local de estágio será assim tão importante como o acompanhamento de um espetáculo com características de intervenção política e de cariz comunitário, servindo assim os objetivos a que nos propomos.

O local de estágio é o Trigo Limpo Teatro ACERT num pretendido acompanhamento do processo de preparação do espetáculo “Queima e Rebentamento do Judas” até à sua estreia.

Sendo o teatro uma arte criadora de um espaço público desde a antiguidade, será pertinente questioná-la, analisá-la perante as alterações sociais e de noção de espaço público. Tendo por base os princípios-chave do que um espetáculo pode envolver,

considera-se que este estágio e o seu local se revestem da pertinência desejada. A escolha do local de estágio surge do cruzamento entre a especificidade e qualidade reconhecidas do trabalho da ACERT e a tipologia do espetáculo: “um encontro anual entre criadores e comunidade para a construção de um espetáculo de raiz popular, mas contemporâneo e atual, crítico e mordaz” (ACERT, 2020).

Acrescem ainda vários fatores pragmáticos como a facilidade de acesso a uma produção teatral de alto nível fora dos habituais polos culturais de Lisboa e Porto, sedes mais frequentes de companhias de teatro profissionais. Esta proximidade geográfica, bem como o reconhecimento internacional da qualidade do trabalho da ACERT, tornam-se, por si, fatores decisivos para uma escolha sólida.

A nossa motivação inicial foi a de questionar o lugar do teatro enquanto comunicação copresente numa sociedade fortemente mediada por ecrãs e, por conseguinte, se será o teatro uma necessidade para a sociedade atual enquanto fomentador de espaço público, síncrono e presencial.

Assim, pretende-se com este estudo perceber o teatro como forma de comunicação, em particular, como fenómeno de comunicação no espaço público, instituindo-se como processo de alteridade, de identificação com o outro, de relação entre ator/personagem e espectador; logo, como construtor de reflexos identitários. Pretende-se, portanto, explorar o fenómeno comunicativo entre teatro e o seu público na relação criada a partir de um espetáculo. Para este propósito convirá esclarecer o estudo desenvolvendo os conceitos de teatro, comunicação, espetáculo e espaço público.

Convém esclarecer que, em virtude do cenário pandémico, foi gorada a intenção de poder seguir presencialmente a criação de um espetáculo desde o seu início, com o propósito de identificar os mecanismos de produção e criação, de modo a evidenciar o potencial de uma comunhão entre as escolhas estéticas utilizadas no espetáculo de teatro e a relação com o público. Perante esta dificuldade, o estudo é adaptado às novas circunstâncias. Face ao confinamento decretado em Portugal, foi criada uma compilação baseada em todas as produções do espetáculo em estudo, depois de uma recolha aprofundada sobre o mesmo. Assim, surge como produto final de estágio o livro intitulado *Rastilho*, sendo ele próprio uma extensão daquilo que procurávamos entender sobre as particularidades do espetáculo “Queima e Rebentamento do Judas” do Trigo Limpo teatro ACERT.

1. Teatralidade e Comunicação

A comunicação será entendida como “interação social através de mensagens” (Fiske, 2005, p. 14). Já a sociedade será um “sistema de inter-relações que envolve os indivíduos coletivamente” onde a cultura é aprendida, não herdada, englobando aspetos tangíveis como objetos e símbolos e intangíveis como as ideias e os valores (Giddens, 2004, p. 22).

O teatro, entendido como uma obra de arte com inevitáveis propósitos estéticos, é também e sempre comunicação. Importa, portanto, referir que o espetáculo é o momento vivo entre o palco e a plateia, momento de uma interação face-a-face caracterizada como "contexto de co-presença, sistema de referência no espaço e no tempo partilhado; multiplicidade de pistas simbólicas; orientada para receptores específicos; dialógica", tal como descrita por Thompson (cit in Giddens, 2004, p. 468).

No teatro, o fenómeno comunicativo "está limitado à presença actor espectador. Enquanto outras artes podem manifestar-se unicamente expressando-se, a arte cénica é a que maior necessidade tem de um público para ganhar sentido" (Figueiredo, 2000, p. 24). Assim, entendemos que o teatro só fará sentido na sua realização como ato de comunicação. O teatro é, por isso, um manifesto comunicacional, tal como reforçado pelas palavras de Eugénio Barba, citadas por Bulik:

“A comunicação ator-espectador instaura a significação final. O comunicado, aliás, é a significação. O ator-artista é responsável ainda pela comunicação inclusive a tradução do sentido em significado (...) «Isto significa emitir energia (a polaridade centrífuga: do palco para a plateia) num feixe de comprimento de onda tão amplo que possa abraçar a sensibilidade de todos os espectadores obrigando-os a emitir um fluxo oposto (a polaridade centrípeta: da sala para o palco) de uma outra energia também específica. O encontro desses dois fluxos de energia define o mecanismo da comunicação que é diferente em cada representação. Dizemos então que o teatro nasce do encontro do ator com o espectador»” (Bulik, 2001, p. 109).

É no intercâmbio de significações inerentes à comunicação que podemos entender também que a subjetividade está implícita neste fenómeno comunicativo, pois “todo o

indivíduo está inserido na sociedade e tem dessa sociedade uma dupla experiência, objectiva e subjectiva” (Monteiro *et al.*, 2006, p. 39). Assim, dessa experiência da subjetividade surgirá uma dimensão intersubjetiva, na medida em que a “comunicação é o processo em que se compartilha um mesmo objecto de consciência; exprime a relação entre consciências” (Monteiro *et al.* 2006, p. 19) e, desta forma, envolvem-se as partes que consentem o ato comunicativo.

Vivemos dessa capacidade social que é comunicar e temos uma cultura que é aprendida coletivamente, mas também é apreendida de forma individual e de sociedade/cultura para sociedade/cultura.

“A sociedade age por consenso. A multidão age pelo estabelecimento de uma relação. A massa pela convergência de escolhas individuais. (...) A peculiaridade do público reside (...) na discussão (...). A opinião pública é um produto colectivo (...) não é uma opinião unânime (...) é uma opinião combinada, formada por diversas opiniões existentes no público, opiniões essas que competem entre si. Em resultado desse jogo, a opinião pública é configurada pela força relativa e pela oposição entre as restantes opiniões. (...) Sendo a opinião pública um produto colectivo, ela representa o público como um todo, e assim, possibilita a ação em conjunto. Esta ação não é baseada necessariamente no consenso, ou numa relação específica ou no alinhamento de escolhas individuais” (Monteiro *et al.*, 2006, p. 249).

Toda a comunicação, seja ela de que tipo for [mediada, face-a-face ou quase mediada (Giddens, 2004, p. 467)], procura ser o mais eficaz possível, considerando-se sempre a existência de ruído ou outros fatores de entropia (Fiske, 2005, p. 27). Para isso, é preciso que os códigos apresentados sejam claramente perceptíveis, visando comunicar eficazmente, tendo a noção de que “um código é um sistema de significados comum aos membros de uma cultura ou subcultura” e que os signos, regras ou convenções que o constituem “podem ser combinados de maneira a formar mensagens mais complexas” (Fiske, 2005, p. 36).

1.1. Formas históricas da teatralidade: comunicação e espaço público.

No século V a.C. assiste-se aos primeiros espetáculos de teatro na sua acepção plena, amadurecidos em relação às anteriores manifestações teatrais. Com a criação de textos escritos por Ésquilo, Sófocles ou Eurípedes para serem representados no grande teatro de arena, nos anfiteatros ao ar livre (alguns com uma capacidade para milhares de pessoas assistirem), temos então uma concepção de teatro mais próxima daquilo que designamos hoje como arte teatral. O teatro deste período, escrito para ser representado, tinha já as características contempladas na Poética de Aristóteles que nos acompanha até aos dias de hoje como base de pensamento sobre as unidades de tempo, espaço e ação, bem como o conceito de *catharsis* (Snodgrass, 1988, p. 400).

É neste século que a tragédia e também a comédia ganham destaque como géneros teatrais. Eram representados em festivais que duravam dias e eram abertos a toda a população. O Estado considerava que o teatro era uma forma de educar o povo. Nestes festivais, a comédia expunha "os governantes locais pelas suas imperfeições, tecendo comentários sobre situações públicas embaraçosas e expondo escândalos" (Snodgrass, 1988, p. 88). Assim, os dramaturgos expunham-se a riscos, mas havia um respeito por eles que não tem paralelo com autores mais recentes. Assistir a estas apresentações "representava uma obrigação religiosa, para além do divertimento" (Snodgrass, 1988, p. 89). Os festivais eram tão importantes para os gregos, que toda a gente era incentivada a participar: crianças, mulheres, prisioneiros e escravos. Àqueles que não tinham posses era-lhes devolvido o dinheiro, quando os festivais começaram a ser cobrados. Todos os negócios públicos e privados eram suspensos. Assim, teremos o nascimento do teatro como o entendemos no mundo ocidental.

Esta génese decorreu num ambiente público de exposição de costumes e de práticas governamentais descritas de forma jocosa e apresentadas a um público. O conceito de público poderá aqui ser entendido como "uma categoria social de pessoas, reagrupadas no espírito de quem as considera, que vive num determinado espaço territorial e é susceptível de interessar por uma determinada questão (de ordem política, económica, social, intelectual, cultural, artística, etc.), discuti-la entre si e posicionar-se sobre ela" (Monteiro *et al.*, 2006, p.248).

Posto isto, poderemos assumir a reflexão de que o teatro é uma forma de comunicação inerente à génese do espaço público, sendo o espetáculo o ponto de partida de um tipo de interação face-a-face já aqui referenciada na descrição de Thompson (Giddens, 2004, p. 469).

Neste contexto em que o teatro expõe e critica assuntos de ordem pública ou privada para espectadores ávidos de o receberem, temos um ato de comunicação que incita ao pensamento crítico da sociedade em questão, o tal momento de catarse que permite, com emoção, purgar os males apresentados. Teremos assim um espaço público na Grécia Antiga onde, num momento teatral, há um convite ao debate público sobre as suas questões sociais.

Neste âmbito podemos situar o conceito de esfera pública de Habermas, como "espaço de debate público onde se podem discutir questões de interesse geral e uma área na qual se podem formar opiniões" (Giddens, 2004, p. 466). Para Habermas, a esfera pública começa a desenvolver-se nas grandes cidades, onde as pessoas se encontravam nos salões e cafés para debater questões a partir de folhas de notícias e jornais quando estes começavam a aparecer.

No século XVIII temos autores franceses como Marivaux, Beaumarchais ou Diderot que marcaram a história teatral ocidental. Diderot é um autor de dramas burgueses, Beaumarchais de dramas políticos e Marivaux de comédias de costumes (Solmer, 2003, p. 20). Marivaux, com um estilo muito próprio, desenvolve "as suas intrigas dentro dos padrões de uma moral sustentável e mesmo agradável à burguesia" (Peixoto, 2006, pp. 147-148), recorrendo à metáfora para não ser politicamente incorreto, o que não o impedia de criticar o mundo à sua volta. Beaumarchais criava nas suas comédias um ambiente subversivo raiando a insolência, criticando costumes e política. Admirava Diderot e era influenciado por ele, mas a plateia era hostil com Beaumarchais. Ainda assim, obteve grande sucesso com o "Barbeiro de Sevilha". Diderot marcou mais pelos estudos teóricos como o "paradoxo sobre o ator", influenciando grandes pensadores, tendo sido "um dos grandes responsáveis pelo despertar das consciências que conduziam à Revolução Francesa" (Peixoto, 2006, pp. 148-149). Diderot é um dos autores de teatro que usava as suas recensões críticas em jornais de arte e cultura (institucionalizados neste século) para educar e ser a voz do público. Seria então um juiz das artes, como lhe chama Habermas. Estes juízes tinham como princípio o seu próprio juízo, mas as críticas literárias e artísticas eram também consequência das

críticas que as próprias obras refletiam. O público ficava assim mais esclarecido e, desta forma, considerava-se a si próprio como "processo vivo do Iluminismo" (Habermas, 2012, p. 123). Estes artigos eram encarados como objetos de discussão nos cafés e salões do público que os frequentava. Esta esfera pública forma-se a partir da separação entre uma sociedade aristocrática e um público que se formava nos grandes teatros (museus, concertos) entendido como burguês, também advindo daí as necessidades inerentes às publicações e ao consumo teatral caracterizado por obras e géneros acima referidos.

1.2. O teatro no século XXI e o conceito de Novo Espaço Público de *Innerarity*

Depois de assistirmos a várias transformações estéticas na história do espetáculo teatral, desde a tragédia, comédia, teatro religioso, popular, drama, tragicomédia, *commedia dell'arte*, isabelino, de costumes, burguês, romântico, naturalista, realista, expressionista, grotesco, construtivista, futurista, político, crueldade, épico, social, simbolista, absurdo, pobre, vazio (Solmer, 2003), temos hoje um teatro que se revela também dotado de variadíssimas formas e géneros. Falamos hoje de uma arte teatral influenciada por todas estas transformações e adicionando outras como o *happening*, a *performance*, o teatro antropológico, teatro do oprimido, o teatro invisível, o teatro imersivo, o teatro circo, o teatro dança, etc. Temos hoje uma configuração que resulta de uma mescla de influências teatrais e de uma globalização que é parte constituinte deste resultado, onde a troca de informação se realiza mais rapidamente.

Surgem aqui algumas questões importantes. Será que atualmente poderemos caracterizar o teatro como nas épocas anteriores referidas? Mesmo com variadas estéticas teatrais ao longo dos séculos, o teatro nas épocas referidas influenciou a esfera ou espaço público de forma determinante. O que poderemos observar sobre os dias de hoje na relação teatro/espaço público? O teatro continua a ter a influência que outrora revelou ter nas sociedades? Quem é o seu público nos dias de hoje?

Não se pretende responder de forma absoluta a estas questões, mas tentar realizar um pensamento reflexivo sobre o assunto. Para isso, pode ser traçada uma linha muito breve sobre os últimos anos que nos precedem, deixando como início de raciocínio o que se pode entender hoje por espaço público:

“lugar onde os problemas são assinalados e interpretados, onde as tensões são experimentadas e o conflito se converte em debate, onde é encenada a problematização da vida social (...) [e que] reúne a totalidade dos processos de configuração da opinião e da vontade colectivas. (...). Refere-se ao tipo de comunicação que é efectuada pelos actores sociais na esfera em que são decididos os assuntos de interesse comum” (Innerarity, 2010, p. 10).

Como vimos, o teatro reúne pessoas num processo dialógico de copresença; teatro é comunicação. Deste modo se depreende facilmente que o teatro é, assim, espaço público, tendo em conta a definição de *Innerarity*. A sua multiplicidade de representações e manifestações é uma mescla existencial revendo-se facilmente naquilo que pode ser uma visão abrangente dos nossos dias:

“O adjetivo mais utilizado para caracterizar as nossas sociedades é o que provém do substantivo «complexidade». (...) A sociedade pós-moderna aparece então como uma realidade multiperspectivista ou (...) policontextual. (...) O resultado desta pluralização é a perda de um ponto unitário ao qual se pudesse reconduzir a comunicação, a delimitação das barreiras vigentes, a multiplicação dos contextos acessíveis. Deste modo fica suprimida ou, pelo menos, problematizada a possibilidade de uma *representatio identitatis*“ (*Innerarity*, 2010, pp. 146, 148).

Pode então dizer-se que a atual conceção de teatro enquanto lugar de interação é representativa do mundo atual. Também é pacífico afirmar que as suas variadas formas de manifestação são fruto desta realidade diversificada. No seio de cada estética existe a mesma complexidade, como se nela pudéssemos representar metaforicamente a sociedade. Ou seja, a própria construção do espetáculo nasce também da ordem da complexidade, da mesma matriz da sociedade que lhe dá forma e que o teatro também configura.

1.3. A identidade como alteridade: o processo teatral

O teatro é a obra de arte viva (Appia, 1970); é “(...) o lugar no qual uma ação é realmente desempenhada por corpos vivos diante de corpos vivos” (Rancière *apud* Pessoa, 2012, p.113). Na arte teatral existe uma relação direta com a sociedade:

“existe, de facto, uma relação inevitável entre a arte e a sociedade/moralidade, na medida em que as obras de arte não se produzem isoladamente. Para compreendê-las é preciso estudá-las objetivamente no contexto sociocultural em que se realizaram e se enquadram, porque quer a obra quer o artista que a compõe são produtos sociais/morais” (Barroso, 2017, p. 13).

Uma das mais reconhecidas facetas do teatro ao longo da sua história prende-se com a exposição e crítica de assuntos públicos ou privados, assumindo-se como óbvio ato de comunicação incitador do pensamento sobre as sociedades em que se inscreve. Como já vimos, o teatro convida à catarse (Snodgrass, 1988), ao momento em que se reúnem as condições para questionar e purgar os males da vida. É nesta perspetiva que se considera não ser possível dissociar o teatro/arte da sociedade, sendo ela produto e produtor de questões sociais/morais. Deste modo, é criado o diálogo entre a obra e o seu público num momento comum e vivo.

O processo teatral é um fenómeno comunicativo no momento do espetáculo. É um fenómeno de copresença (Figueiredo, 2000) no momento em que as portas do diálogo se abrem e deixam o processo criativo revelar-se, resultando no espetáculo que se vê e de quem o vê de forma ativa. O espectador tem um papel importantíssimo, tanto neste momento de espetáculo, como em todo o processo anterior ao momento de exibição. É a partir dele e para ele que se constrói a obra teatral, a partir do pensar social (Pessoa, 2012) e de volta para a sociedade.

O teatro é este encontro entre pessoas onde o contacto acontece. É um momento unificador de espaço e tempo, de espetáculo e público, entre ator e espectador, onde se acende o diálogo, uma troca de signos:

“todo o teatro é comunicativo porque existe sempre «contacto». O «contacto» refere se à relação que o actor estabelece com o público, como diz Grotowski (...): «Agora eu estou em contacto convosco, vejo ente vós aqueles que estão contra mim. Vejo um que se mostra indiferente, outro que escuta com um certo interesse, e um outro que ri. Tudo isso modifica as minhas reacções” (Figueiredo, 2000, p. 24).

Este contacto é presencial, mas a alteração das realidades de sociabilização para o mundo digital gera ainda mais a falta da presença face-a-face. Urge cada vez mais a necessidade e a vontade intrínseca de estarmos presencialmente, como bem se entende nas palavras de Appia:

“(...) experimentamos uma necessidade cada vez mais imperiosa de nos reunirmos, seja ao ar livre, seja numa sala que não foi destinada, antecipadamente, a uma das nossas manifestações públicas, com exclusão das outras, mas portanto e pelo contrário, a única razão será simplesmente reunirmo-nos, tal como na catedral do passado” (Appia, 1970, p. 196).

Tal entendimento leva a ponderar que a “compulsão da proximidade”, é uma necessidade intrínseca do ser que é social, definida por Deirdre Boden e Harvey Molotch e que Giddens resume:

“As sociedades modernas caracterizam-se, em grande medida, por transacções interpessoais indirectas sem necessidade de qualquer tipo de co-presença. Tal conduz ao que foi já designado como compulsão da proximidade, a tendência para desejar uma presença face-a-face sempre que possível. As situações de co-presença fornecem uma informação muito mais rica acerca do que as outras pessoas pensam e sentem, e do seu grau de sinceridade, do que formas indirectas de comunicação” (Giddens, 2004, p. 104).

A interação face-a-face no contexto de copresença associada à ideia de que o “rosto e o discurso estão ligados essencialmente ao sujeito e à relação entre indivíduos”

(Pessoa, 2012, p. 99), permite assumir a copresença como forma de alcançar um conhecimento de si e do outro mais completo. Isto ocorre através do fluxo de signos nessa reunião, enquanto experiência em comum que incita à empatia na identificação com o outro.

Aplicando esta ideia ao teatro, é perceptível o seu papel enquanto promotor dessa identificação, ao criar uma ligação tanto do ator com a sua personagem num estado de alteridade, como do espectador que encontra significado na sua observação/participação e capacidade empática de ele próprio viver esse estado de alteridade.

Teatro é arte viva, teatro é comunicação, teatro é catarse, teatro é alteridade. Entende-se assim que a alteridade é algo que não se dissocia do teatro, mas também é algo que não se dissocia de questões éticas. Na senda de “Lévinas, a alteridade é o ponto de partida para a edificação da ética. A subjetividade deverá acolher a diferença como pressuposto da elaboração de um discurso e de uma efetivação ética (...) não homogeneizante, mas [enquanto] abertura e estímulo da relação com o outro” (Pessoa, 2012, p. 98).

O outro é contemplado desde o início e durante o processo criativo de teatro até ao momento do espetáculo, pensando-se sempre para quem é dirigido. Toda a arte pode ser expressão, mas, no teatro em particular, ela é expressão artística sempre com a perspectiva do outro; o outro que aqui surge como ignição, bússola, teia, trama, alavanca de um processo estético. Resulta numa comunicação que não acaba em si mesma, pois é modificada a cada instante no diálogo com o público, com o outro.

“No âmbito da relação com a alteridade em seu aspecto humano, esse conhecimento do outro instaura uma relação necessária de abertura de si mesmo para se deixar experienciar na relação com o outro. O ato de comunicar se apresenta, neste momento, como ação ética, na medida em que não existe comunicação sem a pressuposição de uma alteridade com a qual se estabelece um contato com a diferença, deixando-se afetar por ela. A comunicação, assim, se pauta na ética de uma experiência da alteridade” (Martino & Marques, 2019, p. 28)

O ato de comunicação teatral ator-espectador é consentido pelas partes. É uma união de diferentes visões que tem o objetivo de ser um bom relacionamento para ambos exigindo responsabilidade mútua. Estando criada esta relação sempre livre e consensual de base responsável, podemos tratá-la como instituição justa, fazendo um paralelo com as palavras de Ricoeur, quando afirma que a intenção ética é “visar a vida boa com e para os outros nas instituições justas” (Rocha, 2008, p. 13).

Temos, portanto, estabelecida uma relação não apenas de cruzamento, mas de genuíno parentesco entre teatro, comunicação, alteridade e ética. O entendimento do teatro enquanto arte, logo, enquanto manifestação estética, acaba por ser superficial. O teatro nasce do outro e para o outro enquanto criação indissociável da sua dimensão comunicacional. Excede o ato artístico de expressão estética. É também estético, mas não apenas. É sempre relação, sempre consentimento, sempre produto e produtor da sociedade em que existe. Vive da e na discussão social, e também por isso, processo ético.

1.4. Territórios de alteridade

Propomo-nos compreender o teatro-espetáculo como processo de comunicação, criador de espaço público e como processo ético, e sendo assim, de que forma é que ele cria um sentido comunitário ou uma relação de pertença a um determinado território.

Jorge Dubatti afirma que “na palavra teatro estão inscritos o território, o objeto observado e o observador” (Eastwood & Muniz, 2014, p. 254). No seguimento deste raciocínio, teremos o teatro como lugar, por si só território e que, portanto, impõe limites. No entanto, este território é volátil. A territorialidade está em permanente movimento, o território é um espaço subjetivo que é construído a partir de processos, também eles subjetivos. O conceito de território poderá ser complexo, na medida em que se relaciona com outros conceitos: como o controlo do espaço, a fisicalidade de um espaço, um espaço simbólico como as identidades sociais e envolve o sentido metafórico como o teatro (Dubatti, 2021).

Cada um é responsável pelo seu próprio território. Ainda assim, no momento de convívio teatral ou teatro convívio (termo utilizado por Jorge Dubatti, que se refere exatamente ao encontro com o público), são criados novos territórios individuais e sociais que são impulsionados por esse mesmo momento de espaço e tempo únicos, o espetáculo copresente que “converte as pessoas em herdeiros de algo que acaba por constituir o que modifica as cidades” (Dubatti, 2020).

É esse mesmo momento de comunhão, que Nicholas Ridout, centrando-se na natureza social do encontro, classifica de vibratório, um tremor comunicacional entre ator e espectador, uma experiência com uma ligação vibratória entre cena e público. Esta ligação vibratória opera em duas dimensões: quanto aos atores, a alteridade que representam implica que o corpo se adapte à sociabilidade gerada no teatro; quanto aos espectadores, verifica-se pelo seu ato de observação, de forma física, emocional e social (Pais, 2018, p. 32). Ana Pais chama de comoção partilhada ao pensar esta relação entre cena e público, como uma relação recíproca e bidirecional, considerando o público como concretizador final da forma do espetáculo, e que, retomando a noção de catarse, ela só pode acontecer por meio poético, de promoção estética, que cujo prazer provém do conhecimento sensorial e cognitivo (Pais, 2018, p. 248). Assim falaremos de retorno autopoietico a este movimento de reciprocidade entre atores e

espectadores referido por Fischer-Lichte e citado por Pais (2018, p. 27). O público é uma presença ativa no desenrolar do espetáculo. Tudo o que é perceptível aos sentidos de uma forma consciente gera significados. Estes significados individuais e sociais são criados a partir da cena. O “meio é a mensagem” como diz McLuhan, mas não existem mensagens sem ruído. O que nos leva a dizer que as identidades são um conjunto de multiplicidades e diferenças no seu espelho com o(s) outro(s), na sua alteridade. As identidades são construtoras e construídas simultaneamente com o seu território. O teatro também ele é identidade que se constrói e é construído a partir do seu território. O sítio em que se insere e se envolve é permeável a um movimento recíproco, contínuo e cíclico entre quem faz e se envolve na construção cénica, artistas, público e técnicos. Todos estes lugares que o teatro pode propor são eles próprios repletos de subjetividades inerentes aos conceitos relativos à palavra território.

Mas, também não poderemos deixar de acrescentar a noção de “teatro pobre” de Grotowski, em que o teatro não “é uma amálgama de disciplinas”; os espetáculos produzidos através de um trabalho de laboratório e pesquisa “são estudos minuciosos das relações ator/público (...) a técnica pessoal do ator é o núcleo da arte teatral” (Grotowski, 1975, p. 13). Reafirma-se que o teatro “não pode existir sem a relação ator/espectador, sem a comunhão de percepção direta, viva” (Grotowski, 1975, p. 17). Isto remete-nos inequivocamente para a comunicação entre ator e público e conseqüentemente para os territórios partilhados entre estas duas faces do espetáculo, o que propõe, o que deixa ficar e o que constrói.

2. Materiais e Método

Com o propósito de conferir fundamentação metodológica para o nosso estudo, investigamos métodos de pesquisa segundo Clifford Geertz (2001) e o seu estudo antropológico, Walter Benjamin (1984) e a experiência filosófica bem como John Fiske (2005) relativamente à interpretação que o autor constrói sobre a etnografia das audiências. Começamos por referir Geertz na sua visão sobre a relação entre a antropologia e a filosofia:

“Como convém a duas disciplinas não claramente definidas e voltadas ambas para tudo o que diz respeito à vida e ao pensamento humanos, a antropologia e a filosofia são mais do que suspeitas uma para a outra. A ansiedade decorrente da combinação de uma difusa e confusa identidade acadêmica com a ambição de relacionar tudo a praticamente tudo, para assim chegar ao fundo das coisas, deixa-as inseguras quanto ao que cada uma deve fazer. Não que suas fronteiras se confundam; antes, não têm fronteiras claramente demarcáveis. Não que seus interesses diverjam; ao contrário, parece que a elas nada escapa” (Geertz, 2001, p. 7).

Esta afirmação remete-nos para o que entendemos ser este estudo, que pode ser de compreensão complexa, mas não complicada. Pretende ser conhecedor de algo que não acaba em si mesmo, que se repercute em variáveis de caracterizações sociais que não são fechadas, mas abertas a um processo cultural vivo.

Segundo Clifford Geertz, a antropologia contém métodos interpretativos de estudo da cultura, sendo que os elementos estéticos são seus pertencentes e relacionam-se com várias dimensões da mesma realidade (Oliveira, 2012). A “análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta do continente dos significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (Geertz, 1989, p. 30). Além disso, as interpretações não devem ser pensadas unicamente de modo funcionalista, “apenas materializam uma forma de viver e trazem um modelo específico de pensar para o mundo dos objetos, tornando-o visível” (Geertz, 2008, p. 150). A interpretação cultural de um determinado caso liga-se à sua linguagem estética,

que varia de indivíduo para indivíduo e de grupo para grupo: no caso de uma peça teatral, ela é “um produto de experiência coletiva que vai mais além da própria experiência” (Geertz, 2008, p. 165). Esta experiência refere-se à variedade de aspectos humanos que a vida disponibiliza e que propõe na sua relação com a realidade. A realidade liga-se à experiência humana e "a variedade da expressão artística é resultado da variedade de concepções que os seres humanos têm sobre como são e funcionam as coisas. Na realidade, são uma única variedade" (Geertz, 2008, p. 181).

Os objetos estéticos entendidos através de uma interpretação são tratados como parte cultural de uma sociedade, identificando os signos que eles apresentam, bem como a sensibilidade e a experiência que os estimula, acreditando-se que "uma boa interpretação de qualquer coisa - um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma instituição, uma sociedade - leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar" (Geertz, 1989, p. 28).

De acordo com Walter Benjamin, a filosofia permite entender que “o contar, o representar, deve ser pensado no mesmo ângulo de visão que o ser que conta, que representa e que é representado” (Oliveira, 2012). Benjamin diz que:

“A quintessência de seu método é a representação. Método é caminho indireto, é desvio. A representação como desvio é, portanto, a característica metodológica do tratado. Sua renúncia à intenção, em seu movimento contínuo: nisso consiste a natureza básica do tratado. Incansável, o pensamento começa sempre de novo, e volta sempre, minuciosamente às próprias coisas. Esse fôlego infatigável é a mais autêntica forma de ser da contemplação. Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo. Ela não teme nessas interrupções, perder sua energia, assim como o mosaico, na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde sua majestade. Tanto o mosaico como a contemplação justapõem elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade” (Benjamin, 1984, pp. 50-51).

Neste âmbito deverá ser considerado o processo filosófico pelo qual se analisa um determinado caso que não se encerra em si mesmo, por não se tratar de um sistema fechado. Este caso caracteriza-se como um processo em aberto, bem como a sua análise (Oliveira, 2012).

Noutra aceção, John Fiske afirma que, frequentemente, nos estudos de método empírico, a comunicação é tratada com dados factuais como uma série de mensagens. O autor entende que, muitas vezes, a sua significação mais abrangente pode ficar por desvendar. Neste estudo procura-se perceber como a comunicação gera significação, e correlaciona a estrutura das mensagens com a estrutura da sociedade, assumindo as mensagens como agentes de poder social (Fiske, 2005, p. 208). Assim, a nossa pesquisa deve ser realizada através da própria experiência como ponto de vista, participante no processo, obtendo assim uma visão mais aproximada do que o estudo de caso significa, alargando o modo analítico de interpretação ao leitor e ao que o próprio faz da sua significação. Este tipo de estudo de matriz etnográfica mostra “um processo cultural em ação que requer interpretação através de um método teoricamente informal” (Fiske, 2005, p. 215). Isto permite observar uma comunicação em processo possibilitadora do “estudo das significações na sua circulação social” (Fiske, 2005, p. 216).

O estágio que este trabalho reporta pautou-se, portanto, por uma abordagem exploratória com pesquisa bibliográfica e documental, com técnica de levantamento de dados feito por documentação indireta e com observação direta participante e não participante (Gil A. C., 2010). A este método poderemos acrescentar a pesquisa-ação (Thiollent, 2006) possibilitadora do tratamento dos dados da pesquisa como ação integrante de resultados interpretativos do caso de estudo, resultando na realização de um documento de arquivo crítico, o livro *Rastilho* e a participação ativa no espetáculo *Não Judas 2021*.

3. Trigo Limpo Teatro ACERT

O Trigo Limpo formou-se em 1976, e desde então, como companhia profissional de teatro, tem desenvolvido um trabalho de intervenção cultural comunitária de forma criativa e socialmente integrada, fruto da curiosidade de diferentes linguagens artísticas e do espetáculo, possibilitando também uma intervenção teatral experimental. A resposta à necessidade de ampliar a sua intervenção cívica foi formada a ACERT – Associação Cultural e Recreativa de Tondela em 1979. A sua atuação é pluridisciplinar nas suas áreas artísticas, sendo a sua vertente criativa potenciada pelo Trigo Limpo teatro ACERT, o núcleo que lhe deu origem (ACERT, 2020). Esta característica de ter uma companhia de teatro na sua génese influencia o crescimento da ACERT, tendo assim um projeto maior, como a promoção de espetáculos, formação e produção artísticas, que é garantida por uma equipa profissional na sua gestão de programação permanente, já que a ACERT é proprietária do espaço físico: o NOVO CICLO ACERT. Este espaço que acolhe espetáculos, com uma programação permanente, é também espaço de criação e produção teatral do Trigo Limpo teatro ACERT, que também garante a operacionalidade da associação. A ACERT também tem outras atividades como os núcleos desportivos de Escalada, Basquetebol e Karaté, bem como o grupo de teatro da Escola Secundária de Tondela residente no NOVO CICLO ACERT, com direção artística do Trigo Limpo teatro ACERT e apresenta uma produção anual (ACERT, 2021).

O espaço físico, o NOVO CICLO ACERT, integra três auditórios, várias salas de formação, estúdio de gravação áudio, galeria de exposições, loja e bilheteira, bar e restaurante concessionados. Constitui uma programação diversificada, regular e pluridisciplinar. Programa dois festivais anuais, o TOM DE FESTA – Festival de Músicas do Mundo, e o FINTA – Festival Internacional de Teatro da ACERT já com vinte e sete edições. Estes dois festivais são uma forte componente cultural para angariação de públicos e têm contribuído para a circulação de espetáculos de grupos internacionais e nacionais. Este espaço também acolhe pré-produções de espetáculos, onde se instalam companhias e grupos de criação artística.

Os espaços de que o NOVO CICLO ACERT é composto são diferenciados não só fisicamente, mas também diversificado na sua utilização. Será importante referir que o

NOVO CICLO ACERT atua e encaminha as suas atividades para além deste espaço, descentralizando-se por todo o território do concelho de Tondela, atuando noutros espaços junto das comunidades para uma maior proximidade, entrosando-se com outros públicos com menor relação com atividades artísticas, para que possam usufruir dessa relação e participar no projeto que é a ACERT. A ACERT completa quarenta e dois anos de existência e tem tido como esteio “favorecer espaços de reflexão, celebrar com intervenção artística e envolver os cidadãos numa participação mais ativa sobre temáticas que favoreçam a troca de conhecimentos e contribuam para a dignificação dos públicos, numa perspetiva de afirmação da sociedade do conhecimento” (ACERT, 2021). É considerado um dos pontos mais reveladores para a descentralização no centro do país, e assim permanece, integrando agora a recente Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses - RTCP (Direção-Geral das Artes, 2021).

O Trigo Limpo teatro ACERT nasce em 1976. Até 1979 produz em espaços provisórios, passando a partir daí a ter um espaço fixo, ainda assim, diminuto. Só em 1984 encontra novo lugar (um antigo hospital) que permitirá desenvolver o que é a vontade do grupo: através do teatro romper paradigmas instalados nas mentalidades consignadas da altura e “participar ativamente na história de um país novo” (ACERT, 2021). Também dessa forma consegue mais capacidade para produzir artisticamente e intervir na região de forma mais eficaz e estável, pois consegue uma infraestrutura adaptada à apresentação de espetáculos e à sua circulação. A itinerância também é uma das valências da companhia, representando mais de metade no total da sua atividade, e assim também contribuir para a descentralização, aproximando-a de outras realidades culturais, inclusivamente internacionais, tendo já estabelecido intercâmbios com a Galiza, Brasil e Moçambique.

O Trigo Limpo teatro ACERT é uma companhia de teatro que procura artisticamente novas linguagens que potenciem o teatro experimental na medida em que ele possa conter criações integradas socialmente, e de “intervenção cultural comunitária”. Já produziu dezenas de espetáculos com textos próprios, a maior parte adaptações de textos contemporâneos, entre outros originais. A companhia celebra este ano de 2021, quarenta e cinco anos e já produziu cerca de cento e trinta e sete espetáculos (ACERT, 2021).

Os espetáculos de rua caracterizam esta companhia como uma das mais singulares e regulares em Portugal. Estes espetáculos têm sido anuais e acabam por moderar as

outras criações teatrais. Neste segmento encontra-se o nosso ponto focal: a *Queima e Rebentamento do Judas*.

3.1. Descrição geral do estágio

O estágio começa com uma pesquisa aos dados existentes dos “Judas” anteriores no arquivo da ACERT, nomeadamente por dois livros “Trigo Limpo Teatro ACERT - 25 anos a fabricar sonhos” e “ACERT XL, o fio, a trama e a urdidura”. Procedeu-se à consulta de ficheiros digitais arquivados (algumas fotografias, desenhos e guiões/ textos do “Judas”) que foram fornecidos pelo orientador de estágio, Pompeu José, também diretor artístico da ACERT. Os cartazes, registos em vídeo, fotografias dos espetáculos e da fábrica da queima foram recolhidos via *internet* através de uma pesquisa exaustiva em bases de dados e arquivos digitais. Procedeu-se ainda à consulta detalhada do jornal Folha de Tondela, incidindo sobre o período entre 1996 a 2020, nos meses de março, abril e maio retirando daí toda a informação noticiada sobre a “Queima e Rebentamento do Judas” da ACERT.

Com as restrições devido à doença do coronavírus (COVID-19) toda a programação prevista da ACERT para o período previsto de estágio foi cancelada. Em alternativa iniciou-se uma série de atividades e apresentações digitais nas redes sociais, nomeadamente o “1 minuto e ½” todos os dias às 21h, quarenta e cinco vezes, o “Dia Mundial da Poesia” no dia 21 de março e o “Dia mundial do Teatro” no dia 27 de março. Este período culminou com a comemoração do “Judas” no dia 3 de abril, tal como se descreverá adiante. Paralelamente foi criado um grupo público na rede social Facebook intitulado “#NÃO JUDAS 2”; nele foi postado um vídeo de 2015 da reunião inicial do 1º dia da semana da queima e foi proposta ao público a partilha de memórias das anteriores “fábricas da queima”.

Na impossibilidade de um estágio presencial, dado o contexto da pandemia, foi por nós sugerida a criação de um livro que permitisse o memorar da “Queima e Rebentamento do Judas” realizada pelo Trigo Limpo durante 34 anos. Depois da pesquisa feita, organizaram-se todos os dados recolhidos por ordem cronológica, desde 1986 até 2020. O livro intitula-se *Rastilho* e o nome resulta pela pesquisa já feita e que nos remeteu para dois universos que simbolicamente se unem, rastilho de fogo e rastilho de memória. É esta ideia de união simbólica que permite a organização e a criação artística do livro.

O livro foi elaborado com a colaboração gráfica da empresa de *design* e comunicação *Dois Pontos*. Desta colaboração nasce todo o trabalho consequente de criação gráfica e paginação, incluindo a nossa construção de estruturas em miniatura, inspiradas nas construções cenográficas dos “Judas” (cf. Apêndices). Após aprovação e revisão pelo Trigo Limpo Teatro ACERT, foi publicado na página oficial do Facebook da ACERT, integrando as suas dinâmicas de comunicação institucionais, depois de se ter realizado o espetáculo comemorativo e simbólico do *Não Judas 2021*.

Para além destas atividades, o estágio concretizou-se também na participação ativa na equipa de organização, produção e interpretação no espetáculo em *streaming*.

3.2. Queima e Rebentamento do Judas

“A ACERT realiza, desde 1996 a Queima e Rebentamento do Judas, numa versão de teatro de rua com participação comunitária. Este acontecimento, que marca anualmente o calendário das atividades culturais da Região Centro, é constituído por dois momentos distintos, mas complementares: A Fábrica da Queima e o espetáculo da Queima e Rebentamento do Judas” (ACERT, 2020).

A *Queima e Rebentamento do Judas* da ACERT - Associação Cultural e Recreativa de Tondela é um espetáculo anual com uma única apresentação.

As queimas do Judas por este mundo fora são um ritual de passagem; queima-se o inverno que, ficando em cinzas, se renova, dando origem à primavera. Assim, todos os anos, no primeiro sábado após a primeira lua cheia a partir do equinócio de primavera, temos este festejo que é realizado em vários países e em vários locais de Portugal.

Tondela é detentora desse património cuja responsabilidade de concretização foi legada à ACERT em 1985.

“Desde 1996 que o Trigo Limpo teatro ACERT transforma uma ancestral tradição, o ritual da queima e rebentamento do Judas, num espetáculo comunitário onde se fundem o teatro, a dança, a música e o fogo-de-artifício” (ACERT, 2020).

Ao longo dos anos, esta herança popular foi transformada num espetáculo único que também ele já é tradição. O Trigo Limpo Teatro ACERT transformou este “Judas” num espetáculo de criação artística inigualável. A sua produção conta obrigatoriamente com a participação comunitária, realizando várias oficinas durante a semana anterior ao espetáculo. Nessa semana, de seu nome “Fábrica da Queima”, as centenas de participantes fazem parte da construção deste espetáculo nas suas várias vertentes artísticas: construção cenográfica, música, movimento e interpretação. Dessa forma

darão corpo a um espetáculo que não se esgota nessas oficinas, contando ainda com a colaboração de outras entidades (músicos, associações, formadores, etc.).

“Mais de 200 voluntários são enquadrados, nas várias áreas artísticas, pela equipa do Trigo Limpo teatro ACERT e por profissionais contratados para o efeito, culminando a semana de formação com uma apresentação pública” (Ferreira & Saldanha, 2020, p. 38)

É no sábado antes da Páscoa que tudo culmina no espetáculo para o público, revelando a combinação das áreas artísticas que o compõem e que resultam nesse momento único para quem o faz e para quem o vê, sendo vivido em comunhão como purga de todos os males, como catarse comunitária.

Um espetáculo na rua com dimensões cenográficas gigantescas, com centenas de participantes, público aos milhares e muito fogo, fogo preso, fogo de artifício e o Judas queima e rebenta.

Como referenciado no subcapítulo acima, não foi possível o estágio presencial na sua totalidade, nem o espetáculo *Queima e Rebentamento do Judas* assumiu as suas formas estéticas e produção habituais. Era nosso objetivo o acompanhamento presencial da produção e participação neste espetáculo no seu formato original, percebendo e caracterizando todo o processo de envolvimento que ele aufere e oferece. Ao verificar-se a sua não realização nos moldes tradicionais, percebemos a necessidade de pesquisar sobre todos os “Judas” já realizados, não deixando assim o nosso objeto de estudo sem concretização. Assim deparando-nos com a importância que este tem na memória coletiva e sabendo que “recordar é, em si mesmo, um ato relacional, ou melhor de alteridade” e que esta memória coletiva se forma “a partir de narrações contadas por outros, ou lidas e vistas em outros, o que prova que a memória é um processo relacional e intersubjetivo, mas no seio de um horizonte comum que permite o reconhecimento e a partilha” (Catroga, 2011, p. 13), reconhecemos a necessidade de (re)memorar e (co)memorar. Procurou assim dar-se espaço físico a esta memória na compilação e organização dos documentos, analisando-os e organizando-os cronológica e esteticamente de forma a garantir uma eficaz experiência de leitura. Nesse sentido, revelou-se de particular importância o recurso a profissionais de *design* gráfico, que, em trabalho conjunto tripartido também com a direção artística da ACERT,

possibilitaram o captar da história e da essência do espetáculo. Tal processo decorreu a partir dos documentos originais, possibilitando conversas partilhadas sobre cada passo da criação que dependeria do envolvimento incansável de acompanhamento das necessidades que iam decorrendo página a página. Assim partiremos para o visionamento e esclarecimento das páginas deste espaço de partilha de memória dos “Judas” no livro *Rastilho*. Estes destaques servem as características encontradas no que envolve este espetáculo e já explanadas acima e que verificámos ao longo deste percurso. O livro serve o propósito deste estudo, também ele já resultado da análise realizada.

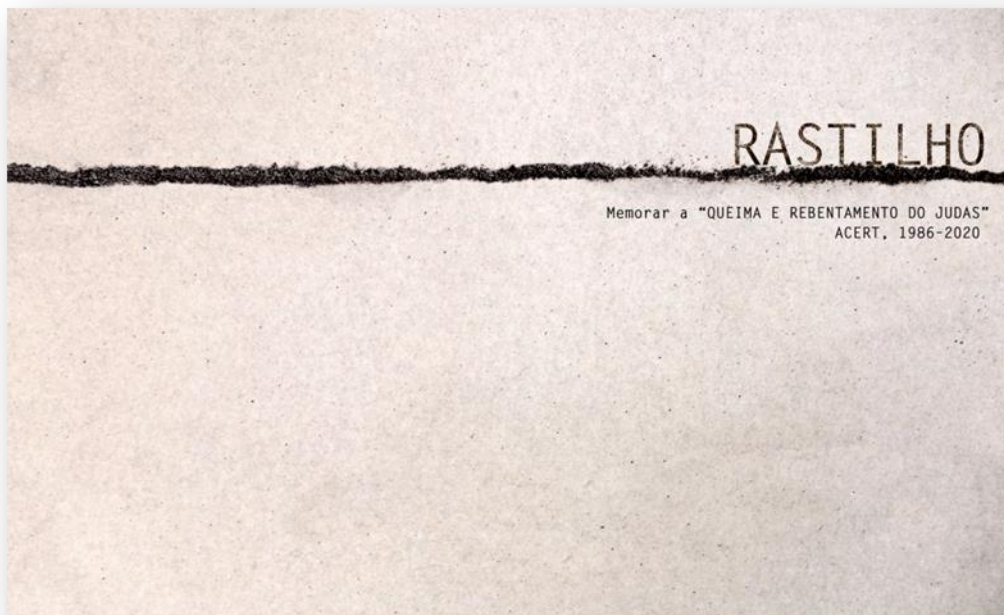


Figura 1 – Capa do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

A figura 1 representa a capa do livro *Rastilho*, traçando já, graficamente, o que se assemelha a um rasto de pólvora seca.

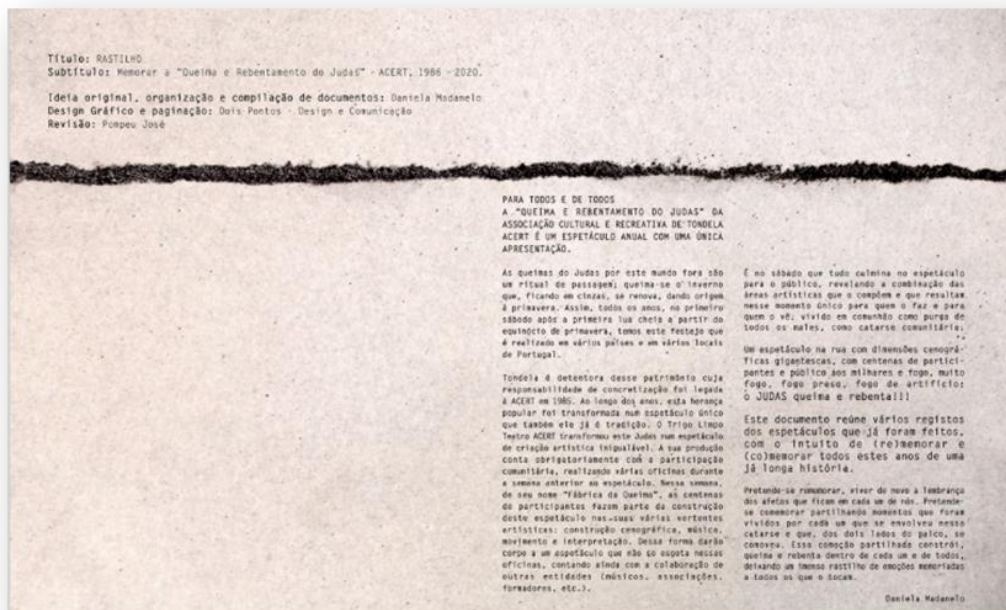


Figura 2 – Página 2 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

A figura 2 apresenta um texto sobre o que é a *Queima e Rebenamento de Judas*, explanando o *Judas* da ACERT e de como este livro vem trazer uma partilha de memórias acerca dos espetáculos já realizados pela ACERT.



Figura 3 – Página 3 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

A partir desta página teremos uma linha cronológica dos Judas, iniciando-se em 1986 e terminando em 2020. A figura 3 permite ilustrar o arranque, de como tudo começou apresentando-se aqui o panfleto inicial de quando a tradição passou a ser realizada pela ACERT, ainda sem as características teatrais e de dimensão do espetáculo em que se transformou em 1996.



Figura 4 – Página 4 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

A figura 4 ilustra de 1990 a 1995 a continuação da tradição já iniciada anteriormente e que continuou a ser realizada pela ACERT.



Figura 5 – Página 5 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Esta página é representativa dos primeiros espetáculos realizados, já com uma dinâmica de um processo teatral mais desenvolvido que os anteriores, como se pode verificar pelos textos, imagens e artigo noticioso.



Figura 6 – Página 6 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na figura 6 surgem documentadas as oficinas que eram realizadas em torno do espetáculo, também confirmadas pelo artigo noticioso, dedicadas à preparação do espetáculo.



Figura 7 – Página 7 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

De 2001 a 2004, a figura 7 apresenta-nos alguns registos da participação comunitária com grupos de grandes dimensões como também das dimensões da cenografia e do espaço envolvente.



Figura 8 – Página 8 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Nesta página vemos representado o ano de 2005 com um pouco da construção cenográfica. Também se pode verificar a estrutura interna que apoia o boneco que arde.



Figura 9 – Página 9 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Em 2006 estão apresentados nas imagens a montagem da estrutura, bem como a deslocação do boneco Judas. Pode também visionar-se o espetáculo a partir do link que está na página, na figura 9. No texto da ACERT podem ler-se as referências associadas ao espetáculo e à semana de trabalho anterior ao espetáculo e de como estas são singulares e emocionais.



Figura 10 – Página 10 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na figura acima identifica-se o projeto gráfico, como também a concretização do mesmo e a sua destruição. Os três momentos fulcrais do Judas, desde a ideia e o seu desenvolvimento, a sua concretização e, por último, de como tudo acaba em cinzas. O artigo de jornal descreve a experiência do momento de partilha do espetáculo e das suas repercussões.



Figura 11 – Página 11 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na figura 11 podemos verificar o excerto do artigo de jornal, destacando a importância deste espectáculo na comunidade-Tondela e na comunidade-País. Também damos destaque ao trabalho de desenho e de estudos de construção.



Figura 12 – Página 12 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na figura 12, destacamos um excerto do texto original onde se verifica um “ajuste de contas” através de um discurso fortemente politizado referente à crise de 2008 e às medidas de austeridade impostas pelo Governo e pela *Troika*. Aliás, este exemplo ilustra aquilo que é a regra de um espetáculo onde a catarse social é bastante evidente.



Figura 13 – Página 13 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Nesta figura destacamos o texto, à semelhança da figura anterior, bem como os estudos gráficos da cenografia que à direita vemos a arder.



Figura 14 – Página 14 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Nesta página podemos verificar um excerto do texto original, um artigo noticioso, os estudos gráficos e um dos momentos do espetáculo onde podemos verificar o volume de participantes e o fogo de artifício. É possível visionar um documentário através do *link* no canto inferior esquerdo.

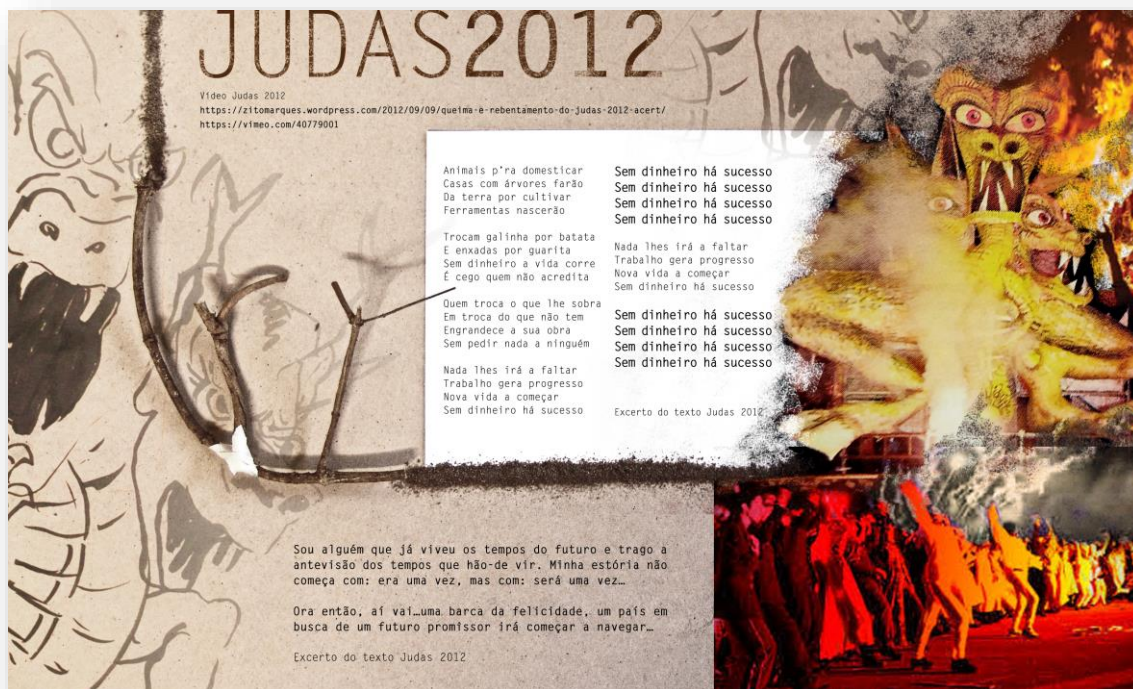


Figura 15 – Página 15 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Nesta página quisemos destacar o texto original deste ano e a fotografia de espetáculo de modo a poder perceber o ambiente causado no espetáculo.



Figura 16 – Página 16 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Os meios visuais e de característica publicitária ou noticiosa sobre o “Judas” são variadas. Na figura 16 podemos ver as referências a vários meios para aceder a partir dos *links*.

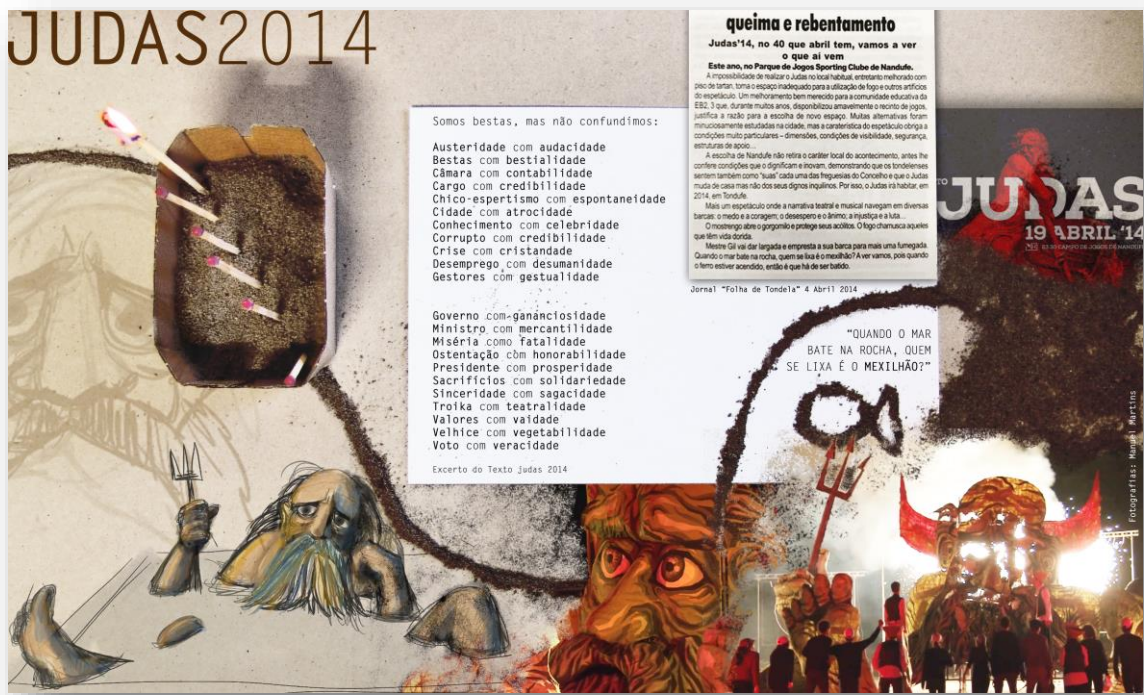


Figura 17 – Página 17 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Neste ano, o local foi outro, mas o espetáculo realizou-se com as mesmas características.



Figura 18 – Página 18 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

A ficha técnica mostra as pessoas envolvidas no processo de trabalho do espetáculo. Os espectadores foram milhares, como podemos ler no artigo noticioso. Na fotografia de espetáculo podemos ver o Judas em forma de cão.



Figura 19 – Página 19 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na fábrica da queima existem oficinas de construção cenográfica, movimento, interpretação e música, como se pode ver nas imagens da figura 19. Nos artigos noticiosos verificamos o envolvimento da comunidade neste espetáculo.

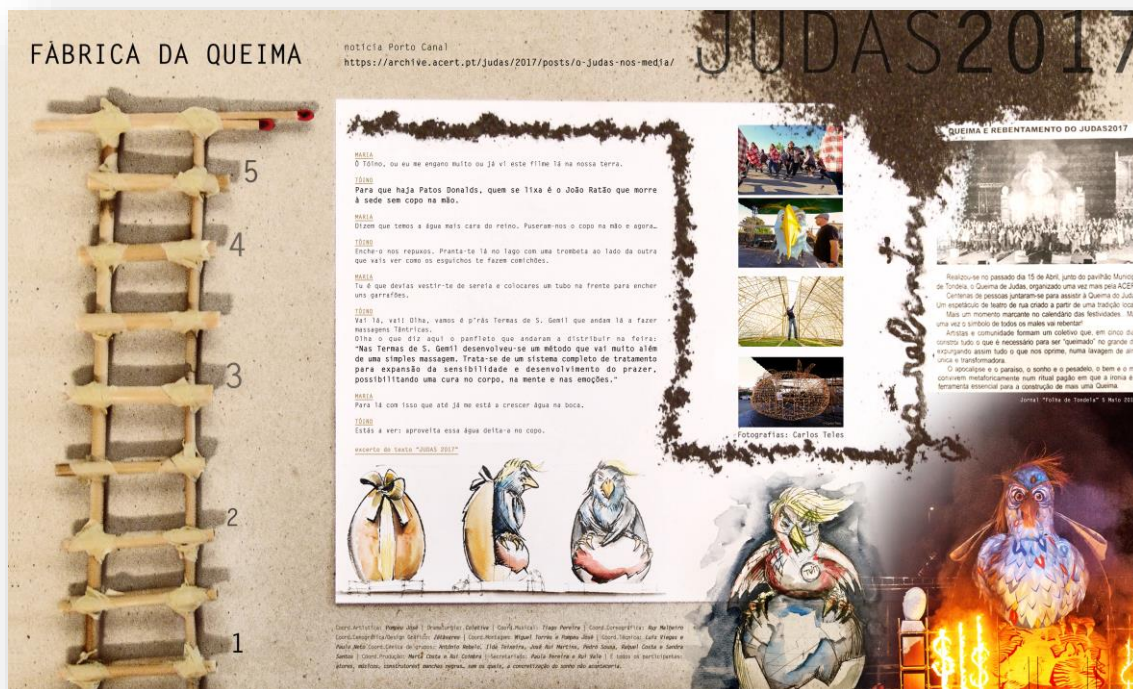


Figura 20 – Página 20 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na página do ano de 2017 damos destaque à fábrica da queima; nas fotografias podemos ver as oficinas de construção e movimento. Podemos ver a ficha técnica e um excerto do texto com críticas aos males locais. São ainda visíveis as centenas de participantes e um resumo do que é este espetáculo no artigo noticioso.



Figura 21 – Página 21 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

O ano de 2018 teve como tema os incêndios de 2017 que assolaram a região de Tondela, bem como outras no país, sem deixar de referir outros assuntos importantes que dizem respeito a todos, como já é habitual no “Judas”.



Figura 22 – Página 22 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Na figura 22 são visíveis os músicos e a plateia, as oficinas de movimento. Um dos temas deste ano foi o da violência de género, como verificamos no excerto do texto original. Foram ainda temas as touradas e os bairros sociais, como foi o caso do bairro da Jamaica. No artigo noticioso podemos ler a descrição de algumas características do espetáculo.



Figura 23 – Página 23 do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

Como já referimos, no ano de 2020 não foi possível a concretização do espetáculo nos moldes habituais, em copresença com o público. Ainda assim, foi criado um evento *online* ao qual foi dado o nome “#Não Judas ACERT 2020” e que teve a sua continuação em 2021, também como projeto digital. Foi criado um grupo no *Facebook*¹ de partilha que conta com milhares de participantes que, durante o confinamento, foram desafiados a fazer a sua queima do Judas em cada casa, partilhando-a no grupo.

¹ “#Não Judas ACERT 2020” – <https://www.facebook.com/groups/219589222691128>

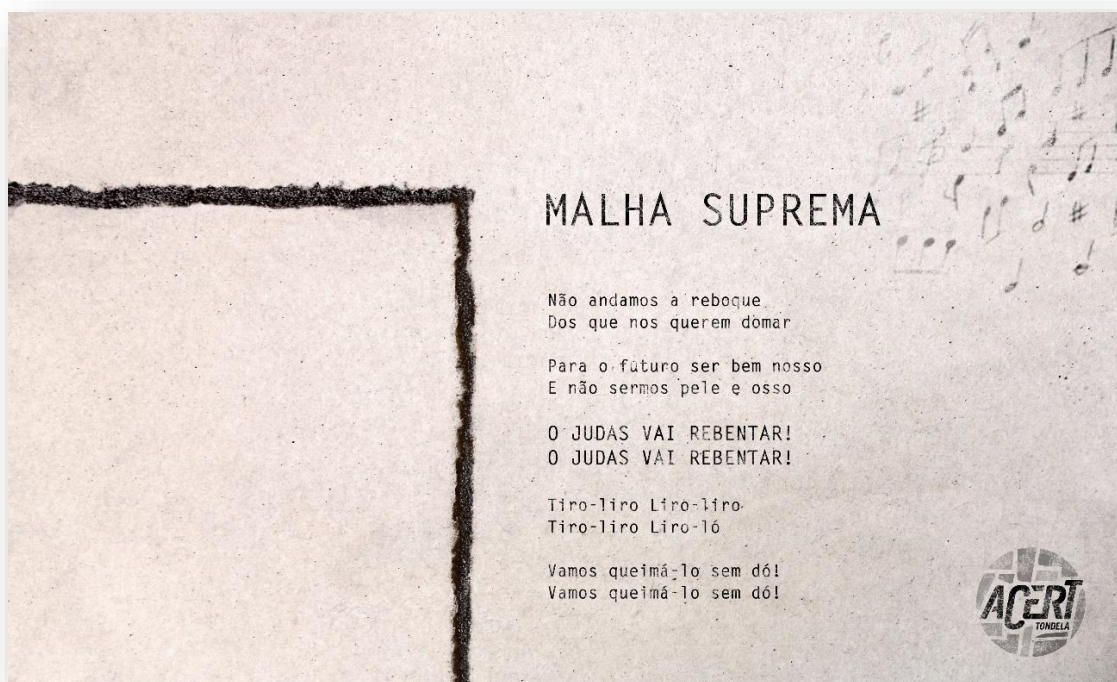


Figura 23 – Contracapa do livro *Rastilho* criado no âmbito do nosso estágio na ACERT.

A figura 24 apresenta a letra da música com que o espetáculo é finalizado todos os anos e que é parte essencial da memória de todos os que participam. É também a última página do livro.

3.3. Não Judas 2021

À semelhança do ano anterior, o espetáculo de 2021 foi precedido com um “não”. A pandemia que assola o mundo continuou a afastar-nos. Assim, este espetáculo foi, pela segunda vez, comemorado em formato digital e de forma simbólica. A edição deste ano contou com um desafio ao público, pedindo o envio por carta dos males que queriam ver queimados.

O espetáculo foi organizado a partir do local escolhido: o Auditório 1 do espaço da ACERT. Este palco, tendo a particularidade de abrir para um auditório interior e do lado oposto abrir para um auditório exterior, permitiu que se realizasse uma queima a partir de uma fogueira controlada e que houvesse fogo preso. Deste modo, foi possível registar e transmitir todo o espetáculo em *streaming* a partir do interior para o exterior.

Os desafios para escrita do guião passariam pela ligação com a comunidade de forma a realmente fazer o julgamento do “Judas” e queimar os males. O guião/ texto foi escrito por Raquel Costa e Sandra Santos do elenco permanente do Trigo Limpo. No texto houve a preocupação de partir de uma crítica aos males no plano local, passando ao plano nacional e depois global. Criado o guião/texto distribuíram-se as personagens e organizaram-se as logísticas inerentes à apresentação, como o aluguer de câmaras e preparação da *régie* para a edição em direto no *Youtube*². Foram realizados diversos ensaios prévios para que se permitisse a transmissão em direto.

² “#Não Judas ACERT 2021” – <https://www.youtube.com/watch?v=EsLU30JKQBU>

Considerações Finais

Durante o estágio foi possível compreender as várias dimensões do estudo de caso escolhido: o espetáculo *Queima e Rebentamento do Judas* do Trigo Limpo Teatro ACERT. O resultado estético deste espetáculo tem como base a intervenção comunitária e a parceria com outras entidades, artistas e colaboradores. A cenografia influenciada pela companhia britânica *Welfare State International* (Welfare State International, 2006) trazida por Pompeu José (Diretor Artístico do Trigo Limpo teatro ACERT) torna-se o grande mote visível e marcadamente inconfundível do espetáculo que é dirigido tanto por Pompeu José como por José Rui (Diretor Artístico do Trigo Limpo teatro ACERT).

O espetáculo, concebido para ser apresentado na rua, coloca centenas de pessoas a participar na sua preparação na semana anterior, a chamada Fábrica da Queima, e é assistido por milhares, todos os anos, desde a sua conceção como espetáculo de teatro de rua, em 1996.

Verifica-se também que, todos estes princípios, idealização, formato e escolhas estéticas transbordaram para outros espetáculos realizados pelo Trigo Limpo, como *A Viagem do Elefante*, *A Fantástica Aventura de uma Criança Chamada Pinóquio*, *O Polegarzinho*, e mais recentemente o projeto *A Passarola*, que irá estrear no próximo ano. Todos estes espetáculos têm três elementos em comum com o caso aqui em estudo: possuem uma construção cenográfica gigantesca, são espetáculos de rua e contam sempre com a participação comunitária.

As edições destes dois últimos anos foram marcadas pelas limitações da pandemia, realizando-se o intitulado *Não Judas*, através do site da ACERT e das redes sociais digitais, com destaque para o *Facebook*. Os participantes nas redes sociais que aderiram ao grupo do *Não Judas* destes dois últimos anos contabilizam-se na casa dos milhares e a transmissão em direto da apresentação simbólica da edição de 2021 chegou às setecentas visualizações, muitas delas correspondendo a famílias, representando, portanto, mais do que um espectador. A dimensão destes números permite assegurar um inegável interesse pelo espetáculo. Ainda assim, os números das edições presenciais de anos anteriores ultrapassam largamente o verificado na solução

online deste par de anos. Tal facto corroborará a importância e especificidade da dimensão copresencial dos espetáculos de teatro.

Este espetáculo tem como esteio a partilha comunitária e só acontece a partir dessa premissa. Foi com o intuito de garantir essa partilha que foram usadas as plataformas digitais como alternativa em contexto da pandemia. Ainda assim, atendendo aos números, estas revelaram-se muito menos apelativas. Pela história do espetáculo, já apresentada no documento o livro *Rastilho* foi possível relacionar estes fatores com a observação direta e participativa no último Judas.

A recolha e análise de material realizadas durante o estágio, a partir de documentos de arquivo e dados *online* da ACERT, a integração na equipa do Trigo Limpo e a verificação de dados nas páginas online da ACERT, permitiram um apurar efetivo do valor essencial da ação do Trigo Limpo em todos os anos da realização deste espetáculo. Esse valor poderá ser descrito como um profundo sentido comunitário de partilha, de participação e a de facultar a voz ativa do público. Mesmo no último espetáculo, ainda que num formato diferente do habitual, a preocupação central incidiu em garantir que os males assinalados, para queimar com o Judas, seriam enviados pela comunidade. Recebidos em suporte papel, foram parte integrante do formato final da trama do espetáculo.

Também na análise das publicações do jornal “Folha de Tondela” verificámos que, ao longo dos anos, é evidente e clara a intensa demarcação do ímpeto público neste momento único de comunhão anual, também tradutor da opinião pública.

A partir dos dados recolhidos e da observação direta, estes resultados mostram-nos a capacidade que a teatralidade intrínseca ao processo Judas contém para disponibilizar esta partilha de centenas e milhares de pessoas reunidas à volta de um espetáculo. A teatralidade aqui refere-se à capacidade de integração individual que, a partir de um mote comum, organiza, reinventa e interpreta. Consideramos também que o momento de espetáculo reúne a partilha dessa teatralidade, que com o público culmina num verdadeiro momento de movimentos, intrínsecos ao ser humano comunicador, de forças enérgicas combinadas.

A teatralidade aqui analisada é o processo teatral onde cabe toda a interação humana presencial, onde se enquadra a capacidade empática de relação com o outro. Não é o teatro edifício e não é o teatro enquanto expressão, mas sim o teatro enquanto

fenómeno comunicacional no momento do espetáculo em comoção partilhada com o público, tendo o seu fundamento artístico e estético delineado para o seu propósito. O teatro em espetáculo com as suas variadíssimas componentes artísticas, uma obra de arte total, com opções estéticas particulares ao seu objetivo, o de comunicar eficazmente.

O teatro tem a sua linguagem, que sabemos complexa, recorrendo a outras artes e linguagens (cenografia, movimento, som, luz, figurinos, etc.) estabelecendo relação entre elas, formando o conjunto que é o espetáculo. Este conjunto é da ordem da complexidade no que toca à escolha dos melhores signos e ponderação das subjetividades de significado.

O teatro é processo de comunicação. Tudo é signo no teatro. O seu envolvimento com o público, que se estabelece a partir de um código próprio, é produto e produtor de cultura, comunica e estabelece um perímetro de relações de vários tipos.

A intenção no teatro sempre foi a mesma, a de comunicar, de pôr em comum, de comungar com o outro. O espaço público contemporâneo é o reflexo e também ele produtor de uma mescla complexa social de marasmos e reticências incontornáveis sobre o mundo.

Não é só a necessidade de existirem espelhos da vida no teatro e ter um público que os reconhece, mas também a necessidade de a comunidade se integrar nesse espelho criando-o, sendo este o processo teatral mais eficaz no sentido do reconhecimento do outro e da sensação de pertença. É no processo teatral de ver, como público, o espetáculo-teatro, mas também no passar pela construção do espetáculo antes da sua apresentação, no sentido comunitário, que o próprio grupo de teatro, neste caso o Trigo Limpo Teatro ACERT, constrói ao disponibilizar a participação comunitária, e no sentido individual de quem participa, através da conquista de espaços e tempos interiores que ajudam a construir o todo.

A ligação da ACERT e do Judas, em particular, é um exemplo claro desta construção bifocal, a individual e a de grupo, tanto pelos participantes construtores antes da apresentação como na apresentação e o seu público. A comoção provém dessa partilha, também ela por identificação com os desígnios descritos no espetáculo.

A ACERT não só nasce de uma vontade de intervenção artística, cultural, social e comunitária, como ela própria é construtora de uma identidade coletiva e social, detentora de um sentido territorial por parte de quem o vive e que quer pertencer.

Referências Bibliográficas

- ACERT. (2020). *A ACERT*. <https://www.acert.pt/acert/>
- ACERT. (2021). *A ACERT e o Trigo Limpo teatro ACERT [Marta Costa - Produção ACERT]*. Tondela.
- Acert, T. L. (2001). *Vinte e Cinco Anos A Fabricar Sonhos*. Tondela: Trigo Limpo teatro Acert.
- Alves, M. (2001). *O Teatro como um sistema de comunicação*. *Trans/Form/Ação*,24(1). 85-90.
<https://www.scielo.br/j/trans/a/s7pvd8NdpkZxd5SMZQH3z5L/?format=pdf&lang=pt>
- Appia, A. (1970). *A Obra de Arte Viva*. Lisboa: Arcádia.
- Artaud, A. (1989). *O teatro e o seu duplo*. Lisboa: Fenda.
- Barroso, P. (2017). *Arte vs. Moral: Oscar Wilde e a Inutilidade Útil*. *artciencia.Com*.
Revista de Arte, Ciência e Comunicação. (20-21)
<https://revistas.rcaap.pt/artciencia/article/view/11061/8086>
- Benjamin, W. (1984). *Origem do drama barroco alemão*. Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Brook, P. (1970). *Espaço vazio*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.
- Brook, P. (1993). *O diabo é o aborrecimento*. Porto: Asa.
- Bulik, L. (2001). *Comunicação e Teatro: Por uma semiótica do Odin Theatre*. São Paulo: Arte e Ciência - Villipress.
- C. (25.04.2014) Milhares de pessoas assistem à Queima do Judas, pp.1. Fábrica da Queima e Queima do Judas, pp.7. *Folha de Tondela*.

- Catroga, F. (2011). *Os passos do homem com o resto do tempo*. Coimbra: Almedina.
- Coelho, P. (novembro de 2000). A Europa da proximidade. *Observatório* - 2, pp. 35-48.
- Cvejic, B., & Vujanovic, A. (2017). Esfera pública através da performance. Em A. Pais, *Performance na Esfera Pública* (pp. 17-27). Lisboa: Orfeu Negro.
- Direção-Geral das Artes. (2021). *Rede de teatros e cineteatros portugueses - RTCP*.
<https://www.dgartes.gov.pt/pt/rtcp>
- Dubatti, J. (2020). *Teatro y Territorialidad - Perspectivas de Filosofía del Teatro y Teatro Comparado*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Dubatti, J. (2021). *Teatro - Territórios y territorialidades*. IECE, Revista Digital #5:
https://issuu.com/ieceargentina/docs/iecerd5_pagina/s/10331705
- ESAP. (2006). *Vinte e um por vinte e um*. *Revista da Escola Superior Artística do Porto*, n. 1. Onde está o teatro. Porto: ESAP.
- ESAP. (2006). *Vinte e um por vinte e um*, *Revista da Escola Superior Artística do Porto*, n.2. Arte e Identidade. Porto: ESAP.
- Esteves, J. P. (2009). *Comunicação e Sociedade*. Lisboa: Horizonte.
- Ferreira, E., & Saldanha, L. (2020). *Experiências de Arte Participativa*. Portugal Entre Patrimónios: http://www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/wp-content/uploads/2020/08/EXPERIENCIAS_ARTE_PARTICIPATIVA.pdf
- Figueiredo, J. D. (2000). *O Fenómeno da Co-presença na Comunicação Teatral Contemporânea e sua Repercussão no Marketing de Vendas Directas*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/figueiredo-mestrado-bocc-o5-09.pdf>
- Fiske, J. (2005). *Introdução ao Estudo da Comunicação*. Porto: Asa.
- Folha de Tondela* (05.04.1996). Queima do Judas, pp.4.
- Folha de Tondela* (09.04.1999). A Queima do Judas e o espectáculo grandioso que a ACERT proporcionou, pp.7.

- Folha de Tondela* (13.04.2001). O Rebentamento do Judas, pp.1,3.
- Folha de Tondela* (20.04.2001). ACERT cumpriu ritual perante milhares de assistentes... pp.1.E o Judas Rebentou, pp.3.
- Folha de Tondela* (05.04.2002). O Judas Rebentou mais uma vez na noite Tondelense, pp.1. O Judas voltou a arder na noite Tondelense, pp.5.
- Folha de Tondela* (18.04.2003). Queima e Rebentamento do Judas, pp.1. O Judas vai rebentar, pp.3.
- Folha de Tondela* (25.04.2003). O Judas Rebentou, pp.1. Queima do judas, pp.3.
- Folha de Tondela* (09.04.2004). O Judas está a chegar, pp. 4,5.
- Folha de Tondela* (16.04.2004). E o Judas Rebentou, pp.1,3.
- Folha de Tondela* (14.04.2006). Queima e Rebentamento do Judas, pp.11.
- Folha de Tondela* (21.04.2006). E o Judas rebentou, pp.15.
- Folha de Tondela* (06.04.2007). Judas Zero Sete, pp.9.
- Folha de Tondela* (13.04.2007). E o Judas rebentou !!!, pp.1,3.
- Folha de Tondela* (17.04.2009) Nove Fora Nada, pp.1. E o "rato" rebentou!... "Judas'09-nove fora nada, pp.3.
- Folha de Tondela* (04.04.2014) Judas'14 queima e rebentamento, pp.5.
- Folha de Tondela* (05.05.2017) Queima e Rebentamento Do Judas2017, pp.8.
- Folha de Tondela* (30.03.2018) É já sábado que se queima o Judas, pp.3.
- Folha de Tondela* (19.04.2019) Queima e rebentamento do Judas 2019, quanto + me bates + eu gosto de ti...pp.5.
- F.M. (01.04.2005). O Judas rebentou, pp.1. O Judas rebentou, de novo, em Tondela, pp.15. *Folha de Tondela*.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Geertz, C. (2001). *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Geertz, C. (2008). *A arte como um sistema cultural*. Petrópolis: Vozes.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gil, J. (2020). *O tempo indomado*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Grotowski, J. (1975). *Para um teatro pobre*. Lisboa: Forja.
- Habermas, J. (2012). *A transformação estrutural da esfera pública*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Innerarity, D. (2009). *A Sociedade Invisível*. Lisboa: Teorema.
- Innerarity, D. (2010). *O Novo espaço Público*. Lisboa: Teorema.
- Leach, E. (1976). *Cultura e Comunicação*. Edições 70.
- Lopes, A. A. (28.03.2008) E o Judas rebentou!... pp.1,5. *Folha de Tondela*.
- Lopes, A. (09.04.2010) Tondela rebentou o Judas, pp.1. E o Judas rebentou, Judas 2010 rotundo êxito, pp.7. *Folha de Tondela*.
- Lopes, A. (29.04.2011) E o Judas rebentou, pp.1. E o Judas ardeu e rebentou com muito fulgor, pp.6. *Folha de Tondela*.
- Lopes, A. (13.04.2012) Mais uma vez o Judas rebentou, pp.1. O Judas rebentou, pp.6. *Folha de Tondela*.
- Lopes, A. (05.04.2013) Acert: A noite é do Judas que rebentou em festa, pp.1. E o judas rebentou, pp.5. *Folha de Tondela*.
- Lopes, A. (01.04.2016) Queima e Rebentamento do Judas Mais um grandioso Espectáculo, pp.1. Judas ACERT'16, pp.5.c. Queima e rebentamento do Judas Mais um grandioso espectáculo, pp.8. *Folha de Tondela*.
- Martino, L., & Marques, Â. (2019). *A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas*. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação: 42. 21-40.

<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3450/2329>

Matos, C. (2018). *As conexões entre a publicidade e o teatro: o estudo cartográfico das intersecções entre as técnicas criativas e a produção de uma oficina*. Bacharel(a) em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. UFSM: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/17803>

Monteiro, A., Caetano, J., Marques, H., & Lourenço, J. (2006). *Fundamentos da Comunicação*. Lisboa: Edições Sílabo.

M.J.J. (10.04.2015) O Judas rebentou em Molelinhos, pp.1. Judas, Mais um ano, mais um Judas..., pp.12. *Folha de Tondela*.

M.J.J. (26.04.2019) Queima e rebentamento do Judas 2019, pp.9. *Folha de Tondela*.

Oliveira, R. P. (2012). *Antropologia e filosofia: estética e experiência em Clifford Geertz e Walter Benjamin*. Horizontes Antropológicos, 18.209-234. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100009>

Ortega y Gasset, J. (1991). *A Idéia de teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Pais, A. (2006). Arte e Identidade, vinte e um por vinte e um, Revista da Escola Superior Artística do Porto. *o desafio da periferia, teatro em Portugal*, pp. 18-27.

Pais, A. (2017). *Performance na esfera pública*. Lisboa: Orfeu negro.

Pais, A. (2018). *Ritmos Afectivos nas Artes Performativas*. Lisboa: Fernando Mão de Ferro.

Paula, R. (2017). *Teatro e Público: A Comunicação como aliada do consumo de cultura*. Monografia Comunicação Social, UFP. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/48578>

Peixoto, F. (2006). *História do Teatro Europeu*. Lisboa: Sílabo.

Pereira, J. D. (06.04.2018) Queima e rebentamento do Judas, pp.1. Queima e rebentamento do Judas- espectáculo grandioso em Tondela!!, Contributos de muita gente, pp.6. *Folha de Tondela*.

Pereira, J. (10.04.2020) Desafio #NÃO JUDAS ACERT: Estamos todos convocados, pp.5. *Folha de Tondela*.

Pessoa, D. (2012). *Questões éticas na prática teatral : a experiência do Grupo Neelic em Porto Alegre*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul:
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56226>

Rocha, A. L. (2008). *As reflexões ético-morais de Paul Ricoeur*. Covilhã: Artigos LusoSofia.

Romagnolli, L. E., & de Lima Muniz, M. (2014). Teatro como acontecimento convival: uma entrevista com Jorge Dubatti. *Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas*, 2(23), 251-261. <https://doi.org/10.5965/1414573102232014251>

Snodgrass, M. E. (1988). *Clássicos Gregos*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.

Solmer, A. (2003). *Manual de Teatro*. Lisboa: Temas e Debates.

Thiollent, M. (2006). *Metodologia da pesquisa-ação* (14ª ed.). São Paulo: Cortez.

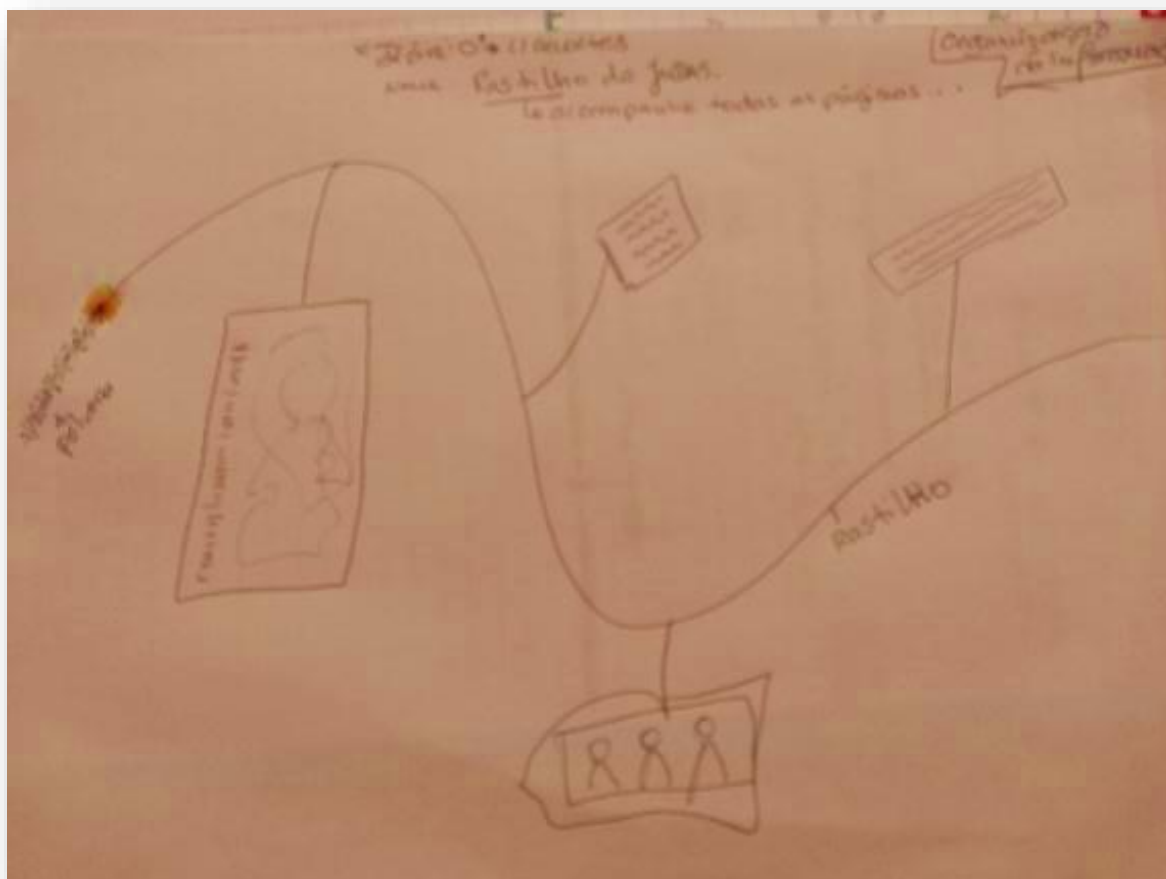
Thompson, J. (2011). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.

Welfare State International. (2006). *Welfare State International*. <http://welfare-state.org/index.htm>

Apêndices – Registos dos estudos de construção realizados para o livro *Rastilho*, inspirados no tipo de construção do espetáculo “Judas”

Apêndice 1 – Primeira abordagem gráfica

Esta foi a primeira abordagem de como seria a organização dos documentos a partir da palavra rastilho, como um fio de memória. Iria acompanhar todas as páginas, como linha cronológica. O que se destacaria a partir do fio seriam os excertos de textos, de fotografias, de artigos noticiosos, etc., a partir da ideia de “diário com colagens”.

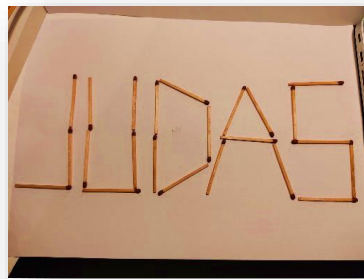
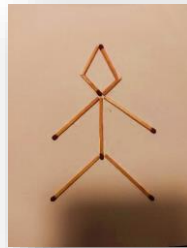


Apêndice 2 – Caixa de fósforos

Acende-se o rasilho com fogo. Uma caixa de fósforos pareceu-nos um bom início para as construções que complementassem as páginas do livro.

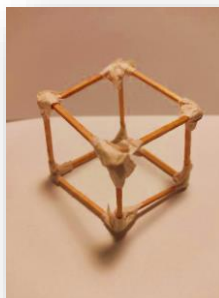
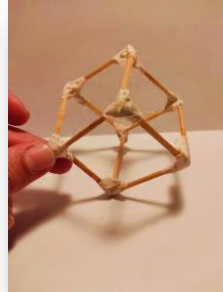
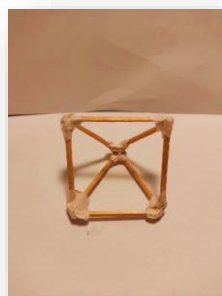


Apêndice 3 – Desenhos com fósforos, início das construções com fita-cola de papel



Apêndice 4 – Construções com fósforos e fita-cola de papel

Construções com fósforos e fita-cola de papel, já com dimensão 3D, e as várias possibilidades que um mesmo objeto nos poderia trazer a partir da variação do ponto de fuga.



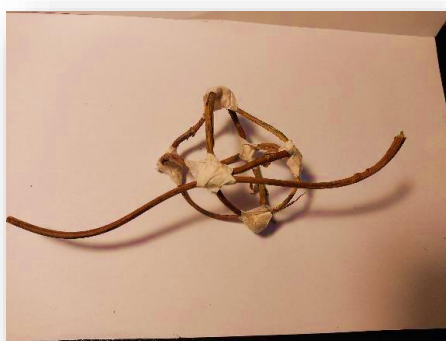
Apêndice 5 – Construção com pau de jasmim seco, fita-cola de papel e palitos

Inspirado no esqueleto do “Judas” que figurou nos panfletos publicitários de 1986 e 1989 da ACERT.



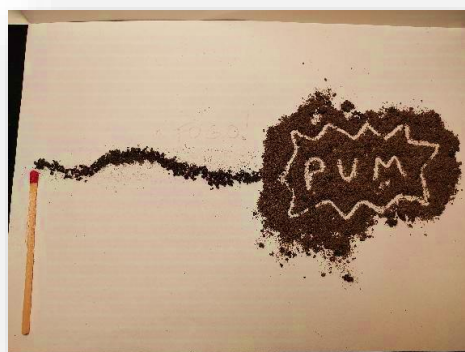
Apêndice 6 – Construções em pau de jasmim seco e fita-cola de papel

As construções surgem a partir do formato do pau e da sua conjugação com os temas e assuntos já identificados nos documentos de estudo (guiões e desenhos) sobre o “Judas”. Procurou-se alguma semelhança com o que acontece na construção cenográfica do espetáculo em que os paus de vime são trabalhados a partir da sua forma, tendo definido primeiramente o objeto a concretizar



Apêndice 7 – Desenho com cinza

Aproveitamento da cinza de *pellets* para se assemelhar ao rastilho da pólvora, permitindo a criação de palavras associadas ao espetáculo.



Anexos

Anexo 1 – Panfleto publicitário do “Judas” de 1986

O BAIRRISMO ESTÁ NA NOSSA CAPACIDADE DE UNIÃO E DE TRABALHO!

É fundamentalmente através do trabalho a público do bairro, na sua capacidade para participar e transformar, no seio:

- através do bairro com realização sobre os centros de outras localidades de como trabalhar a sua população.

Assim, o bairro (CIRCULO) e quando se passa para a sua história recente, observamos uma realidade feita de vida sobre os seus habitantes, os seus interesses e necessidades, que interessam e correspondem ao bem-estar de todos (individual). Quantificando esta vida, é que nasce:

A NOVA VIDA

É assim através e que de vez e interesse está incluído na cultura e na prática do bairro.

Na descrição do bairro, os seus habitantes de prática social, na prática interactiva de se e que parte de cada um.

Hoje defendemos com vitalidade e de todo de trabalho sobre as famílias, diviso e representando a realidade sobre todo o CIRCULO.

Na zona, esta, bairro, mesmo no momento de aliança e desenvolvimento e a realidade bairro de outras localidades.

De e nos encontramos esperando um J. Substituir, que sempre e substitua a nossa (de todo), capacidade de união, de iniciativa e de trabalho.

Se esta força vive, tem está dentro de cada um de nós, é a potencial, na qual de unidade e verdade e necessidade bairro, que TONDELA/ JUDAS e que são (CIRCULO), devem levar os nossos atos.

ACERT

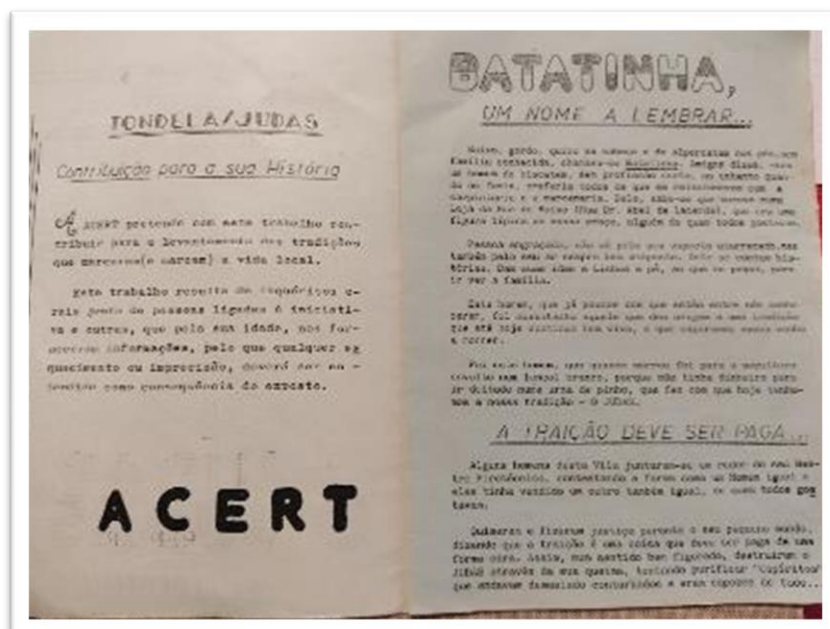
UN ENCUENTRO AMIGO NO TRADICIONAL A CULDA E DO BARRIO. VISITE EN NOSSAS INSTALAÇÕES. SE ADIRA AÇ E SÓCIO, ENCONTRE-SE. PARTICIPE NAS NOSSAS ACTIVIDADES

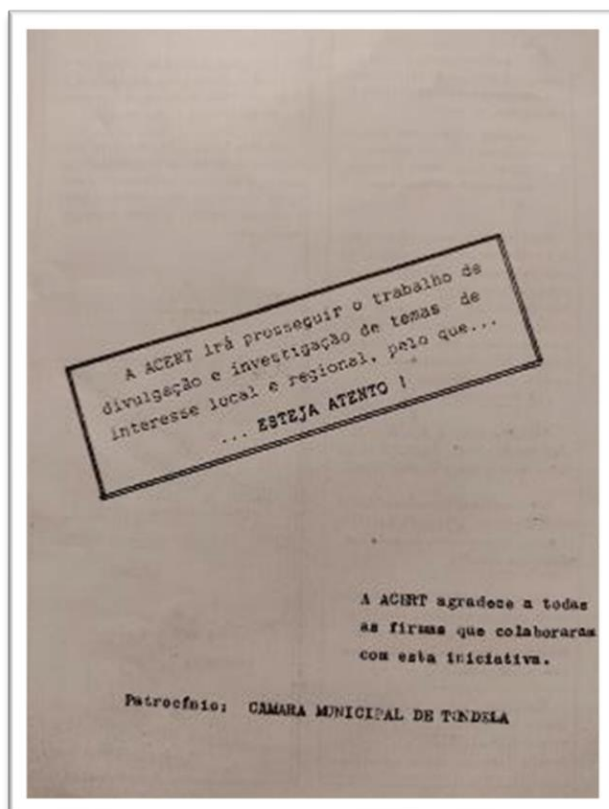
a tradição
NÃO PODE ACABAR



O JUDAS
NÃO MORRE!

Anexo 2 – Panfleto publicitário do “Judas” de 1989





Anexo 3 – Guião original do “Judas” de 2009

noves fora nada
ou
que se lixe a crise
ou
judas'09
ou
...

18-03-09

Esta é uma versão de trabalho
tenta colocar várias ideias por ordem

CANTOR

VAMOS PROCURAR NA NOSSA MEMÓRIA
A IMAGEM REAL DO NOSSO PASSADO
PARA ENTENDER O NOSSO FADO
VAMOS VOLTAR AO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA

CORO DO POVO

VAMOS PROCURAR NA NOSSA MEMÓRIA
A IMAGEM REAL DO NOSSO PASSADO
PARA ENTENDER O NOSSO FADO
VAMOS VOLTAR AO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA

Percussão TSESE

Entra um grupo de primitivos.

Traz o “fogo” numa lata pendurada num pau.

É uma enorme riqueza simbolizada por um saco de dinheiro que vem por baixo.

Com receio de serem roubados vão acendendo as latas.

A sua festa celebra a sua riqueza.

Numa tela, em sombra, é projectada a sombra de um elefante.

Eles fazem a **pintura rupestre** desse elefante.

Desde o início está montada em cena a BOLSA.

Tem um braço com a mão fechada.

E um gráfico “sobe e desce”.

E uma projecção vídeo dos números das cotações em vertiginosa actualização.

A BOLSA é controlada por “ratos”/yuppies que se movimentam num ritual repetitivo.

Enquanto os primitivos celebram, pintando, os “ratos” cantam e vão-se aproximando deles com um elefante e um grupo de ratos policiais/militares..

CORO DOS RATOS

OLHEM PARA ELES
ALMAS INOCENTES
INDIFERENTES
AO NOSSO PROGRESSO

SEM ESTRADAS, NEM FERROCARRIS
SEM ESCOLAS, NEM HOSPITAIS
SEM PISCINAS, NEM HÓTEIS
SEM EMPRESAS, NEM CAPITALS

SEM OPERÁRIOS, NEM PATRÕES
SEM POLÍCIAS, NEM LADRÕES
SEM POLÍTICOS, NEM ELEIÇÕES
SEM SATÉLITES, NEM TELEVISÕES

OLHEM PARA ELES
ALMAS IGNORANTES
INCOMPETENTES
PERANTE O NOSSO SUCESSO

Com a chegada dos ratos junto aos primitivos

Música dos escravos que são acorrentados

Enquanto os ratos/yuppies cumprimentam os primitivos, os ratos policiais/militares roubam o fogo, a riqueza dos primitivos (e o saco) e com ele queimam a pintura rupestre e impõem para adoração a escultura do elefante.

Levam os primitivos e obrigam-nos a subir um saco, puxado por cordas, até ao cimo, até à mão da BOLSA.

CORO DA BOLSA (ratos)

SOBE, SOBE, SOBE
SOBE, SOBE, SOBE, SOBE
SOBE, SOBE, A NOSSA BOLSA
SOBE, SOBE, A NOSSA EMPRESA
SOBE, SOBE, A NOSSA MASSA

ENCHEMOS O BOLSO
ROUBANDO NA BOLSA

SOBE A NOSSA EMPRESA
A NOSSA MASSA
A NOSSA BOLSA

Instala-se a primeira festa já com fogo de artifício.
Acende-se o fogo nas cabeças de vaca.

Música da tribo desconhecida

Cena das descobertas.

Com panos em tons de azul e um cardume de peixes simula-se o mar.

Algumas personagens (cinco) partem à descoberta com mastro com velas representando as caravelas.

Entretanto constrói-se uma aldeia em cena com palhota africana onde se guarda um saco de dinheiro, a sua riqueza.

São (os) “descobertos”.

CORO DOS RATOS DESCOBRIDORES

OLHEM PARA ELES
ALMAS INOCENTES
INDIFERENTES
AO NOSSO PROGRESSO

PRECISAMOS DE MATÉRIAS PRIMAS
DE DIAMANTES E GASOLINA
DEPENDEMOS DUMA ECONOMIA
SUSTENTADA NA MAIS VALIA
PRA GUIAR OS NOSSOS CARROS
E PAGAR OS VÍCIOS CAROS
OUTROS POVOS TEMOS QUE INVADIR

DESCOBRIR, CONQUISTAR, COLONIZAR
A HUMANIDADE VAMOS MELHORAR
INCENDIAR, ARRASAR, DESTRUIR
É O CAMINHO PARA PROGREDIR

Os descobridores chegam junto ao povo descoberto e tentam negociar com trocas ridículas, dão espelhos ou enfeites, eles não aceitam e são ameaçados com o fogo e o elefante. Sem se perceber porquê uma caravela arde.

Música da destruição

A aldeia é destruída, a palhota queimada depois de roubado o saco e os habitantes aprisionados.

Caminham para junto dos ratos e elevam mais um saco, agora maior, para a mão da BOLSA.

CORO DA BOLSA (ratos)

SOBE, SOBE, SOBE
SOBE, SOBE, SOBE, SOBE
SOBE, SOBE, A NOSSA BOLSA
SOBE, SOBE, A NOSSA EMPRESA
SOBE, SOBE, A NOSA MASSA

ENCHEMOS O BOLSO
ROUBANDO NA BOLSA

SOBE A NOSSA EMPRESA
A NOSSA MASSA
A NOSSA BOLSA

Instala-se a segunda festa agora com mais fogo

Música da tribo desconhecida (versão 2)

Frase tipo: o trabalho dignifica

O largo enche-se de gente um pouco receosa.

São gente de todas as culturas, vestem e agem de maneira diferente.

Criam-se filas enormes em direcção a portas (de luz?).

Lembram as filas para os campos de concentração ou as filas de emigrantes para entrar nos EUA ou as filas dos aeroportos...

Nestas filas estão todos os participantes da queima do Judas, excepto os ratos/yuppies e os pociiais/militares que controlam a situação e globalizam a imagem.

Podem dar, por exemplo, uma máscara a cada um, que ainda não se vê mas que vai ser usada no fim.

OLHEM PARA ELES
ALMAS INOCENTES
INDIFERENTES
AO NOSSO PROGRESSO

PRECISAMOS DE MÃO DE OBRA BARATA
QUE TRABALHE SEM REFILAR
DEPENDEMOS DUMA ECONOMIA
SUSTENTADA NA MAIS VALIA
PRA GUIAR OS NOSSOS CARROS
E PAGAR OS VÍCIOS CAROS
OUTROS POVOS TEMOS QUE DOMINAR

CONTRATAR, EXPLORAR, GLOBALIZAR
A HUMANIDADE VAMOS MELHORAR
ROUBAR, FALIR E FUGIR
É O CAMINHO PARA PROGREDIR

Toda a gente passa a trabalhar e a divertir-se.

Manipulação de fogo.

Fogo grande ao centro em objecto simbólico.

É tudo uma maravilha. Nota-se que algo pode não ser totalmente certo em tudo aquilo mas a imagem é de “todos” construindo quase como os egípcios e divertindo-se como nos musicais americanos ou indianos. Pinta-se grafitti de um elefante que lembra a pintura rupestre da primeira cena.

Grupo de manipulação de fogo.

Se possível a figura do Judas é só agora totalmente montada, ou acabada.

Um saco enorme é içado até à mão da BOLSA.

CORO DA BOLSA (ratos)

SOBE, SOBE, SOBE

SOBE, SOBE, SOBE, SOBE

SOBE, SOBE, A NOSSA BOLSA

SOBE, SOBE, A NOSSA EMPRESA

SOBE, SOBE, A NOSA MASSA

ENCHEMOS O BOLSO
ROUBANDO NA BOLSA

SOBE A NOSSA EMPRESA
A NOSSA MASSA
A NOSSA BOLSA

Inesperadamente a bolsa cai.

Petardo, índice cai a pique, sirenes.

Ratos fogem com o dinheiro enquanto toda a gente se vira e tem a máscara na cara. Como uma fotografia enorme de caras (quase) iguais que lembram o “grito”. Palavra em torcida de fogo: crisis.

CANCIÓN DA CRISIS (o povo)

CRISIS!!!

HÁ CRISIS

SÓ CRISIS

MAIS CRISIS

POR TODO O LADO: CRISIS

A TODA HORA: CRISIS

EM TODO O MUNDO, CRISIS

POR TODA PARTE, CRISIS

JÁ ESTAMOS FARTOS DA CRISIS

NÓS JÁ PASSAMOS MAIS CRISIS

JÁ CHEGA! BASTA!

QUEREMOS VIVER EM PAZ!

CONTINUAR EM PAZ!

O Povo vai recuperando a sua identidade e alegria.

A música vira festiva.

SOLISTA.....E CORO DO POVO A RESPONDER

A BRISA DO MAR.....É GRATIS
O ABRAÇO DO IRMÃO.....É DE BORLA
O BEIJO DE AMOR.....NÃO CUSTA NADA
O SOL DE VERÃO.....É UM PRESENTE

O SORRISO DUM FILHO.....É GRATIS
O AR PRA RESPIRAR.....É DE BORLA
CANTAR À CHUVA.....NÃO CUSTA NADA
A SOPA DA AVÓ.....É UM PRESENTE

A NOITE PRA SONHAR.....É GRATIS
DANÇAR E NAMORAR.....É DE BORLA
A LUZ DA MANHÃ.....NÃO CUSTA NADA
O AROMA DA FLOR.....É UM PRESENTE

Todos se juntam e organizam.

JOGAMOS A MÃO À BOLSA
VIMOS QUE ESTAVA FURADA
DEITAMOS CONTAS À VIDA
NOVES FORA NADA.

JUDAS!!

OLHA O TEU DESTINO

POR TOMARES UM CAMINHO

INTERESSEIRO E MESQUINHO

AGORA VAIS REBENTAR
TONDELA VAI-SE VINGAR
DE TI NOS VAMOS LIVRAR
A GENTE VAI-TE QUEIMAR

Volta a música de festa enquanto arde o Judas com algum fogo de artifício
etc. (aqui admitem-se sugestões para ampliar a lista das coisas boas da vida que são grátis)

A BRISA DO MAR.....É GRÁTIS, etc

Depois do Judas arder tudo volta ao princípio...

CANTOR

VAMOS PROCURAR NA NOSSA MEMÓRIA
A IMAGEM REAL DO NOSSO PASSADO
PARA ENTENDER O NOSSO FADO
VAMOS VOLTAR AO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA

CORO DO POVO

VAMOS PROCURAR NA NOSSA MEMÓRIA
A IMAGEM REAL DO NOSSO PASSADO
PARA ENTENDER O NOSSO FADO
VAMOS VOLTAR AO PRINCÍPIO DA HISTÓRIA

Percussão TSESE

Entra um grupo que vem acender o fogo nos restos que ainda ardem do Judas...
Trazem o carro de fogo do em paz.

Morteiros final festa.

Todos agradecem

Pode haver algum fogo de artifício

Anexo 3 – Guião original do “Judas” de 2010

Judas 2010 – Odisseia no Espaço

Morteiro

Música de Abertura

*Os polícias entram com as tochas acesas
e durante a música fazem coreografia.
Acendem latas no final.
A música termina.*

*A equipa de televisão deslocou-se da esquerda para a direita.
Acende o seu projector.
Jornalista faz a reportagem:*

Jornalista

Estamos aqui, nesta bela localidade, onde reina a paz e a serenidade. Onde poderíamos prever sinais de descontentamento mas onde reina o equilíbrio e paira no ar um ambiente de bem-estar. Eis a prova de que, mesmo numa situação de gravíssima crise mundial, o nosso governo dirige com tranquilidade os destinos deste pequeno país à beira mar plantado. Todos compreendemos que temos de apertar o cinto, que temos de ter os ordenados congelados, de ver os impostos aumentados, pois sabemos que é para o bem de todos e que se assim fizermos tudo acabará em bem.

*Começa música/manifestação
Vem de longe*

Jornalista

Não vale a pena refilar... Se tivermos calma e paciência e nos mantivermos serenos e tranquilos veremos que este belíssimo governo nos levará a bom porto...

*A manifestação aumenta de tom e impede a reportagem.
A equipa de televisão recua.
Entram os manifestantes com um cartaz “Emprego”.
Avançam até à frente.
A Polícia entra.
Congelam.
Pára a música.*

*Formam de um lado e de outro deixando um corredor a meio.
A equipa de televisão entra pelo fundo:*

Jornalista

E eis que o inesperado acontece. Talvez, quem sabe, motivados por líderes extremistas e até talvez mesmo, fundamentalistas, começam a aparecer manifestações e greves apenas para prejudicar o trabalho daqueles que, no governo, tudo fazem para zelar pelo nosso bem-estar. Obrigando mesmo à utilização das forças da ordem para terminar com estes abusos... É horrível ver que é assim que o povo responde às medidas do governo... É horrível...

Voz off

O que é horrível saber é que o desemprego atingiu níveis históricos em 2009. em Portugal.

*A polícia vai saindo.
A equipa de televisão fica incomodada*

E vai parar à esquerda-frente.

Música das velas

Voz off

O que é horrível saber é que os números da pobreza em Portugal são preocupantes. Cerca de **20%** dos portugueses vivem ou estão em risco de viver em situação de pobreza. E se forem retirados os apoios, como pensões ou subsídios, esta taxa atingirá os 40%.

Chegámos ao mais baixo limiar da existência dos últimos anos e parece que ninguém quer ver!

*O grupo da manifestação vai aos lados e acende as velas.
Deambulam pelo espaço.
Formam meio círculo com as velas acesas.
Vão apagando, dois a dois, e saindo.*

Termina música

Música apocalipse (instrumental)

*Entra aos poucos o grupo da catástrofe.
Procuram comida.
Entra a comida.
Comem.
Depois olham o horizonte.
Quando estão todos gritam:*

Grupo

Tsunami!!

Começa a primeira quadra da canção:

CHORAM AS NUVENS
E CHOVE, SÓ CHOVE
PARECE QUE O CÉU VAI CAIR SOBRE AS NOSSAS CABEÇAS
E O POVO REZA
SOFRE, LUTA E MORRE

*Continua a música só instrumental.
As pessoas caem por terra.
Tiram panos brancos com que cobrem os corpos.
Começa a segunda quadra da canção:*

TREME A TERRA
FURA O VENTO
PARECE QUE O MUNDO ACABOU DIANTE DOS NOSSOS OLHOS
E O POVO REZA
SOFRE, LUTA E MORRE

*Pára a música.
Entra a equipa de televisão.*

Jornalista

Fomos a primeira empresa de televisão a chegar ao local da catástrofe.
Mesmo antes das equipas de socorro.
O horror, a tragédia, a desgraça dizimaram quase por completo o nosso planeta.
Vamos tentar recolher testemunhos mais directos junto das vítimas, as testemunhas mais próximas desta catástrofe.
Esta senhora, por exemplo...
Já está morta. Não podemos recolher o seu testemunho.
E o senhor, perdeu alguém de família?

Homem

Sim.

Jornalista

Mas só um?

Homem

Não. Vários.

Jornalista

E pode-nos dizer quais?

O homem não responde.

Perdeu a mulher?

Homem

Sim

Jornalista

E os filhos?

Homem

Sim, sim.

Jornalista

Perdeu toda a família? Não me diga.

Homem

Perdi.

Jornalista

Testemunho valioso, o deste homem que fica assim destroçado depois de ter perdido toda a família.

Directamente da catástrofe para todo o Mundo, Michael Tower com imagem de Zaito Marquez.

Música Apocalipse (terceira quadra e final)

*Entra o Globo terrestre
Com o grupo da Crise atrás.
Junta-se o Grupo da Catástrofe.
Vão até à frente.
Ficam em meia lua atrás do Mundo.*

SEMPRE GUERRA
TUDO EM RUINAS
PARECE QUE OS DEUSES SE RIEM DA NOSSA DESGRAÇA
E O POVO REZA
SOFRE LUTA E MORRE

*A polícia entra
e coloca-se entre o mundo e o público*

O APOCALIPSE CHEGOU
AHHHH!
O APOCALIPSE CHEGOU
AHHHH!
O APOCALIPSE CHEGOU
AHHHH!
O APOCALIPSE CHEGOU
AHHHH!

O A-PO-CA-LI-PSE

O planeta arde.

Música Planeta ideal (intro)

LALARALA, LALARALA
LALARALA, LALARALA

Música baixa e fica instrumental

Concílio

RUY

Senadores, Povo, Camaradas,

CATARINA

Amigas e amigos, autoridades várias

CARLOS Dignitários representantes do conselho de tribos universais

RUY

Dirigentes sindicais...

CARLOS

E tu também Zé Manel, meu primo, que sei que também aí deves estar...

CATARINA

Reunida a Comissão de sábios da aldeia,

RUY

E ante tão pertinaz insistência dos deuses em castigar-nos com tanta catástrofe, tanto vírus, tanta crise, e tanto apocalipse...

CATARINA

Decidimos enviar 3 heróis, escolhidos entre os melhores de nós,

CARLOS

para encontrar uma solução no espaço sideral.

LÁ PARTEM
PARA A VIAGEM
EM NOSSA
AJUDA
OS NOSSOS ENVIADOS
DESTACADOS
ADIANTADOS
HERÓIS
DO ESPAÇO SIDERAL, SIDERAL

LALARALA, LALARALA

LALARALA, LALARALA

Concílio

CATARINA

Da vossa importante missão é que depende a preservação da nossa espécie.

RUY

Terão de encontrar na abóbada celeste um planeta que nos permita finalmente viver em Paz.

*Entram os polícias que vão buscar 3 “voluntários” de astronautas
.Vestem-nos durante o texto.*

CARLOS

E não vos vamos aborrecer, caros amigos, com as questões que têm a ver com os contratos de construção da nave,

CATARINA

os contratos de construção da rampa de lançamento,

RUY

os contratos para aquisição das toneladas e toneladas de combustível que vai ser preciso...

CATARINA

Esses assuntos chatos dos contratos ficam para nós...

Todos os 3 - Nós tratamos disso, fiquem descansados.

Entra a nave e eles despedem-se.

LALARALA , LALARALA

LALARALA, LALARALA

PROCURAM NAS ESTRELAS
UM PLANETA SEM PROBLEMAS
SEM IMPOSTOS, NEM DILEMAS
SEM TSUNAMIS E SEM GUERRAS
SEM VIRUS, NEM BACTÉRIAS
SEM DÚVIDA
UM PLANETA IDEAL, IDEAL

LALARALA , LALARALA

LALARALA, LALARALA

*Há fogo de artifício: repuxos branco em redor,
Rodas.
Escultura de fogo da nave a viajar.
Chega a nave ao planeta.
Entra portão.
Astronautas saem.
Entram laranjeiras.*

Astronauta

Atenção Terra! Atenção Terra! Escuto!

Concílio

RUY

Aqui Terra! Então encontraram alguma coisa? Escuto!

Astronauta

Sim, sim. Um local paradisíaco, um autêntico Éden.

As laranjeiras, o portão e a nave vão recuando.

Concílio

CATARINA

Não nos digam que encontraram o paraíso?
A macieira do conhecimento...

Astronauta

Não não.

Tem uma placa à porta que diz que é o Parque Urbano...

Concílio
CARLOS

O Parque do Urbano?

Astronauta

Não. O Parque Urbano de Tondela.

Concílio
RUY

Então, e tem maçãs?

Astronauta

Não só laranjas. Já contámos 26 laranjeiras!

Concílio
CATARINA

Só laranjas?

Astronauta

Só. Cheira um pouco a rosas mas não se vê nenhuma!
Cheira muito a laranjas...

Concílio
CARLOS

Não gostas?

Astronauta

Gosto, mas é um cheiro muito activo.
Eu de cada vez que como laranjas, tenho de lavar as mãos...

Concílio
RUY

Mas o sítio é bom?

Astronauta

Uma maravilha!

Concílio
CATARINA

Então caros concidadãos, preparemo-nos, vamos todos partir para esse novo planeta!

Repuxos laranjas
Fogo cruzado

LALARALA , LALARALA

LALARALA, LALARALA

O povo veste fato branco.
Astronautas aflitos para ir à casa de banho.

Astronauta

Desculpem mas não sei se vale a pena virem,
Aqui não há casa de banho...

Povo

Se não há casa de banho não vale a pena ir.
Ficamos aqui e vamos descobrir o culpado.

*Falam todos ao mesmo tempo
E vão buscar a tocha, acedem-na
E preparam o tribunal.
Roda o boneco*

Música Acusações

Coreografia final

Mancha negra (junto ao Fran)

Primeira Acusação:
Porque inventaste a crise...
Sabemos bem quem é o culpado.
E por isso vais rebentar!

JUDAS! CONFESSA!
JUDAS! CULPADO!
TONDELA VAI-SE VINGAR

Segunda acusação:
Porque inventaste a catástrofe:
E sabemos bem quem é o culpado:
Vais rebentar!

JUDAS! JUDAS! CONFESSA!
JUDAS! CULPADO!
TONDELA VAI-SE VINGAR
CONFESSA!
JUDAS! CULPADO!
TONDELA VAI-SE VINGAR

Terceira acusação:
E porque nos iludiste com novos mundos e sabemos bem quem é o culpado:
Vais rebentar!

JUDAS! CONFESSA!
JUDAS! CULPADO!
TONDELA VAI-SE VINGAR

Tema final

VEM, POR FIM CHEGOU A HORA
DE MANDAR A PENA (DOR) EMBORA
VAMOS QUEIMAR O JUDAS!

VEM, POR FIM CHEGOU O DIA
DE SENTIR NOSSA ALEGRIA
VAMOS QUEIMAR O JUDAS!

JUDAS, PÕE-TE A PAU!
JUDAS, AGUENTA-TE!
AGORA VAIS REBENTAR!

VEM, O FOGO TEM BELEZA
QUANDO MATAS A TRISTEZA
VAMOS QUEIMAR O JUDAS!

VEM, POR FIM CHEGA O MOMENTO
DE ACABAR COM TANTO LAMENTO
VAMOS QUEIMAR O JUDAS!

JUDAS, PÕE-TE A PAU!
JUDAS, AGUENTA-TE!
AGORA VAIS REBENTAR!

*Todos vão colocar as tochas na areia debaixo do Judas.
Afastam-se.
Judas arde.
Depois de arder.
Agradecimentos.
Os manchas negras vão à frente e todos agradecem.*

Anexo 4 – Guião original do “Judas” de 2011

JUDAS 2011 “Ao Quixote não há quem o Derrote”

1º Momento

A FORMAÇÃO DA CIDADE

Manchas Negras entram e acendem ritualmente as latas.

Entrada: Povo 1 com caixas, tapando entrada do cavalo do Quixote; Povo 2 atrás)

1. FLASHES LATERAIS

• Música 1 “Abertura” – (quando acende fogo – flashes)

- Só coro

Turum–dé-dé... ié – lé – lé | Turum–dé-dé... ié – lé – lé

Povo 1 começa a construir a Cidade com as caixas. Cavalo mantém-se na posição com Povo 2.

- Quando está instalada a cidade > inicia a parte cantada

Sonho cada dia p’rô viver
Luto dia e noite p’ra colher
E nosso desejo é **entender...**

o que somos

Recordar...

de onde viemos

É urgente que a nossa esp’rança
Ceife e mate chacais que nos mordem
Somos nós os autores da mudança
Vamos pôr este mundo na ordem
Um mundo que é casa
No rio da vida
Num voo sem asa
Com justa medida

Turum–dé-dé... ié – lé – lé | Turum–dé-dé... ié – lé – lé — (4X)

Após o coro.

2 – Bengais no cavalo de Quixote – quando acaba coro 4ª vez

3 – Repuxos para avanço cavalo

- Retoma tema cantado.

Forma em ^ O Povo 2 junto a cavalo. Vivo cada noite p’ra sonhar

Colho dia e noite p’ra lutar
Pensar p’ra poder **desejar**

O que queremos

Descobrir

P’ra onde vamos

É urgente que a nossa esp’rança
Ceife e mate chacais que nos mordem
Somos nós os autores da mudança
Vamos pôr este mundo na ordem

Um mundo que é casa
No rio da vida

Num voo sem asa
Com justa medida

4 - 3 balonas de aros

2º Momento

Especulação financeira e “Empresta-lucradores”

• **Música 2 – Tapete Diálogo** (logo a seguir aos três rebentamentos)

> Grupo 3 “Especualdores”.

QUIXOTE

Depois de ordenha do Grupo 3.

Meus olhos não acreditam no que estou a ver! Especuladores financeiros, grupos financeiros, empresas de rating, FMI, banco Europeu... todos a mamar na teta da dívida?

SANCHO

Nada disso, meu amo. São Moinhos de Vento que sopram ventos de bonança para nos tirar da crise.

QUIXOTE

Sancho, nunca comas o pão servido por alguém que depois te irá cobrar com juros a oferta. As empresas de rating fazem-se passar por jogadores e por árbitro ao mesmo tempo. O dinheiro é mais afiado do que uma espada!

SANCHO

Mas, meu amo, eles dizem que somos o lixo da Europa. Que havemos nós de fazer?

QUIXOTE

Na boca de quem não presta, quem é bom não tem valia.

Olha que, quem desdenha quer comprar.

Não têm rosto essa escumalha. Ganharam 800 e tal milhões a chamar de bosta ao ouro para engordar a pança a quem quer comprar Portugal por dez euros de mel coado.

SANCHO

Mas os nossos bancos é que têm salvado o Estado português. Olhe como eles cuidam da cidade.

Espera. Fala só depois de Grupo 3 se levantar.

QUIXOTE

Cuidado com aquele que tem a língua doce e uma espada na cintura.

Os nossos bancos receberam do Banco Europeu empréstimos com juros de 1%. Depois, cobram ao nosso Estado, às empresas e às famílias a mais de 5%. Encarregaram os lobos de nos guardarem as ovelhas.

SANCHO

Quem quer colher rosas tem que suportar também alguns espinhos, meu amo.

Nós estamos na penúria. Que remédio temos senão pagar e não bufar. Quem muito se abaixa, mostrar o cu. Ainda bem que o FMI e os outros países nos vêm ajudar.

QUIXOTE

É caso para dizer: a árvore quando está sendo cortada observa com tristeza que o cabo do machado é de madeira.

Chamas tu de bonzinhos aqueles que te vão comer de juros 1.580 milhões de euros?

Um inimigo declarado é perigoso, mas um falso amigo é bem pior, meu caro Sancho.

Pensa no que te digo: em vez de dares comida a um faminto, dá-lhe antes uma cana e ensina-o a pescar.

Grupo 3 começa a roubar as casas.

SANCHO

Apercebe-se que Grupo 3 está a saquear as casas. Vai a um lado e outro aflito.
Mas, meu amo, eles estão a roubar-nos tudo, em troca do que nos emprestaram.

Grita aos céus.

Valha-nos Deus misericordioso!

Povo 1 fica cabisbaixo.

QUIXOTE

Aquilo que pedimos aos céus a maior parte das vezes encontra-se em nossas mãos.

Empunhando a lança. Dá voz de comando.

Quem luta pela vida pode não vencer, mas certamente, não será culpado pela derrota!

Povo! Vamos-nos a eles! Até os comemos!

Vão rebentar!

Povo repete o grito de Quixote.

5 – 3 balonas camurro + balona canhão

> Música 3 – “matar a crise” (após o 4º rebentamento) – 1º Enfrentamento

Avança Povo 2 V em direcção ao Grupo 3.

Somos o povo
Sonhamos o impossível... aié! (2X)
Nosso repouso é batalha
Matar a crise
Matar a crise, lutar

Vais rebentar!
Vais rebentar!

Vais rebentar!
Vais rebentar!

Vais rebentar!
Vais rebentar!

Vais rebentar!

Grupo 3 rosna e foge para trás do palco músicos a ladrar.

6 – Repuxos laterais + 3 balonas camurro

Música 4 “Agradecimento” (após repuxos acenderem nas laterais)

Quixote,
és a bravura
e a esperança
Tua palavra é lança

Quixote,
és a batida
o nosso som
Tua palavra é dom

Tua palavra é lança
Tua palavra é dom
Tua palavra é lança

*Durante a música:
Povo 1 reconstrói a cidade.
Grupo 2 agradece a Quixote.
Grupo 4 constrói 1ª parte do mapa.*

7– Baterias de Assobio

3º Momento

Consumismo

Banda sonora: *Anúncios de incentivo ao crédito.*
Grupo 3 instalam-se para campanha publicitária incentivando ao crédito. Trazem cartão de crédito.

Banda sonora: *Caixa registradora (Intro “Money”).*

• **Música 5 – “Money”** – (começa quando cartão crédito parar em cena – fim dos spots – início intro gravada)

- Entra voz quando cartão de crédito parou em cena.

Continua dramatização do Grupo 3.

Dinheiro, p’ra gastar.
Se não tiver há cartão p’ró salvar.
Dinheiro, p’ra consumir.
Não faça contas que o banco vai cobrir.
Gaste o que não pode que o crédito,
Cura mais que um bom médico

Instrumental

- Instrumental para diálogo entre Quixote e Sancho. Pianíssimo para que as falas se ouçam. Voz (surdina) entra com momentos cantados trauteados.

QUIXOTE

Quanto mais o dinheiro aumenta, mais cresce a vontade de possuí-lo.
Se todos os homens recebessem exactamente o que merecem, ia sobrar muito dinheiro no mundo.

SANCHO

Dinheiro de pobre é como sabão: quando ele pega, escorrega.
Dinheiro emprestado parte rindo e volta chorando."

Fotografia do Grupo 3; Povo 1 é atraído pela emboscada e aceita cartão enlouquecido.
Grupo 3 rouba a cidade e começa a construir Palácio do Consumo.

- Entra voz quando cartão de crédito passa na porta do Palácio do Consumo.

Grupo 1 entra no Palácio com o cartão.

Dinheiro, p’ra gastar.
Se não tiver há cartão p’ró salvar.
Dinheiro, p’ra consumir.
Não faça contas que o banco vai cobrir.
Gaste o que não pode que o crédito,
Cura mais que um bom médico

Após a parte da letra cantada, sai com pilha de embrulhos e passeia-se exibindo-se.

- Instrumental enquanto Povo 1 se passeia vaidoso com as compras.

- Instrumental para diálogo entre Quixote e Sancho. Pianíssimo para que as falas se ouçam. Voz (surdina) entra com momentos cantados trauteados.

SANCHO

O dinheiro acabei por descobrir, é exactamente como o sexo: quando não se tem não se pensa noutra coisa, e quando se tem pensa-se noutras coisas.

QUIXOTE

Em qualquer país em que o talento e a virtude não produzam progresso, o dinheiro será a divindade nacional.

Banda sonora : *Aspirador sugando.*

- Música pára quando começa o som do aspirador.

Povo 1 é sugado para manga do aspirador.

8 – Balonas Vermelhas

QUIXOTE

São as catedrais da conveniência, dão a ilusão de que o sol quando nasce é para todos e que comprar o que não se precisa faz das pessoas ricas.

O que o dinheiro faz por nós não compensa o que fazemos por ele!

Povo! Vamos-nos a eles!

Até os comemos!

Vão rebentar!

Música 6 - “Matar a Crise” (após 3 tempos depois de rebentamento)

*Durante a Música e cantando-a, Povo2 avança em bloco para o Palácio.
Povo 1 larga presentes atrás do Judas e reconstrói cidade.*

Somos o povo
Sonhamos o impossível... aié! (2X)
Nosso repouso é batalha
Matar a crise
Matar a crise, lutar

Vais rebentar!
Vais rebentar!

Vais rebentar!
Vais rebentar!

Vais rebentar!
Vais rebentar!

Vais rebentar!

Povo 4 coloca as últimas peças no mapa.

9 – Balona camurro – canhão

Música 7 - “Agradecimento” (após 3 tempos depois de rebentamento)

Quixote,
és a bravura
e a esperança
Tua palavra é lança

Quixote,
és a batida
o nosso som
Tua palavra é dom

Tua palavra é lança
Tua palavra é dom
Tua palavra é lança

4º Momento

Cambada

Banda sonora : gravações sobrepostas de discursos de políticos.

*Grupo 3: Entram 4 moinhos de carrinho. Os restantes mimam discursos proferidos na banda sonora.
Povo 1 é contagiado com as promessas e concentra-se junto a Grupo 3.*

*Povo 2, atraído mas receoso e olhando Quixote, perante os chamamentos do Povo 1, vai aderindo.
Quixote fica só com o seu cavalo e Sancho.
Grupo 3 entrega presentes a Povo 1 e fica em frise.*

Povo 1 eufórico pela oferta, segura presentes. Povo 2, sem presentes, gesticula de idêntica forma.

• **Música 8 – Tapete** (Quando povo recebe os presentes)

- Só trauteada

*Povo 1(Povo 2 imita os gestos) abre ao mesmo tempo o laço (síncrono).
Abre as tampas das caixas. Saem balões para o ar
Tiros para o ar e os Povos 1 e 2 ficam a “olhar para o balão” – frise.*

10 – Bateria vermelha com tiros

- Música interrompe no rebentamento.

Após rebentamento, baixam a cabeça, olham-se e, lentamente, dirigem o olhar para Quixote:” e agora?”.

11 – rebentamento de abelhas nas árvores.

A seguir aos rebentamentos. Sem tapete musical, Quixote fala com Sancho.

QUIXOTE

Sinto a vista turva com mil miragens. Vejo o Chanseler Carlos Marta a conversar com a uma Markel que é Presidente da Junta de Tondela. Vejo salchichas Nobre como razão para os rebeldes líbios. E mais, um aeroporto a ser construído no aterro sanitário para verem a merda que estamos a fazer se não descobrimos o nossa rota para aterragens seguras.

Desanimado.

Sinto-me cansado ao ver como o povo me abandona e se deixa enganar com um punhado de promessas e de ilusões.

SANCHO

Se me permite, meu amo, agora queria eu filosofar uma coisa que li no livro “D. Quixote de La Mancha”, dum tal Cervantes. Dai-me a vossa lança para fazer de cavaleiro de alegre figura.

Quixote dá lança a Sancho e ele sentencia.

“Um dos efeitos do medo é perturbar os sentidos e fazer que as coisas não pareçam o que são.”
Tudo isto é muito bonito, mas quem nos poderá valer para prosseguir a nossa missão?

12 – Balona branca canhão.

Dulcineia aparece voando.

QUIXOTE

Deslumbrado.

Dulcinéia!

• **Música 9** – “Dulcineia” (após a exclamação de Quixote)

13 - Aparelho de fogo luminoso atrás de Dulcineia+ manipuladores de Dulcineia acompanham- na com bengais

Ao ver aparecer Dulcineia, Povo (1 e 2) segue o seu movimento, tal como Quixote e Sancho. Somam-se-lhe Povo 3 e 4, que aderem.

O amor e o desejo
São duas coisas diferentes
Se o amor se dá com beijos
Os desejos são serpentes

O Pinóquio é um boneco
Que tem um nariz sinistro
Ele pôs o país num beco
Ao ser primeiro Ministro

Uma beata indo à missa
Vira freira ou sacristã
Se der sermão p’rá esquerda
Tem como alcunha Louça

**Se o sonho é sozinho é apenas um sonho
Se o sonharmos juntos então é real
De esperanças formosas futuro é risonho**

Se o martelo foge à foice
Lá se estraga o matrimónio
Quando um Cílio leva um coice
Quem se ri é o Jerónimo

Se um Paulo abre as portas
Faz da feira um comício
Planta votos nas hortas
E o país volta ao início
É mais fácil de apanhar

Um mentiroso que um coxo
Para um coelho escalfar
Há que lhe dar c'um arrocho

**Se o sonho é sozinho é apenas um sonho
Se o sonharmos juntos então é real
De esperanças formosas futuro é risonho**

O Quixote é quem eu amo
E não há quem o derrote
É ao povo que eu aclamo
Para lhe soltar o garrote

P'ra não sermos mais arrote
Dos abutres disfarçados
Há que saber usar o voto
P'ra lhes dar nossos recados

Se perdemos a coragem
O FMI mostra os dentes
Prepara-se a gatunagem
Atacam como serpentes

**Se o sonho é sozinho é apenas um sonho
Se o sonharmos juntos então é real
De esperanças formosas futuro é risonho**

- Instrumental
- Improvisação
- Rallentando > fim

Dulcineia vai desaparecendo no final da música.

14 – 3 balonas azuis

*Grupo 4 monta o mapa no centro do espaço.
Povo aplaude entusiasticamente e pede que o público também o faça.*

• Música 10 – “Vais Rebentar!” (só intro. – interrompida pelo blackout)

*Enquanto está a bater palmas, Blackout total.
Povo e Músicos exclamam desanimados:*

TODOS

Oh!.....

Banda sonora: Voz off.

VOZ OFF

Informa-se o excelentíssimo público de que este apagão é para celebrar a vitória do Povo sobre a crise.

O Sport Europeu FMI, por não aceitar a derrota que os portugueses se preparam para lhe infligir, apagaram as luzes do Estádio do Empréstimo e das Promessas e ligaram a rega da relva. Bombeiros salpicam o público.

Acendem de novo as luzes.

Todos os actores (músicos de pé) sem terem saído da marcação em que estavam quando houve o blackout, olham para Quixote.

Quixote empunha a lança e grita.

QUIXOTE

Quando se sonha sozinho é apenas um sonho.

Quando se sonha juntos é o começo da realidade.

Para esconjurar os males que nos afrontam e na certeza de que construiremos um país mais próspero e justo, ele vai rebentar!

TODOS

Vai rebentar!

• **Música 11** – “Vais Rebentar!” (após a exclamação de Quixote)

Quixote roda o cavalo em Direcção ao Judas. Povo 1 pega nas caixas e segue-o. Povo 2 também.

Se vais tu e só
Estás feito
Se damos o nó
Dá jeito.....
Com efeito, vais rebentar!
Estás feito, vais rebentar!
Dá jeito, vais rebentar!
No ar!

É Merkel , Sarkozi
Que nos querem salvar
Só o euro é seu rubi
P’ra nós estão-se a cagar

Lembrar aos alemães
Que a nossa emigração
Foi quem lhe deu os pães
P’ra baixar a inflação

Se a crise está aí
Há que ficar à coca
Senão o FMI
Dá-nos murros na moca

**Dá jeito
Com efeito, vais rebentar!
Estás feito, vais rebentar!
Dá jeito, vais rebentar!
No ar!**

Banqueiros, alta finança
Ratings p'rá arruinar
P'ra que não encham pança
Vão todos rebentar

Discursos e paleio
P'ró cinto apertar
Nos dentes vão ter freio
Vão todos rebentar

Isto vai rebentar
Não tenham ilusões
A quem nos quer sugar
À troca de cifrões

Dá jeito.....
Com efeito, vais rebentar!
Estás feito, vais rebentar!
Por direito, vais rebentar!
No ar!

Instrumental / Improvisação.

Povo 1 retira as caixas e segue Quixote, arremessando caixas para base do Judas (linha limite).

Povo 2, 3 e 4 seguem-nos.

*Arde o Judas: 1º o rabo da serpente; 2º corpo; 3º cabeça..
15 e 16 -Fogo preso e cascatas.*

- Música instrumental continua até surgir aparelho FMI rebentando.

Rebentar do aparelho FMI.
Blackout.

Luz acende ao centro e aparece palavra FMI

Blackout.

Letras trocam: FIM

- Retoma o instrumental do tema final – improvisação.

Aplausos / agradecimentos frente e laterais.

Blackout > Ao molho no centro > batem palmas público.

Blackout > Saída para bastidores.

Se a luz acende > novo agradecimento.

Blackout

Anexo 5 – Guião original do “Judas” de 2012

Judas’12

CENA 1

Enquanto se acendem latas.

1

MÚSICA ABERTURA

(instrumental)

O “SERÁ UMA VEZ...”

Uma fogueira acende-se repentinamente.

À sua volta, um velho. Começa a narração à capela e vai ganhando amplificação à medida que a acção evolui.

É um NARRAÇÃO vidente.

Conta uma estória que, um dia, há-de acontecer.

NARRAÇÃO

Narração com música que continua a abertura e muda de dinâmica.

Sou alguém que já viveu os tempos do futuro e trago a antevisão dos tempos que hão-de vir.

Minha estória não começa com: era uma vez, mas com: será uma vez...

Ora então, aí vai...uma barca da felicidade, um país em busca de um futuro promissor irá começar a navegar...

UM PAÍS/BARCA À PROCURA DO FUTURO DE FELICIDADE

Uma Barca (País) navega tranquilamente e avança em cena.

Os seus tripulantes, trabalhando, procuram avistar adventos promissores de felicidade.

Partilham o navegar: estão felizes, trabalham para que a Barca (País) chegue a bom porto e lhes traga felicidade.

2

CORO DA VIAGEM

CORO

Vai navegando unha barca

Vai navegando unha barca

No alto mar

No alto mar

3

MÚSICA NAUFRÁGIO

A CRISE

Tormentas várias (fogo, água revolta, ventos, chuva) assolam a Barca (País).

A tripulação não resiste ao tombo. Sem nada onde se agarrar, por a Barca não ter salva-vidas, afogam-se.

Tentam agarrar-se a destroços, mas tudo estava tão frágil que de nada lhes vale.

AS CONSEQUÊNCIAS DA CRISE

Um dos lados doas panos azuis (ondas) é preto.

Grupo das Ondas cobre os corpos que flutuam mortos. Destroços e corpos. Barca destruída só com esqueleto.

4

CANÇÃO DO NAUFRÁGIO

NARRAÇÃO

O barco que viajava
Levando dentro a tripulação
Naufragou em alto mar

CORO

E causou destruição
E causou desolação

NARRAÇÃO

Não havia salva vidas
Nem tábua para boiar
Ouviam-se gritos aflitos

CORO

Ninguém se iria salvar
Ninguém se iria salvar

NARRAÇÃO

Tal como a Nau Catrineta
Muito havia que contar
Mas se a morte bate à porta

CORO

O melhor é abalar
O melhor é abalar

A SOBREVIVÊNCIA À CRISE

São quatro os sobreviventes: Francisco, construtor/carpinteiro e músico;
Maria, agricultora;
Antônio, mineiro;
Isabel, criadora de animais.

Apesar de terem profissões produtivas,
estão confrontados pela falta de tudo para poderem sobreviver.
Entre os destroços, em pontos distintos,
apercebem-se de que estão vivos mas incapazes de dar a volta à situação.

QUADRAS DE APRESENTAÇÃO DOS SOBREVIVENTES**FRANCISCO**

Eu sou Francisco , senhores
 Construtor de profissão
 Mas as desgraças da vida
 Mataram a minha canção

MARIA

Eu de nome sou Maria
 E era um boa agricultora
 Mas as desgraças da vida
 Fizeram de mim perdedora

ANTÓNIO

Eu , de nome António
 Foi prospector de minério
 Pelas desgraças da vida
 O meu porvir é mistério

ISABEL

Eu sou Isabel, senhores
 Criadora de animais
 Pelas desgraças da vida
 Agora já não crio mais

A ESPERANÇA DE SAIR DA CRISE

Uma ilha começa a construí-se como um puzzle,
 Criando sensação de que, quanto mais eles se aproximam,
 mais globalmente a vêm.

FRANCISCO

Terra à Vista!

Dá grito estridente e eufórico.

A FESTA DA TERRA À VISTA

CORO

Terra à vista!

NARRAÇÃO

Salvação

CORO

Terra à vista!

NARRAÇÃO

Ali à mão

CORO

Terra à vista!

NARRAÇÃO

Sobrevivência

CORO

Terra à vista!

NARRAÇÃO

Residência

CORO

Terra à vista!

NARRAÇÃO

Alegria

CORO

Terra à vista!

NARRAÇÃO

Calmaria

O ENCONTRAR DE ALTERNATIVAS PRÓPRIAS PARA RESISTIR À CRISE

Em simultâneo ao aparecimento da Ilha, vão aparecendo os elementos da natureza que a povoam à chegada dos 4.

Verificam que a Ilha tem o que, de essencial, eles necessitam para sobreviver.

7

O RECONHECIMENTO DA ILHA PELOS QUATRO SOBREVIVENTES

NARRAÇÃO

Os quatro sobreviventes

Visitam nova morada
Animais, plantas, minério
Tudo talhado a critério

CORO

Tendo a sorte por aliada
A natureza deu presentes
Tudo ali existia
P'rá vida continuar

NARRAÇÃO

Ilha de Náufragos assim
Merecia grande festim

CORO

Por nela irem morar
Romperam em cantoria
Lá-lá-lá
Lá-lá ra-lá

Lá-lá-lá
Lá-lá ra-lá

Lá-lá-lá
Lá-lá-lá

GRUPO COREOGRAFIA – Sai de cena no fade-out da música.

Os quatro deitam mãos à obra e, cada um no seu ofício, multiplicam o que encontraram. Gradualmente, vão aparecendo em grande número: animais, produtos da terra já crescidos, minério que sai das montanhas que originou alfaias, casas que se constroem.

Sem precisarem de dinheiro, trocam o que cada um tem pelo que os outros sobra. Entreajudam-se sem precisarem de moeda. Não há inflação porque produzem o estritamente necessário.

8

CANÇÃO DO TRABALHO

FRAN

Animais p'ra domesticar

Casas com árvores farão
Da terra por cultivar
Ferramentas nascerão

Trocam galinha por batata
E enxadas por guarita
Sem dinheiro a vida corre
É cego quem não acredita

Quem troca o que lhe sobra
Em troca do que não tem
Engrandece a sua obra
Sem pedir nada a ninguém

Nada lhes irá a faltar
Trabalho gera progresso
Nova vida a começar
Sem dinheiro há sucesso

Sem dinheiro há sucesso
Sem dinheiro há sucesso
Sem dinheiro há sucesso
Sem dinheiro há sucesso

Nada lhes irá a faltar
Trabalho gera progresso
Nova vida a começar
Sem dinheiro há sucesso

Sem dinheiro há sucesso
Sem dinheiro há sucesso
Sem dinheiro há sucesso
Sem dinheiro há sucesso

CENA 4

O PROBLEMA DA FALTA DE DINHEIRO PARA FACILITAR AS TROCAS.
SAUDADES DA SUA ANTIGA CIVILIZAÇÃO.

NARRAÇÃO

Faltavam-lhe comodidades
da antiga civilização.
Conforto e adornos
deixavam-lhes saudades...

9

A FALTA DE DINHEIRO

CORO

Eles bem queriam

NARRAÇÃO

continuar a trocar.

CORO

Mas o vil metal

NARRAÇÃO

é que lhes estava a faltar.

CORO

Se um tinha muito

NARRAÇÃO

outro não tinha que dar.

CORO

Se houvesse taco

NARRAÇÃO

iria facilitar.

CORO

Mas o dinheiro

NARRAÇÃO

como vão eles fazer?

CORO

Qual é o segredo

NARRAÇÃO

para ele aparecer?

CORO

Mas o dinheiro

NARRAÇÃO

como vai ele começar?

CORO

Na civilização

NARRAÇÃO

Está sempre a circular!

CHEGA A TROIKA COM SOLUÇÃO PARA OS “PROBLEMAS” SENTIDOS DA ILHA

Surge um barco a motor (Moto 4 transformada em barco a motor veloz. de) com Sr. Carcanhol - figurino bem distinto dos Quatro (esfarrapados – náufragos).
Os Quatro ao avistarem sinal de Civilização, contentam-se e acolhem o Senhor efusivamente.

10

BOAS VINDAS AO SENHOR CARCANHOL

CORO

Bem vindo seja

FRANCISCO

Tem a Ilha ao dispor

CORO

Temos comida

MARIA

E carne da melhor

CORO

Só um problema

ANTÓNIO

Nos anda a inquietar

CORO

Falta dinheiro

ISABEL

Para não ser só trocar

11

A SOLUÇÃO DA CARCANHOL

SENHOR CARCANHOL

Sou pessoa certa

Para o vosso problema

Fazer dinheiro

É mesmo meu esquema

Se têm o peixe

Eu tenho o anzol

Fabrico dinheiro

Sou Sir Carcanhol

Trago impressora

E ouro em baú

emito as notas

Como merda do cu

GRUPO COREOGRAFIA – Batem palmas no final do discurso canção, saindo.

O papel entra numa das pontas e saem notas na outra ponta.

12

A IMPRESSÃO

Continuação do refrão “Como merda no cu” em surdina para a Narração.

NARRAÇÃO

E ali estava o salvador,
Para os quatro, mesmo um milagreiro.
Entrava papel de um lado
Do outro saía dinheiro

A FARSA DA FINANÇA

O senhor Carcanhol dirige-se com o seu cofre a um monte onde escava um buraco e o enterra.

13

O SENHOR CARCANHOL IMPRIME AS NOTAS E ENTERRA O COFRE

SENHOR CARCANHOL

Este negócio é meu
Cheguei na hora certa
Sou um boss Europeu
Foi minha a descoberta
Se querem notas
Imprimo num papel
O ouro do meu cofre
É torre de Babel

CORO

Diz umas tretas
E eles vão acreditar
Que o ouro é a garantia
Para notas fabricar

CARCANHOL

Cobro o meu juro
Será o mais normal
Um compromisso
Terão que assinar

É garantia
De que mo vão pagar
Se querem 100
Eu só mais 20 cobro
É p'rás despesas
Sou eu dono do ouro
É fácil de pagar

Toca a trabalhar

CORO

É fácil de pagar

Toca a trabalhar

É fácil de pagar

Toca a trabalhar

É fácil de pagar

Toca a trabalhar

O DINHEIRO A COMANDAR A ECONOMIA – LEIS DO MERCADO

Em vez da troca de produtos, eles passam a circular em troca das notas impressas.

14

VOLTAR AO TRABALHO

(igual a música 8 com um refrão repetitivo)

GRUPO 1 (da mesma forma que fizeram na Cena 2), são os produtos da terra.

GRUPO 2 traz notas e compra bens do **GRUPO 1**.

GRUPO COREOGRAFIA - entra e cria movimentação de troca de lugares.

CORO

Nada nos irá faltar

Trabalho gera progresso

O mercado é que está a dar

Só o dinheiro dá sucesso

Só o dinheiro dá sucesso

Só o dinheiro dá sucesso

Movimento anárquico durante a música
Recusa de trocar por notas os produtos.
Uma nota comprar vários produtos. Etc...

CENA 5

CONTESTAÇÃO À SOLUÇÃO DO CARCANHOL

Os 4 tomam posição num estrado à frente de um dos palcos. Interrompem a canção com um grito forte.

ISABEL

Alto e pára o baile!

Ao ouvirem o grito, **GRUPO 1**, **GRUPO 2** e **GRUPO DE COREOGRAFIA** ficam em “frise”.

OS 4 Dirigem-se a CARCANHOL e interrogam-no.

15

PEDEM EXPLICAÇÕES

(melodia da Música 5)

ANTÓNIO

Pode dizer-me Senhor

Aonde é que você leu

Ir receber de nós quatro

Muito mais do que nos deu?

ISABEL

Se os mil que nos deu
É que estão a circular
Duzentos que pede em juros
Aonde os iremos buscar?

FRANCISVO

Se o senhor um dia quer
Empréstimo mais os juros
Mesmo apertando o cinto
Já não há espaço p'ros furos

MARIA

Se construímos mais casas
E a produção aumentar
Nem animais nem minério
É para juros pagar

Os 4 e CORO

Aumenta nosso trabalho
Estamos sempre a produzir
Mas com os juros que cobra
O dinheiro vai diminuir

16

CARCANHOL DIVIDE-OS PARA REINAR

(Melodia Música 11)

GRUPO COREOGRAFIA, ao iniciar a música, sai para trás da Ilha para ir buscar bandeias azuis (claras e escuras).

GRUPO 1 coloca-se atrás do **GRUPO DOS AZUIS** claros,

GRUPO 2 coloca-se atrás do **GRUPO DOS AZUIS** claros,

SENHOR CARCANHOL

Não desanimem
Eu vou-vos ajudar
Eu posso dar mais taco
Só mais juro irão pagar

Entra **GRUPO AZUIS CLAROS** e perfila numa das laterais.

A culpa não é minha
Das vossas alegações
Façam lá uns partidos
E cheguem a conclusões

Entra **GRUPO AZUIS ESCUROS** e perfila numa das laterais.

A culpa é dos azuis claros
Que estão a protestar
E até mesmo azuis escuros
Não querem trabalhar

A LUTA DE UNS CONTRA OS OUTROS DIVIDE-OS

17

LUTA VICE-VERSA

FRANCISCO E MARIA incitam **AZUIS CLAROS**. **ISABEL** e **ANTÓNIO** incitam **AMARELOS**.

GRUPO DE COREOGRAFIA enfrenta-se em luta.

GRUPO 1 e 2 manifestam-se atrás da cor da sua predilecção.

AZUIS CLAROS (uma parte do Coro)

Se houver banca rota
Azuis escuros são culpados
Não façam mais chacota
Azuis escuros são malvados!

AZUIS ESCUROS (outra parte do Coro)

Azuis Claros são culpados
Da dívida nacional
Banidos e julgados
Em acto eleitoral!

A luta é interrompida por rebentamento do monte onde o Carcanhol escondeu o cofre
O LOGRO DA FINANÇA
NO cofre? Ouro, nem vê-lo!

18

MÚSICA CAOS

Música pára.

GRUPO COREOGRAFIA – Movimento conjunto em direcção ao espaço do rebentamento.

Os **4** encabeçam os **GRUPOS** e vão verificar o que causou o rebentamento

GRUPO AZUL CLARO cerca o Monte e começam a retirar destroços. Vão recuando com destroços na mão, ganhando uma mole humana.

O cofre aparece depois de retirados os destroços.

Os **4** abrem-no, esperando ter ouro.

Sai um mapa de Portugal em pano com desenho expressivo de miséria que é esticado por **GRUPO AZUL ESCURO**.

Esqueletos saem do cofre e são empunhados pelos **4**.

Enfurecidos pelo logo trapaceiro do Carcanhol, os **4** arremessam cofre para longe e ouve-se rebentamento.

GRUPO COREOGRAFIA ainda dividido em **CLAROS** e **ESCUROS** fazem movimento eufórico em direcção do público, onde se pôe ter escondido o Carcanhol.

19

CORO DA REVOLTA

CORO

Mas que grande trapaceiro

Mas que grande traiçoeiro

Ele vai pagar

Ele vai pagar

Ele que falava no ouro

Vai levar tantas no couro

Vai rebentar

Vai rebentar

VAI REBENTAR

Roda o Judas que tem uma reprodução do Carcanhol.

COREOGRAFIA em direcção do Judas ao ritmo da música.

20

CANÇÃO DA QUEIMA

Não andamos a reboque

Dos que nos querem domar

Para o futuro ser bem nosso

E não sermos pele e osso

O judas vai rebentar!

O Judas vai rebentar!

Tiro-liro Liro-liro

Tiro-liro Liro-ló

Vamos queimá-lo sem dó!

Vamos queimá-lo sem dó!

Anexo 6 – Guião original do “Judas” de 2013

Judas 2013

1. BALONA

Prólogo - Entrada coro

Coro canta uma música antes de se iniciar o espetáculo do Judas. Música que pode ou não estar relacionada com o espetáculo e com um cariz mais popular.

2.TIRO/MORTEIRO

MUSICA 1

Prólogo – acender das latas

Acender das latas – Ritualizado/síncrono com a música.

FIM DE MUSICA 1

Cena 1

9. TIROS-FOGO

- *Durante a narração entra a parede de painéis com povo atrás. Vêm tem meio de cena.*

Narrador: Zé Rui

Esta é a história de Azar, um país onde durante longos anos ninguém soube o que era a cor. (pausa)

MUSICA 2

Em Azar, todos os dias eram dia 13 e as pessoas viviam encolhidas e fechadas sobre si mesmas. Os seus sonhos eram a preto e branco. E só os pássaros saboreavam a liberdade. (pausa)

Os anos foram passando e este país, pequeno em tamanho, mas com gente de alma grande, era um buraco sem fundo onde os medos, a dominação e o obscurantismo causavam pesadelos ameaçadores a quem nele sobrevivia com a alegria e os desejos algemados. (pausa)

Resistente, o povo do país do Azar uniu-se, num dia que não era 13, num mês que não era 13 e num ano que não terminava em 13, para lançar os dados que irão mudar a sua sorte.

FIM DA MUSICA 2

E neste momento estão a dar os seus primeiros passos!

4. BALONA VERMELHA

Cena 2 A festa da liberdade

MUSICA 3

A FESTA DA LIBERDADE

- *Depois do instrumental, quando se inicia a letra rompe-se a parede;*
- *Entra um grupo de Swings coloridos;*

- *Entra, depois, o resto do povo com coreografia;*
- *Ao mesmo tempo - coreografia com os painéis que formaram antes a parede.*

5. REPUXOS/FOGO
Durante a coreografia

**Num país que é azarado
qualquer um é desterrado
o que é certo está errado.
Há que dar espaço à sorte
para sonhar sem passaporte
e impedir que chegue a morte.
Traz tua roupa garrida
faz de arco-íris tua vida
Chegada pede partida - repete**

**Isto agora é que está a dar
Faz das tripas coração
Mais vale um pássaro na mão - repete
Do que muitos a voar**

**Quando o azar te bate à porta
planta a sorte na tua horta
que a tristeza fica morta
Gritemos com alegria
que comece a cantoria
a anunciar novo dia
Que mil cores cresçam na terra
que a paz abate a guerra
não há espaço para a espera - repete**

**Isto agora é que está a dar
Faz das tripas coração
Mais vale um pássaro na mão – repete
Do que muitos a voar**

REPETE

- **FINAL COREOGRAFIA – POVO FAZ GRANDES RODAS E COMBOIO**

6. TIRO/FOGO
INTERRUPÇÃO MUSICA 3

- **FREEZE DE MOVIMENTO**

Narrador – João Almiro

Atenção, atenção!

Ó meus amigos! O que é isto, ah? Festa? Brincadeira? Isto assim não está bem! Não pode ser só folia! Há que pôr o país em marcha! Estão a perceber? Têm que escolher alguém que vos guie. Alguém que governe! (pausa) Ainda estão parados? Vá lá, toca a mexer!

- *Movimento do povo que continua apesar da balona*

7. BALONA BRANCA

Cena 3 Campanha e votação

MUSICA 4 “TOCA A VOTAR” INSTRUMENTAL

- *Um autocarro sairá da estrutura do boneco-Judas, e seguirá até meio de cena ladeado por um grupo de polícias;*
- *Governantes aparecem, no autocarro;* **MUSICA 4 – COM LETRA**
- *Governantes atiram papeis de campanha;*
- *Povo aproxima-se do autocarro, apanha papeis do chão e lê.*
- *Um dos governantes chama um elemento do povo que tem painel branco.*
- *Governante segura o painel e desenha uma cruz incitando o povo a votar. Entrega-o depois a um dos polícias;*
- *Polícias seguem com votos até escada do Pinóquio e aguardam ;*
- *Formam-se, com os painéis, as urnas de votos;*
- *Povo alinha para iniciar votação; Encabeçando a fila estarão 3 elementos com painéis, cujo verso tem desenhado uma cruz. Inserem voto na urna e ao mesmo tempo que polícias inserem voto na ranhura do porco.*
- *Todos os outros votarão com os papeis apanhados do chão;*
- *Arrumam-se as urnas de voto e coloca-se material atrás junto ao Judas*

Na nova democracia
O futuro está garantido
basta escolher um partido
com toda a diplomacia

**Toca a votar,
Perfilar, marchar, em frente
Votem em mim
Sem grande chinfrim
Não quero ninguém descrente**

É tão simples, meu bom povo
Fazer uma cruz num voto
É como dar um arrote
Para fazer nascer um ovo

(Refrão)

Metam o voto na urna
Escolham bem o menu
Eleição é mesmo isso:
Voto em ranhura de cu

(Refrão)

Governaremos sem ódio
Somos vosso multibanco
Vosso voto é nosso código
Por isso sai fumo branco

POVO AGUARDA ACOCORADO ESPERANDO RESULTADO

**FIM MUSICA 4
SILENCIO
CORO CANTA**

- Povo sente grande exaltação. Aplausos. Gritos.

8. FOGO/CANDELAS
Durante a cena de aplausos

Cena 4
Tomada de posse e promessas

9 – FOGO /ASSOBIOS
4SEG.

Político A: Zé Rui

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia, em exercício; Exmo. Senhor Presidente do Banco Nacional..

Político B: João Almiro
também em exercício;

Político A:
Exmo. Senhor Presidente do Tribunal de Justiça,

Político B:
Está agora de férias;

Político A:
Exmo. Senhor ministro da Cultura..

Político B:
Ministro não, agora é só Secretário da Cultura, ausente...

Político A:
Exmo. Senhor Presidente desta Câmara, que com certeza será dentro de pouco um ex presidente;

Político B:
ou...talvez um futuro Presidente de uma outra, ou talvez de uma Federação e...e... adiante, adiante, adiante,

Político A: Zé Rui

Bem, este é um país que já vem de longe e que vai seguramente chegar a muito longe, de carro, de bicicleta ou até mesmo a pé.

Um país de conquistadores, de homens destemidos que cruzaram o oceano, praticamente a nado; de mulheres de pêlo na venta que fizeram o pão, e que atiraram ao forno os invasores . Gente de raça que aguenta e aguenta e aguenta.

POVO BRADA E APLAUDE

10 – FOGO/ASSOBIOS

Político B:

Porreiro pá! Porreiro pá! Agora sou eu!

Prometemos ser felizes. Prometemos ser bons.

Defenderemos com unhas e dentes um estado social justo;

Político A: Zé Rui

Umás vezes com mais unhas, outras com mais dentes;

Político B:

Asseguraremos oportunidades de trabalho para todos, com salários justos e satisfatórios.

Político A:

Uns mais satisfatórios que outros, claro, dependendo de quem se trata;

Político B:

Asseguraremos o direito à educação gratuita que dê futuro à juventude,... que dentro de uns anos também não passará de meia dúzia.

Político C: Zé Rui (uma nova voz)

Bem dito. Permita-me agora!

Queremos saúde para todos, até para os nossos inimigos;

Garantiremos segurança à velhice, e por isso vamos distribuir bengalas a todos para que se evitem as quedas e as contusões;

Combateremos a corrupção e a injustiça. Quando for possível, isto é, nos tempos livres dos polícias e magistrados....

TELEFONE-SOM

Político B – João Almiro

Hum, hum, sim, sim, ...*(desliga telefone)*

E ainda....

E ainda temos para vos oferecer:

Um televisor com ecrã leds de 180 polegadas

(publico aplaude)

50% de desconto em cartão

(publico aplaude)

E ainda... uma embalagem de cápsulas Demuralina para acabar com os excessos acumulados;

(publico aplaude)

11. FOGO/ASSOBIOS

15 SEG.

MUSICA 5

Cena 5

Tudo corre bem – construção da cidade

12. FOGO/RODAS GIRATÓRIAS

No decorrer da cena

- *Autocarro afasta-se.*
- *Povo vai para a partida*
- *Polícias montam rotunda*
- *Ao mesmo tempo entram **FAIXAS** – educação, saúde... para os **LUGARES***

FIM MUSICA 5

CORO RESSONA

13. BALONA AZUL

Cena 6
O 1º dia

Narrador:

Zé Rui

Good morning Azar!

SOM GALO
MUSICA 6

São 6h30 da manhã. O dia começa tranquilo. Lá fora os pássaros cantam. O cheiro do pão quente perfuma a cidade. Tudo ganha vida e cor!

João Almiro

A alegria e a esperança estão no ar. Estamos confiantes. É com grande entusiasmo que apressadamente saímos de casa para um novo dia!

- No início da música entram feirantes;
- De seguida entra o povo para trabalhar - cada um nos seus sectores;
- Povo executa movimentos de trabalho;

**MUSICA ASSINALA SAÍDA DO TRABALHO
E ARRASTAMENTO**

- **Ao sinal da musica, povo sai do trabalho e regressa a casa ao ponto de partida.**

FIM MUSICA 6

CORO RESSONA

TELEFONE – SOM
Voz imperceptível/pausa
Desliga

14. BALONA AZUL

Cena 7
O 2º dia

MUSICA 7
Jingle/rufos para entrada dos polícias

O 2º dia inicia-se com a entrada de um grupo de polícias. Levam nas mãos um saco com cifrão desenhado e lanternas luminosas. Percorrem estrada, fazendo coreografia de movimentos e posicionam-se dois a dois, junto aos locais – educação, saúde, emprego, cultura.

POLICIAS NOS LUGARES

FIM MUSICA RUFOS

Narrador:

Zé Rui

Good morning Azar!

SOM GALO
MUSICA 6

João Almiro

A manhã começa tranquila. O céu está ligeiramente nublado. O vento é fraco. Poderão ocorrer alguns aguaceiros em regiões mais baixas.

Zé Rui

No entanto, a cor mantém-se impermeável. Condições favoráveis a um novo dia.

- No início da música entram feirantes;
- De seguida entra o povo para trabalhar em cada um dos seus sectores;
- Despe peça de roupa e entrega à policia;
- Povo entra e executa movimentos de trabalho;

15 FOGO/TIROS

- **INTERROMPEM MOVIMENTOS DE TRABALHO**

INTERRUPÇÃO MUSICAL

Narrador/Voz dos políticos

Político C – Zé Rui

Caríssimos, isto tem de ser dar para receber. Dar para receber.

Até agora tem sido só vida boa – trabalhar, comer, dormir e andar lavadinho. Tudo à grande, anh? Tudo à grande. Tudo acima das nossas possibilidades.

Aaaaaaaaah, não pode ser! Há que contribuir, há que contribuir companheiros. Há muito buraco negro para encher, muitos alemães de boca aberta sem terem nada pra comer. É dar e receber. Dar e receber. Tirem a roupa! Tirem a roupa!

Político B – João Almiro

Acha que o povo aguenta?

Político C – Zé Rui

Ai, não aguenta?! Então se os gregos aguentaram porque não aguentam os azarados? Ai aguentam, aguentam!

Político B - Tirem a roupa! Tirem a roupa!

**MUSICA 6
REGRESSOA A CASA**

- **O povo regressa a casa – o ponto de partida**

CORO RESSONA

16. BALONA AMARELA

**Cena 8
3º Dia**

**Narrador:
Zé Rui
Good morning Azar!**

**SOM GALO
MUSICA 6**

- No início da música entram feirantes;

O relógio já tocou! Chega de preguiça! Um novo dia aguarda por si.

(Separador musical feito pelos próprios locutores)

João Almiro

Vamos agora ao estado do tempo. O Instituto de Meteorologia colocou hoje sob aviso Vermelho todo o território. Prevê - se vento forte com rajadas na ordem dos 100 km/hora, chuva intensa e agitação marítima com ondas que podem chegar aos 15 metros. O instituto chama à atenção para uma situação meteorológica de risco elevado, aconselhando as pessoas a tomarem as devidas medidas de precaução.

- **Feirantes vão “buscar” povo à partida**

**FIM MUSICA 6
Vai ralentando até terminar**

Vendedora: João Almiro

Desculpe, não era aqui o mercado municipal?

Habitante/Polícia: Zé Rui

Era... era o mercado. Onde se vendiam frutas e legumes frescos sem cheiro a supermercado. Está a ver?

Vendedora

Estou, estou, quer dizer, não estou a ver nada, não existe nada aqui. O mercado desapareceu com o temporal de há tempos, foi?

Habitante/Polícia

Desapareceu, mas não foi com esse temporal... foram outros temporais que por aqui passaram... E já foi há tanto tempo, que até já me tinha esquecido.

Vendedora

Então agora onde é que podemos vender os nossos produtos?

Habitante/Polícia

Ora bem, que dia é hoje?

Vendedora

30 de Março

Habitante/Polícia

Se você tivesse chegado à uma semana atrás podia vende-los no mercado de produtos locais. Agora só volta a haver esse mercado no dia... 27 de Abril.

Vendedora

Mas isso é daqui a um mês! Até lá os repolhos murcham... as batatas grelam... as laranjas apodrecem...

Habitante/Polícia

Pois faça com a mercadoria o mesmo que fizeram ao mercado municipal: congele!

Vendedora

Mas, isto é bom é fresco...

Habitante/Polícia

Meus amigos, é o que temos.

Mas também temos:

Uma circunvalação grande e sem trânsito! Parece uma auto-estrada.

Temos, um parque urbano que parece os Champ Elysés, anh?

Temos, bons passeios para andar de carro e boas estradas para andar a pé.

E a ciclo via? Uma categoria...

**TELEFONE – SOM
VOZ IMPERCETÍVEL/PAUSA/DESLIGAR**

Político C

**Povo de Azar. Azarenses e Azarensas. Vimos comunicar-vos uma nova medida de... de...
Não estou recordado da palavra**

Político B

medida de Azar, chamemos-lhes assim.

Político C

**Isso..issooo Taxa sobre o sorriso. Sendo o país do azar, o país da melancolia e da saudade,
fica a partir de hoje estipulada a proibição de sorrir mais de uma vez ao dia, sob pena de
prejudicar a imagem do país no exterior.**

Político B

**Assim, quem ultrapassar este número, pagará uma taxa extraordinária de 50% do seu
salário mensal.**

MUSICA 6

- De seguida entra o povo para trabalhar - cada um nos seus sectores;
- Povo executa movimentos de trabalho;
- Despe o resto da roupa colorida e entrega-a à policia;
- Povo entra e executa movimentos de trabalho;

MUSICA 6

**Sinal que marca desalento
E lentidão musica**

- **Povo regressa não a casa mas ao centro de
Cena**

TELEFONE – SOM

FIM MUSICA 6

17. FOGO/TIRO

- *O Judas, ao telefone, roda, mostrando a face;*

Narrador/Judas – Zé Rui

(grunhindo, grunhindo)

Aaaaaaaai (arrota) Schwein, Schwein, (arrota) comi que nem um padre, perdão, que nem um ministro, quer dizer, muito mais que um reformado ou desempregado, mas muito menos que um banqueiro.

Aaaaai o que eu tenho engordado às vossas custas, olhem-me bem para estes presuntos. Estão aqui as vossas mãos, os vossos braços, a vossa carne.(gargalhada)

Very good, Das ist schon! Das ist Schon! Que belo trabalho tem sido feito por aqui. Que belo trabalho! Está tudo limpinho desde a cabeça ao rabinho. Sois um caso raro, único até. Está tudo cumprido na perfeição, – impostos a subir e salários a descer, inflação, inflação, e cortar, cortar, cortar...

É preciso que uns emagreçam para que outros possam engordar. Sempre foi assim. Sempre foi assim. Sempre será assim. Quem não tem pão come sabão.

(brindando)

Tlim....Tlim...

Proust! Proust!

No autocarro os governantes riem às gargalhadas, celebram com champanhe;

**CORO – GARGALHADAS
18 – FOGO/ASSOBIOS**

**Cena 9
Revolta e manifestação**

**Música 8
Violência e revolta**

Esqueléticos – (Música 8)

- *O povo roda mostrando aventais esqueleto.*

19. FLASH

Desanimadas gentes, implorando
em murmúrios por a carne que abalou.
Falsas promessas foram devorando
o esquelético corpo que restou

Acreditando num deus prometendo
que seu azar um dia tivesse fim,
esse Deus não passava dum monstrengo
Adamastor bom comparsa de Caim

REVOLTA

20 BATERIA DE TIROS

O Povo, vestido com os aventais com esqueletos desenhados revolta-se. Movimento anárquico. Derrube dos pinos.

O Povo organiza-se e segue num movimento, a lembrar uma manifestação, em percurso até ao autocarro. Rodeiam o autocarro.

21- FOGO/TIRO

Cena 10 Julgamento

Juiz: Zé Rui

(bate com martelo)

Silêncio no Tribunal! Levantem-se os réus! Levantam-se os réus! Passo a ler a sentença:

Pelo incumprimento das promessas falaciosas de campanha;
por um serviço tão, porcamente, mal prestado à comunidade;
pela subserviência a um poder exterior que nos mata e esfola; **vais rebentar**

Música 10

Refrão: Pelo mal que nos fizeste

Vais rebentar

Juiz: João Almiro

Pela destruição do sistema social;
pela destruição da dignidade humana;
Por nos sugares o sangue para encher buracos negros duvidosos;
Por engrossares fileiras de esfomeados e desempregados, **vais rebentar**

Refrão: Pelo mal que nos fizeste

Vais rebentar

Juiz: Zé Rui

Pelo pão que nos tiras à boca;
pelo futuro que roubas aos nossos filhos,
Pela pobreza a que condenas os mais velhos;

Por nos obrigares a emigrar;

Por nos saqueares a pátria e a felicidade, **vais rebentar,**

**Refrão: Pelo mal que nos fizeste
Vais rebentar**

Juiz: João Almiro

Pela arrogância e petulância;
Pela incapacidade de sentir e olhar;
Por não nos queres escutar;
vais rebentar

**Refrão: Pelo mal que nos fizeste
Vais rebentar**

Expulsão e queima

**Se és a porca da crise
Que nos estás a empobrecer
Suína, bécora, imunda
Neste fogo vais arder**

**Badalhoca, teus grunhidos
Estamos fartos de escutar,
Gritamos enraivecidos
E a tradição vai se cumprir
És porca e vais rebentar
Com a Troika que te pariu!**

*Musica 10
Continuação
Mas agora integral*

Inicia-se a expulsão dos governantes. O autocarro é empurrado para junto do judas e celebra-se a queima cantando a canção.

Nota Final:

O povo festeja. A partir do momento em que o Judas já está completamente em chamas o povo recolhe às laterais e assiste à queima. Blackout. Agradecimento-

Anexo 7 – Guião original do “Judas” de 2014

Aqui nos tens, sem sabermos de onde vens, Estúpidos, quadrúpedes, ignorante, analfabeto, idiotas, selvagens, abestalhados, alimária

Somos bestas, mas não confundimos:

Austeridade com audacidade

Bestas com bestialidade

Câmara com contabilidade

Cargo com credibilidade

Chico-espertismo com espontaneidade

Cidade com atrocidade

Conhecimento com celebridade

Corrupto com credibilidade

Crise com cristandade

Desemprego com desumanidade

Gestores com gestualidade

Governo com gananciosidade

Ministro com mercantilidade

Miséria como fatalidade

Ostentação com honorabilidade

Presidente com prosperidade

Sacrifícios com solidadriedade

Sinceridade com sagacidade

Troika com teatralidade

Valores com vaidade

Velhice com vegetabilidade

Voto com veracidade

MOSTRENGO

Sofre muito minha alma justiceira

Agora vejo a razão de tantos males

Só uma realidade tão besteira

Faz gastar tanto dinheiro nos hospitais.

Estas bestas são a minha cagadeira

Sou especialista em problemas sociais

Venha outros, sem medos nem receios

Aqui me têm, não façam rodeios

7. JOVENS E VELHOS

*Apresenta-se o grupo dos “**Jovens**”.*

MÚSICA - (igual à Música 2)

CORO JOVENS

Somos jovens, tirámos nossos cursos,

Estudámos e não existe emprego;

Foi o povo quem pagou com seus recursos,

Emigramos e quem lucra são os ursos.

Rebentamentos - PÉ

MÚSICA (igual à música 3)

São os outros países que vão ganhar
Com o conhecimento que adquirimos
Nós daremos lucro que eles vão emprestar
com altos juros novas dívidas contraímos

MOSTRENGO

Meus queridos jovens, compreendo a vossa situação. A verdade é que na Alemanha o salário mínimo é de 1.496€, quase três vezes mais que os 485€ deste vosso mísero país. Não tenham problema pelo povo ter pago os vossos estudos com os seus impostos. Exportar mão de obra qualificada e massa cinzenta deve ser um orgulho para uma nação com tanto desemprego. Uma prova de que para alguma coisa serve Portugal: formar pessoas para trabalharem nos países que, depois lhe emprestam dinheiro, como agradecimento pelos lucros que obtêm da emigração da saudosa “Mocidade Portuguesa”.

JOVEM 1

Mas nós queríamos era ser úteis ao nosso país e poder viver nesta terra que amamos.

MOSTRENGO

Deixem-se de poesia. Vós sois homens comuns e a vossa economia é guardar dinheiro. Para os países ricos, economia é gastar o dinheiro do homem comum. Toda a desvantagem tem a sua vantagem.

JOVEM 2

Mas os portugueses são cada vez mais procurados no estrangeiro pela sua qualificação e capacidade de exercer profissões que requerem muito conhecimento. Com esta crise, o país só teria a ganhar connosco.

JOVEM 1

Conheço colegas meus que ainda não tinham acabado os cursos, já sabiam que iam para deputados, acha isso bem?
Cada vez mais penso que ter uma sociedade de gente que pensa é muito perigoso.

JOVEM 2

Cada vez mais me convenço que o que vale é o penacho, o compadrio e pertencer ao rebanho certo. Eu só queria que a nossa classe dirigente vivesse, nem que fosse só um mês, com o ordenado mínimo...

JOVEM 1

Quando falassem de mais austeridade, não se veriam da mesma forma no espelho.

MOSTRENGO

“O dinheiro, nas mãos de pessoas não educadas para o usar, é fonte de todo o mal do mundo. Por isso o dinheiro deve ser conservado cada vez mais na mão de um pequeno número de pessoas especializadas, aquelas que, por tradição ou vocação de berço, têm o tino e a sabedoria de como saber usá-lo”. Os pobres geralmente são muito incompetentes para serem ricos.

MÚSICA (igual à música 3)

Jovens ambiciosos, quanto brado
por vossa ambição ser tão inocente,
vosso fado é serem pau mandado
Ser esperto não é ser inteligente,
Vale mais ser emigrante consagrado

Do que andar p'ráqui a chatear a gente
São bem claras as regras deste jogo,
Pascácios deste mundo vão...

Grupo dos Velhos interrompe.

VELHO 1

Alto aí! Isso não! Não lhes dê esse destino!
“A juventude é a época de se estudar a sabedoria. A velhice, é a época de a praticar.” Por
caridade, não os sacrifique.

MOSTRENGO

MÚSICA (igual à música 3)

Quem sois vós para se intrometerem
Em minhas tão acertadas sentenças
Olhando-vos já parece que morreram
A reforma é a cura p'rás doenças.

VELHO 2

“Somos velhos a quem ensinaram a economizar para os dias piores. Como eles já chegaram, já
gastámos tudo e não temos nada a perder.

VELHO 1

Nós, mesmo sabendo que “metade do mundo está maluco e a outra metade toma pastilhas”,
queremos pedir-vos que poupais estes nossos jovens que ainda têm muito que viver.

VELHO 2

Como recebemos 259,40€ como pensão mínima de velhice e invalidez e estamos muito
preocupados por não saber o que fazer a tanto dinheiro, achámos preferível oferecê-la a
estes jovens para comprarem lá no estrangeiro umas sandes de courato.

VELHO 1

Se sobrar alguma coisa, gastem. Não poupem, quando não, nascem-vos corcundas como
estas.

VELHO 2

Meu senhor, deixe-os ser felizes já que, para nós, a bengala da vida já não faz efeito.

MOSTRENGO

MÚSICA (igual à música 3)

Estou farto de choradinho à portuguesa
São bem claras as regras deste jogo,
Vossas vidas estão a dar muita despesa
Pascácios deste mundo vão p'ró fogo

Enquanto cada um dos grupos se dirige para dois distintos círculos até o fogo já estar aceso.

MÚSICA 9 – inspirada em “liberdade” – Fran/Sérgio Godinho

Finaliza na entrada das Torres.

8. RESISTIR – VAIS REBENTAR!

*Enquanto Torres entram e observam a multidão que está cercada pelo fogo a implorarem-lhes salvação
e que os “Corruptos” fazem orgia junto ao Mostrengo...*

MÚSICA 11 coro trauteia “Trova do Vento que Passa”.

Torres ganham movimentos possantes e apagam o fogo que cerca a multidão que grita “Resistir”...

MÚSICA 11 – Vais rebentar!

Coreografia final em direção ao Judas com torres encabeçando a multidão.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra
Que seja o povo quem ordena
Faremos do inverno, primavera
Resistir será nossa sirena

Judas, vais rebentar
Neste fogo vais morrer
Judas, vais rebentar
Neste fogo vais arder

Não ponhas os pés neste Concelho
Em todo o mundo há gente a lutar
Não somos cenoura p’ra coelho
Nem robôs programados para votar

Refrão

Nossa fonte tem bela sereia
Ao tom dela tocamos a reunir
Não nos vendemos por tuta-e-meia
Maria da Fonte, vamos resistir!

Refrão

Anexo 8 – Guião original do “Judas” de 2015

Queima e Rebentamento do Judas 2015

Mundo-cão

Um resumo das ideias em formato de guião.
Aceitam-se propostas de alteração, novas propostas, ideias...

música

Primeira cena

Acendem-se as latas...

Uma espécie de grito inicial

Um casal
Do vestido dela nascem os seres

A sociedade ideal, tudo bem, como um paraíso

Canção

Apenas pistas de letra possíveis

No princípio dos princípios (cá na minha)
Nunca havemos de saber
Se foi o ovo ou a galinha
O primeiro a nascer

Eu cá pra mim (estou em crer)
O mundo inteiro já foi feliz
E bonito de morrer...

Com a evolução dos tempos
Quem reinava
Foral (texto original?)

Segunda cena

Entra o rei a cavalo com séquito (cães?)
Brincadeira sobre reconstituição histórica

Pelourinho

Cercas, quintais, rebanhos, “cuidado com o cão”
Cada um na sua terra (a sua bandeira?)
Tenta ao máximo produzir
Milho, arroz, se calhar petróleo
Mas tem de pagar impostos...

Inquisição

Mas em 1763
Numa terra bem distante onde falavam francês
O povo acabou com a monarquia
Liberdade, igualdade, fraternidade...

Terceira cena
Com a evolução dos tempos...
Tondela cidade?

Europa
Juntam-se países
Dão dinheiro
Escrevem: Devem 100

Uma pequena cena dentro da outra cena

Descanso
Ida para o rio
Não deixam passar

- Mas é só para tomar um banho...
- Tomem banho em casa!
- Mas a água está caríssima?!

Agitação

Volta à cena da Europa

Agora Paguem
Mostram papel da dívida:
Devem 1.000

-Mas...

- Paguem!

- Vamos ver-nos gregos para pagar...

- Paguem!!

-Mas nós não produzimos, (vocês disseram para não produzir)
pagamos com o quê?

Levam sacos e bidons

Os nossos governantes também tiram coisas
Um é preso
Os outros dizem que não sabem de nada

Terceira cena

A imagem desta cena é a de (quase) toda a gente com máscaras de cão e com pequenas tochas de fogo, a tocar uma malha de percussão em bidons, Somos todos Judas...

Canção final

Porque és um vil ladrão sacripanta

Corrupto, desonesto e aldrabão

.....

- Vais rebentar!

São feitas todas as acusações
Ritual de fogo (dança, batucada)
Queima-se o Judas

Escultura de fogo com a imagem da evolução do homem,
Uma de cada lado do Judas que ardeu

Anexo 9 – Guião original do “Judas” de 2017

PRÉ-GUIÃO DO JUDAS 2017

Música 1: Ritual inicial (Miguel Cardoso)

Música do Transviriato, do Fran

CENA 0 - Ritual - acender das latas

CENA 1 – Um país ideal

1.1 – TEXTO TIPO DISNEY (COM SOTAQUE BRASILEIRO) A DESCREVER O “PAÍS IDEAL

Música 2 – Tapete para texto dito e não cantado (Tiago)

Era uma vez um país

Onde entre cantos e dança

Vivia o mais feliz

Dos povos em segurança

Todas eram Cinderelas

E todos patos Donalds

Não havia filhos da Pluta

Só fadas com mil estrelas

Era uma vez um país

Onde cada um tinha seu galho

Ninguém precisava cunhas

Todos tinham seu trabalho

Onde quem tinha aptidões

Era bem reconhecido

Onde não havia prisões

Roubar não tinha sentido

Onde o direito a viver

**Tinha a sua dignidade
Não interessava parecer
Interessava era a verdade**

**Era uma vez um país
Sem corrupção ou ganância
Ninguém roubava a ninguém
Nunca havia discordância**

**Onde imperava a lealdade
De mãos dadas com o rigor
E todo o povo prosperava
Porque lhe era dado valor**

Mudança de ritmo do tapete musical.

Texto para enxugar e encurtar.

Era uma vez um país onde a Branca de Neve se casou com o Tarzan, a Carochinha com o Professor Pardal e a Cinderela com o Cherek, depois de terem estado no castelo encantado da Casa dos Segredos.

Era uma vez um país em que os Tios Patinhas eram corruptos sendo aplaudidos pelos Patetas que tinham muito orgulho na sua prosperidade.

Era uma vez um país em que os Irmãos Metralha voavam com o Dumbo de tribunal em tribunal com a ajuda do pai, do filho e do espírito santo.

Era uma vez um país onde a Maga Patalógica era uma bruxa da Floresta da Baviera que ficava muito feliz quando o Pica Pau das papoilas dizia que os anões do Sul só gastavam o dinheiro todo em bebidas e mulheres.

Era uma vez um país onde o Homem Aranha e o Speedy Gonzalez andavam a perseguir-se um ao outro atrás das câmaras para verem quem sacudia primeiro o águas do capote.

Era uma vez um país onde os viviam esperando que o Costanoramix inventasse uma poção mágica para serem os governantes da floresta encantada.

Era uma vez um país onde o D. Dinis usava a crista do Galo de Barcelos para não engolir o Sapo Cocas.

Era uma vez um país onde os Calimeros foram ao mel à Abelha Maia, gripando a junta da cabeça do Zé Colmeia.

Era uma vez um país que era um conto de fadas onde o Indiana Costex se casou com a Minie Breloques e com o apache Jerónimo, tendo como padrinho o Grilo Falante que não ligava nenhuma ao coelho Bugs Bunny.

Era uma vez um país onde o cão franjado Muttley e a sua Barbie viviam num castelo assombrado, chamando aos jornalistas filhos da Pluta quando lhe diziam que ele era um dos irmãos Metralha.

1.2 "QUADROS/GRUPOS TEATRAIS

Textos narrativos, jocosos e irónicos a lembrar o mundo ideal dos filmes da Disney, introduzem os momentos teatrais ou descrevem posteriormente, esses mesmos momentos.

A ideia é brincar com anúncios, em termos da sua estrutura e criar narrativas adaptadas a cada um dos quadros, sublinhadas com a estrutura musical que os tornou conhecidos em termos do público.

1.2- UM CABELEIREIRO ONDE SE PENTEIAM VÁRIOS CLONES DO TRUMP;

Escrever música dos anúncios para a Filarmónica e banda Judas – Miguel e Mário

Anúncio da Citroen Dyane:

<https://www.youtube.com/watch?v=yaGvfMndSdY>

(FLAUTA = ASSOPIO + VOZES= BARULHO MOTOR CARRO)

2.1 - Música tapete = vídeo

Lá vêm os senhores Truques que têm muito para contar:

moralidades, ordens, poderes

e tudo para nos salvar.

— “Bom dia! Viva, Bom dia!”

Lá vêm mais outros Truques

com a franja cor de cenoura

Para fazerem a poda ao mundo

Cortam galhos com tesoura.

Nhê, nhê, nhê, nhê, nhêm!

E nós a vê-los passar...

Que proteção mais divina

Os Truques nos querem dar

Já são ricos, não precisam

E beber? Eles nos vão dar.

OU/E

Anúncio Ajax

<https://www.youtube.com/watch?v=Gw8qBqBQ2Sg>

2.2 - Música tapete = vídeo

MÁRIO - arranjo

Música: O mais poderoso!

Entrada de Cavalo com escudeiro.

Repórter

Chegaram os super detergentes Truques. Truques são mais poderosos que a sujidade, porque Truques são os únicos com tripla ação.

Veja: Conselheiros brancos com ação de limpeza; Militares verdes, ação anti-manha; racismo azulado, ação branqueadora. São os Truques. Isto sim é que é lavar.

Todos sabemos como quem trabalha se suja, pois Truques deixa-lhes a roupa num brinco, sem manchas pretinhas e com uma brancura que toda a gente nota.

Música: O mais poderoso!

Use o super detergente Truques. Com tripla ação!

1.3 - AS MENINAS COM OS POMPONS;

Anúncio BIC

https://www.youtube.com/watch?v=rL_P2aP-uzI

2.3 - Música tapete = vídeo

MIGUEL – arranjo bateria e baixo

Chique Chique Chique
Chique Chique Chique
São as meninas – chique laranja
Usam pom-pons – Chique Chique Chique
Usam saiihas – Chique cristal
Nas eleições – Chique laranja
Que dançarinas
Tantas meninas à sua escolha
Menina laranja
Tem cinta fina
Menina cristal
Tem fio dental
Menina laranja
Menina cristal
Tantas meninas à sua escolha
Chique Chique
Chique Chique Chique

Os seus pom-pons macios são cremes hidratantes que evitam o uso do botox. Usando os seus pom-pons, as caras idosas e enrugadas ficam com pele macia e suave como a do rabinho de um bebé.

A sua saiiha é um abajour com que poderão proteger-se ultra-violetas.

O seu marchar marca o ritmo pedestre que lhe poupará o ginásio e lhe diminuirá as banhas abdominais.

Estas meninas são a casa onde os segredos são todos revelados para o seu bem estar harmonioso.

1.4 - UMA FAMÍLIA GORDA A COMER EM FRENTE DA TELEVISÃO;

Ferrero Rocher

<https://www.youtube.com/watch?v=oSKi309VnG8>

2.4 - Música tapete = vídeo

MIGUEL - combo

*Senhora fina vê televisão e aparece marido tecnocrata.
Filhos estão a olhar para a televisão mexendo em consolas.*

- Ambrósio, apetecia-me tomar algo.
- Queres comer alguma coisa.
- Não, que eu queria algo bom.
- Compreendo!
- Queres um plasma gigante?
- Não, Ambrósio, um sabor cremoso.
- Queres que te faça massagens com aquele creme...
- Não, Ambrósio, apetecia-me um Ferrari.
- Rocher?
- Não me interessa o modelo. Tem é que ser melhor que o das minhas amigas.
- Querida, tomei a liberdade de te candidatar às autárquicas e aí já ascendes socialmente.
- Uhm... Bravo Ambrósio! Põe-me a presidir a Junta para eu juntar as minhas amigas e irmos a todas as procissões, ter o meu nome em placas e descerrar a bandeira e ir aos funerais mostrar que estou com o povo e..., Ambrósio, encher a mula nas inaugurações.

1.5 - AS CRIANÇAS COM BANDEIRINHAS;

Anúncio Um Bongo

<https://www.youtube.com/watch?v=rRT2P8QI-LQ>

2.5 - Música tapete = vídeo

Um Bronco, um Bronco
jotinha com bandeira
Em cada eleição
É a sua ocasião:
Favores
Bonés
Tachinhos
Cunhas
Empregos
Padrinhos
Viva viva
Patuá
Imagina o que isto dá
Imagina entra na festa
Que as eleições aí
Um bronco, Um bronco!

1.6 - PRETOS PINTADOS DE BRANCO; BRANCOS PINTADOS DE PRETO; AS MULHERES DE BURCA;

Anúncio Restaurador Olex

<https://www.youtube.com/watch?v=klqwYJrhY3I>

2.7 - Música tapete = vídeo

(texto para adaptar)

Um preto de cabeleira loura ou um preto de carapinha não é natural. Mas se os dois usarem o pente zero, acaba o racismo por os dois ficarem igualmente carecas que foi como as mães os deram ao mundo.

Uma mulher ocidental usar burca e uma árabe usar véu não é natural. Mas se as duas se despirem como as mães as deram ao mundo, ninguém nota a diferença.

O que é natural e fica bem é cada um usar aquilo com que nasceu. Usando diariamente o Restaurador Durex, o preto e o branco ficam cinzentos e a ocidental e a árabe são gémeas.

Use também o fixador Durex para não deixar de fixar que todos temos a mesma cor ao nascer e que só temos cores diferentes por os nossos pais só terem tido um balde com a mesma cor, pois se tivessem baldes com muitas cores de tinta seríamos como os papagaios e não se notava a cor da gravata nem o anel de diamantes.

1.7 - EQUIPA DE FUTEBOL QUE FESTEJA UMA VITÓRIA;

Com música de fundo e cantada:

Vamos lá cambada
Vamos à molhada
Que isto é futebol total
Deixem-se de tretas
Força nas canetas
Que o melhor é Portugal

Texto para ser enxuto e encurtado.

Nenhum país é digno desse nome se não tiver futebol.

O futebol arrasta multidões e esfolá-lhes os joelhos, a cabeça e os nervos.

O futebol galvaniza como o aço, empolga como as pulgas, emociona como as monções e transforma-se, assim, no desporto preferido de todos, mesmo dos que não gostam de futebol.

Um bom pai de família tem que ser adepto de um clube e uma mãe de família outro diferente para evitarem falar das contas que há a pagar.

Ao contrário do que se pensa, o futebol não se joga com 11 jogadores de cada lado. Com efeito, os jogadores de um lado podem, caso estejam interessados, ir ao outro lado e vice-versa.

Portanto, os jogadores são 22 e distinguem-se porque usam fatos langerie de cor diferente.

Para controlar o desafio existem três senhores. Um deles usa apito é designado, arbitrariamente, como árbitro, juiz, gatuno, porco e outros nomes que chamaram durante a semana aos adeptos no trabalho e que eles repetem na bancada como vingança.

Os outros dois senhores usam bandeirinhas coloridas e passam o jogo todo a correr de um lado para o outro, junto às linhas laterais – são os fiscais de linha e a sua função é fiscalizar as linhas e impedir que os comboios entrem nos relvados.

E as bolas?

As bolas são muito importantes para o homem. Pode mesmo dizer-se, sem o risco de exagero, que as bolas são essenciais ao homem. Com efeito, que faria um homem sem bolas? Como seria triste, vazia e sem sentido a vida de um homem sem bolas!

Pensem, apenas por momentos, as coisas que um homem não poderia fazer se não tivesse bolas...

É caso para dizer que a História das bolas se mistura com a História do homem e que, se as bolas não existissem, teriam forçosamente que ser inventadas. Pode também especular-se até que ponto poderiam existir homens se não existissem bolas. Quase que somos levados a concluir que o primeiro homem nasceu com as primeiras bolas e vice-versa.

2 O DESFILE MILITAR

3. Música - *Marcha dos Marinheiros* (Mário Filarmónica)

http://www.youtube.com/watch?v=KD_j-ErlpEA

Os marinheiros aventureiros
Querem ter poleiros
E não trabalhar
Se a Judite
Se aproxima
Que não os fornicar
Põem-se a cavar.

Sempre a gamar,
Se perguntam, não vi nada,
Faço que estou a chorar
Digo que é uma cilada.
Quando arguidos,
Temos bons advogados
Falamos que estamos falidos
Estamos todos combinados.

4. Música: *A marcha da água* (Filarmónica)

Hino irónico e heroico sobre o país ideal

Coreografia geral da "felicidade"

Isto sim é o paraíso
Nós somos evas e adões
Sem serpentes
E sem parras
Bebemos a água
Sem privações.

Este mundo é um palácio
Dão-nos tudo que queremos ter
Temos água
Enchemos os copos
Fazemos brindes
A bel-prazer.

No espaço poderá existir uma **fonte** onde os habitantes se deslocarão, com bilhas, para comprarem água.

Poderá existir, aí, e no início, um grande cifrão que representa o preço da água e que se vai multiplicando, gerando a insatisfação.

Há uma fonte onde vão encher as suas vasilhas para no fim do hino fazerem um brinde.

Entretanto ficam com as vasilhas vazias e quando tentam ir buscar mais água há cifrões de fogo que indicam o preço da água e não os deixam entrar. Os presidentes, o exército e as meninas dos pompons, fecham os portões e ficam junto ao palácio.

QUADRO TEATRAL

MARIA

Ò Tóino, ou eu me engano muito ou já vi este filme lá na nossa terra.

TÓINO

Para que haja Patos Donalds, quem se lixa é o João Ratão que morre à sede sem copo na mão.

MARIA

Dizem que temos a água mais cara do reino. Puseram-nos o copo na mão e agora...

TÓINO

Enche-o nos repuxos. Pranta-te lá no lago com uma trombeta ao lado da outra que vais ver como os esguichos te fazem comichões.

MARIA

Tu é que devias vestir-te de sereia e colocares um tubo na frente para encher uns garrafões.

TÓINO

Vai lá, vai! Olha, vamos é p'rás Termas de S. Gemil que andam lá a fazer massagens **Tântlicas**. Olha o que diz aqui o panfleto que andaram a distribuir na feira:

Tira papel do bolso e lê.

Nas Termas de S. Gemil desenvolveu-se um método que vai muito além de uma simples massagem. Trata-se de um sistema completo de tratamento para expansão da sensibilidade e desenvolvimento do prazer, possibilitando uma cura no corpo, na mente e nas emoções.

MARIA

Para lá com isso que até já me está a crescer água na boca.

TÓINO

Estás a ver: aproveita essa água deita-a no copo.

CENA 2 –1º CONFLITO E REVOLTA – o aumento do preço da água

Textos que expliquem a cena - o aumento do preço e a insatisfação??

Pequeno quadro teatral em que os protagonistas levam o resto da população á revolta.

Partem-se cântaros.

Insatisfação generalizada.

Revolta popular, que se inicia pelo partir de alguns cântaros, e que depois se contamina a todos os intervenientes;

5. Música: revolução (Tiago e Banda)
letra a adaptar à música que vai ser feita.
Revolta por eles terem posto a água muito cara.

Vós que lá do vosso império
Nos andam sempre a enganar
Ponham-se a pau
Isto é sério
Unidos, vamos lutar.

Frases dos poder a gozar com o povo que protesta por ter a água mais cara (para seleccionar algumas)

Ó meus amigos,
a água só é bebida porque o whisky é caro e não está canalizado.
Se não estão bem, mudem-se!

Ó meus amigos,
a água só é sanitária quando se consegue beber na sanita.
Se não estão bem, mudem-se!

Ó meus amigos,
a água só foge para os esgotos porque não sabe o caminho para os paraísos fiscais.
Se não estão bem, mudem-se!

Ó meus amigos,
A água não serve para a limpeza o corpo. Não vêm os gatos? Só se lavam com saliva e é por isso que têm sete foles.
Se não estão bem, mudem-se!

Ó meus amigos,
Pra que querem água corrente se ele não dá luz eléctrica?
Se não estão bem, mudem-se!

Ó meus amigos,
Não vêm que a água é incompetente porque deixa tudo em águas de bacalhau.
Se não estão bem, mudem-se!

Ó meus amigos,
só se lava com água quem não tem a canalização ligada a um pipo de vinho.
Se não estão bem, mudem-se!

CENA 3 – O APAGÃO E OS REFUGIADOS

Poder acciona – APAGÃO.

6. Música: a caminhada dos refugiados (Filarmónica)
Letra para ser dita e não cantada

**Com nossos corpos cansados
Somos esqueletos andantes**

Na terra, refugiados
A mando de alguns farsantes.
Numa mala está a pobreza
Noutra mala a aflição
Quando o pão falta na mesa
Quem se lixa é o mexilhão.
Somos sempre deserdados
Do chão que nos viu nascer
Vivemos refugiados
Nosso destino é sofrer.

Os habitantes, agora refugiados, pegam em malas de luz (malas lanterna) e deslocam-se no espaço.

6.1 Música: a opressão (arranjo música 6 com carácter mais guerreiro)
Sem letra. Cena que vive visualmente.

Polícia/militares controlam população e agrupam-nas num espaço mais denso e concentrado, delimitado por um portão.

Água é lançada de jacto, transformando o espaço num pequeno mar.

6.2 – Arranjo Música 6 : à deriva no mar – (carácter dramático)

Letra para ser dita e não cantada

Nossos corpos à deriva
Nas ondas dum mar horrendo
Não há esperança na vida
Quando o corpo está rangendo.
Tratam-nos por assaltantes
Quando procuramos guarida
Somos tão só emigrantes
Na busca dum fio de vida.
Nós não queremos caridade
Somos iguais a vocês
Só queremos que a liberdade
Nos tape nossa nudez.

Possibilidade de se formarem, com as boias, barcos nos lancis do espaço. Intervenientes ocupam esses barcos. Ficam á deriva.

Possibilidade de um exército os encontrar e salvar apenas as crianças (bonecos).

Possibilidade do aparecimento de tendas como se fosse uma forma de defesa e ao mesmo tempo o espaço do campo de refugiados.

Possibilidade de pacificação

Aparecem revolucionários a ajudar e a distribuir panfletos??

CENA 4 – 2º CONFLITO + JULGAMENTO

(e a questão da comida, não se põe?)

Refugiados do campo vão em busca de água, com cantis azuis

Militares recusam-na.

JULGAMENTO– faltam os TEXTOS DE ACUSAÇÃO

7. Música: “Vais Rebentar “Vais Rebentar” – (Tiago e Banda)

Letra para “vais rebentar”

ligada a Música 8. do Fran (final)

Não andamos a reboque
Dos que nos querem domar
Para o futuro ser bem nosso
E não sermos pele e osso
O judas vai rebentar!
O Judas vai rebentar!
Tiro-liro Liro-liro
Tiro-liro Liro-ló
Vamos queimá-lo sem dó!
Vamos queimá-lo sem dó!

Insatisfação geral e revolta.

Deitam fogo ao portão.

Queima do judas

Anexo 10 – Guião original do “Judas” de 2018

Pré-guião Judas 2018

Ao centro, o Judas, um mostro que se estende pelo espaço, tipo monstro de Loch Ness. A cabeça é imponente e ainda se vê uma garra que poderá ter uma gaiola onde será colocado o fogo. Este monstro tem fogo dentro, como um Balrog.

Petardo do início

1º momento – música 1.a (respiração da besta e batida do coração)

Judas com fogo por dentro. Como se desse a noção de uma besta a respirar.

Por trás do Balrog há uma linha de pares vermelhos em contra luz que pulsam como o coração do monstro...

2º momento – música 1.b

*Ritual de acender as latas – “manchas negras” (Pompeu e Arede)
+ o grupo “Guardiões” do Fogo
este momento termina com o acender do fogo no recipiente “sagrado”
Coreografia dos guardiões do fogo (Haka)*

É morte! É morte!
É vida! É vida!

Ó besta de fogo.
Ergue-te, ergue-te
Sobe às alturas
És o nosso sol
És a nossa luz

É morte! É morte!
É vida! É vida!

Os guardiões ficariam junto ao fogo

3º momento – música 3 – Canção do Fogo – prece, adoração e êxtase

Entrada do grupo todo – Coreografia Geral

Pessoas vêm adorar o fogo

Letra da canção: (entra depois todos sentados no chão com balanço no corpo instalado)

Quando o mundo ainda não era redondo
E para alguns era um prato
A comida era comida crua
Quase toda a gente andava nua

Ouve-se um grande estrondo

música Mostrengo - “não, não, não”

**Balonas cores fogo
Repuxos à frente – criam uma de cortina de fogo
para fazer desaparecer o grupo grande**

4º momento – Roubo do Fogo

É noite

música 4 (tapete instrumental inicio universo)

Guardiões do Fogo adormecem

Grupo Macacoides entra para tentar roubar o fogo

avançam pelo espaço e planeiam assalto aos Guardiões do Fogo que dormem, investem uma 1ª vez e recuam ao espreguiçar dos Guardiões

afasta-se e voltam a investir 2ª vez e Guardiões voltam a espreguiçar e voltam a recuar investem última vez sem reação dos Guardiões e é **lançada Bola de Fogo do Balrog (MANCHA NEGRA)**

Cai bola de fogo. E instala-se a **música 4 com xica ca xica**

4º momento – B– deslumbramento e partilha do fogo

Macacoides manipulam a bola e dançam

quando acendem tochas e as levantam ao centro **música 4 com Xaca ca Xaca**

Macacoides fazem coreografia de circulo de fogo em duas voltas e quando unem novamente ao centro.

Todo o povo se aproxima para ver e admirar o fogo.

Todos querem o fogo.

5º momento – Guardiões do fogo percebem que o povo já tem fogo

Avançam sobre o grupo dos macacoides empurrando-os mais para a frente de cena

Macacoides dividem-se nas duas laterais ladeando os Guardiões durante o esconjuro da

música 5 – Canção de maldição:

O fogo é poder,

Também é destruição.

Se muito queres ter...

Ele será maldição!

Balrog fala

Balonas cores de fogo)

Repuxos à frente –

cria uma de cortina de fogo para fazer desaparecer todo a gente

6º momento – música 6 – Ritual Banal – A vida com o Fogo

Grupos “Continentes”

Cada um dos continentes tem uma coreografia ilustrativas do que os caracteriza e traz consigo uma casa/lanterna.

Entra a Ásia e coloca-se na Esquerda-baixa.

Entra a África e coloca-se na Direita-baixa.

Em simultâneo entram a Oceânia e a Europa. A Oceânia posiciona-se na Esquerda-centro e a Europa na Direita-centro.

Por último, entra a América que se vai instalar no centro-alto.

Todos os continentes terminam as suas ações em freeze.

7º momento – fogo na casa do continente Americano

Manchas negras ateam o fogo na casa da América e entra a música 7 – pedido de ajuda.

Continente Americano afasta-se da casa e os outros continentes observam o fogo. Americanos aproximam-se do centro de cena e mimam pedido de ajuda aos céus e aos continentes.

Americanos abandonam o centro e vão pedir ajuda aos outros continentes. **Passagem da música 7 para a 8.**

8º momento – música 8 – Caos nos continentes.

Os 4 continentes (África, Ásia, Oceânia e Europa) caminham na procura de soluções, mantendo ainda os espaços destinados a cada um deles.

Durante a música 8 há duas paragens:

1ª Fotografia

2ª Fotografia e manchas negras colocam fogo nas outras casas

Elementos dos continentes preenchem todo o espaço, andando de um lado para o outro numa atitude de desespero.

A música 8 termina – Grupos fazem fotografia e quando começa o texto reiniciam o movimento.

Queimam-nos as casas? Queimam-nos a floresta. Queimam-nos o bairro, o país e o mundo.

De quem é culpa? **(grupo faz fotografia)**

De quem é a culpa? De quem é a culpa?

(reiniciam o movimento)

É tua, é minha, é de quem a apanhar.

É tua, é minha, é de quem a apanhar.

É do sol que queima muito.

É do buraco do ozono.

É dos eucaliptos, das matas por limpar.

É do governo desgovernado.

É dos pirómanos e incendiários.

Água. Água. É preciso água. É preciso muita água.

E não há nada. Nada de água. Nem uma gota.

De quem é culpa? (**grupo faz fotografia**)

De quem é a culpa? De quem é a culpa?

(**reiniciam o movimento**)

É da chuva que não chove.

E da terra que não absorve.

Dos rios que levam água para o mar.

Dos espanhóis que nos roubam as barragens.

Das piscinas e dos campos de golfe.

Das águas do planalto que vendem água ao preço do petróleo.

De quem é culpa? (**grupo faz fotografia**)

De quem é a culpa?

A culpa é tua. (**grupos dividem-se**)

A culpa é tua. (**grupo 1 acusa grupo 2**)

A culpa é tua. (**grupo 2 acusa grupo 1**)

9º momento – Guerra – música 9 – canção da guerra

Coreografia Geral – Todos

Cena da Guerra primeiro entre Grupo 1 e Grupo 2

Durante a guerra, fogo de artifício

depois 2 a 2 no espaço

depois em caos espalhado

No final da guerra acendem-se bengais vermelhos ao redor de cena

*Quando acabam os bengais
o povo afasta-se e decobre-se no meio meia dúzia de pessoas mortas (mulheres e
crianças)*

10º momento – crianças mortas – música 10 – desolação

Alguns familiares vão pegar neles e avançam com eles ao colo

11º momento – Julgamento - música 11 – Malha Suprema

*Unem-se todos para julgar o verdadeiro culpado – as peças do boneco juntam-se todas
à peça central.*

Texto da acusação

Porque, tal como o fogo, és um sacripanta convicto,

interesseiro e aldrabão,

que tudo destrói e tudo quer queimar...

- Judas vais rebentar...

Porque, tal como o fogo, quando tens o poder,

esqueces o que prometeste aos mais fracos,

e facilmente cedes aos mais fortes,

quer sejas presidente da junta, presidente da Câmara,

primeiro-ministro ou presidente do conselho de administração

e tudo fazes para nunca perder e estares sempre a ganhar...

- Judas vais rebentar...

Porque, tal como o fogo, destróis tudo por onde passas, destilas ódio e maldade, reduces os recursos naturais e queres viver num mundo de plástico e consumismo, com pouco ar para respirar...

- Judas vais rebentar...

Porque, tal como o fogo, até no fogo vês um negócio, onde há muito dinheiro a ganhar...

- Judas vais rebentar...

Porque sabemos que mais um ano passou e, tal como o fogo, tudo queremos limpar, vais ser acusado de todos males e mesmo sem aceitar...

- Judas vais rebentar...

- Judas vais rebentar...

Em cada frase do julgamento são depositados chapéus de fogo junto ao Judas. Simbolicamente todos vão queimar o culpado.

Rebentam as 30 bombas

12^o momento – Judas a arder.

Final do boneco arder, cascata

**13^o momento – música 13 – só flauta –
chuva
germinar da semente - entrada dos bombeiros**

*Escultura de fogo
Fumo verde
Flashs
Balonas verdes*

14^o momento

Agradecimento aos bombeiros:

Aos Bombeiros Voluntários, o nosso muito obrigado!...

música 12 – Hino dos Bombeiros “Vida por vida” – Filarmónica...

Palmas

Malha suprema

Fogo final para o ar

Somos todos bombeiros...

música 3 – Canção do Fogo

Agradecimento final

Petardo final

Anexo 11 – Guião original do “Judas” de 2019

	Fogo-de-artifício - Balona petardo
Cena 1 a) - prólogo	
Acender das latas	Música – início tema 1
Depois das latas acesas	
	Música – fim tema 1
Cena 1 b)	
Solo de dança do touro-toureiro	Início tema 2 (construído a partir do tema 1)
Uma personagem solitária faz um solo, ele é ao mesmo tempo touro e toureiro.	
Quando termina o solo de dança, cai no chão.	Música - Fim tema 2
	Fogo-de-artifício - Repuxos dourados
Cena 2 – tourada (clown/fantoches)	
Entra o touro.	Música –trompete
	<i>O touro é feito por duas pessoas. Uma tem cabeça de touro e um fato cobre os dois.</i>
Não encontra ninguém.	
O touro lê o folheto das compras.	Música - tema 3, outra vez o trompete? Gato maltês – tapete musical
Entram toureiros.	
Entram forcados.	
Quando vão para pegar o touro o chefe dos forcados acobarda-se.	Música tema 4 – Rock maltês
Forcados fazem coreografia pulp- fiction (1min e 30s)	
Pegam o touro.	Música - tema 3,
	Música bandarilheiro
Entra bandarilheiro. Espeta bandarilhas no lombo do touro.	
Bandarilheiro mata o touro.	Fogo-de-artifício – as bandarilhas são bengais vermelhos.
Escorre sangue do minotauro.	
	Música – fim
	Fogo-de-artifício à volta da cena
Cena 3 – violência doméstica	
	Música – Início canção Percussão sem letra
Movimento cidade	
Cena do Juiz	

1º Quadro de violência

De dentro da cara a lambada de quem já levou porrada na vida
De dentro da boca do juiz que te esquartejou, escrevendo sentença
Daquela menina acossada que tanto sofreu e morreu sem guarida
Do adultério que serve de acuso para que mulher possa ser violada

- Ó Sr. Dr. Juiz, tenha juízo!

Em Silêncio

Música

Movimento cidade

E vai sair
De dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair
De dentro de quem for
A mulher é você

Percussão sem letra

Cena violência no namoro
2º Quadro de violência

Música

De dentro da escola onde o moço que te maltratou e pensou que era fácil
De dentro do ciúme do jovem que faz do namoro prisão namorada
Daquela rapariga da escola que pensa que o amor justifica o levar porrada
Daquele menino machista que segue seu pai em mulher maltratada

- Ó Rapaz tem vergonha!

Em Silêncio

Movimento cidade

Música

E vai sair
De dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair
De dentro de quem for
A mulher é você

Percussão sem letra

Cena violência doméstica
3º Quadro de violência

Diante do macho feroz que quer que a mulher seja sua escrava
Diante da gente que passa e vê que a agridem e faz vista grossa

Daquela mulher que é agredida e polícia ri defendendo o carrasco
Daquele corpo machado de negras pela violência que é perdoada

As mulheres morrem

Violino

e é pintado o contorno dos seus corpos no chão ao som da quadra:

A mulher de dentro de cada um não quer mais violência
A mulher de dentro de mim já cansou desse tempo
A mulher algemada pela dor da indiferença dos outros

Mulheres levantam-se do chão.

E vai sair
De dentro de cada um
A mulher vai sair
E vai sair
De dentro de quem for
A mulher é você
Sou eu
A mulher
Sou eu
Sou eu
A mulher
Sou eu

Música – fim
Fogo.

Cena 4 – Porrada no Bairro

Música do bairro

1. Entrada de 3 elementos em cena, com caixotes lixo e uma cadeira – obstáculos;
1. Parkour , entrada de 5 elementos a fazerem parkour.
2. Stop, Sacam de trás das costas, algo que pode parecer uma pistola. Afinal é só uma lata de tinta.
3. Pintam no ar – movimentos;
4. Entram 2 elementos com uma faixa branca.
5. Elementos Parkou pintam na faixa a palavra “subúrbio “
6. Elementos Parkou colocam-se atrás da faixa e instalam – se o tempo de o público entender a palavra. ROMPEM papel lentamente.

7. Coreografia Rap.
8. Entrada do grupo de trabalho que se desloca arrastando os pés. Saíram muito cedo de casa, voltam para casa muito tarde. Movimentos de trabalho já no sítio.

Stop - música

9. Festa – dança – Moche.
10. Entrada da polícia;
11. Grupo de moradores organiza-se – haka de ataque
12. Confusão. Correria.
13. Atirar das pedras.
14. Avanço da polícia. Recuo da população.
15. Caem 5 corpos no chão
16. Entrada do locutor, de vários locutores;

Locutor

“Três pessoas terão sido agredidas à bastonada num bairro problemático. Uma intervenção da PSP, esta manhã, obrigou ao uso da força por parte das autoridades.

A PSP adianta que foi chamada a este local por haver uma desordem e, ao chegar, os elementos policiais foram recebidos à pedrada.

Sr. Guarda, pode nos avançar o que se passou?

Polícia1

Nada a declarar. As imagens falam por si.

Polícia2

Estávamos a fazer a ronda quando vimos passar um míssil de terra-ar que vinha especificamente deste bairro. Intervimos imediatamente. “

Polícia 3

Fomos logo recebidos com granadas e tivemos que agir.

Locutor

Mas houve tiros?

Polícia

Sim, sim, balas de borracha, mas de boa qualidade.

Polícia

Mandámos uns tiros, umas rajadas de metralhadora só para assustar.

Locutor

Vamos agora falar com os moradores.

No vosso entender o que se passou?

Grupo do bairro

Não estávamos aqui a fazer nada, estávamos a nos divertir e a polícia entrou e começou logo à paulada.

Grupo

Nós ainda tentamos falar, mas eles começaram logo a bater na minha mãe.

Grupo

Nós somos gente, nós somos gente.

Locutor

Muto obrigada.

O professor Marcelo está já a caminho para as habituais selfies.

Sr. Presidente como vê este caso de agressões?

Presidente Marcelo

É um caso de polícia em que não me quero envolver. Cada um terá as suas razões mas eu sou o Presidente de todos os portugueses.

Espero que agora depois das selfies tudo volte à normalidade.

Cena 5 – violência à escala mundial

Música - Trompete

Entra e Trump

Entra Kim-Jong-un

Cumprimentos

Entra Bolsonaro

Cumprimentos

Bolsonaro vê Marcelo e vai cumprimenta-lo.

Os outros dois presidentes não percebem quem ele é.

Bolsonaro (para Marcelo)

- "Oi Marcelo, tem que se decidir, ou é comunista ou é populista, como nós..."

Começam insultos e provocações.

Música – tema

A polícia vem proteger os presidentes.

Presidentes fogem. Policia manifestantes como em França os coletes amarelos.

Manifestantes lançam bola de fogo.

Vão buscar caixote do lixo (cenografia) e vão pegar fogo com tochas.

Frezze.

Música baixa

Entra bombista suicida.

- “Por Jesus Cristo, por Buda, por Alá, por Maomé, por Júpiter... por Nada”

Rebenta o colete de explosivos (efeitos pirotécnicos).

Música sobe
Fogo

Confusão a sair como no 11 de Novembro

Música fim

Na confusão todos saem e tiram adereços e colocam máscara de touro.

Musica – Início canção tourada

Os participantes, de preto com máscaras de touros vão entrando durante a canção e formando um rebanho de bois e vacas no final...

Não importa Sol ou sombra
Camarotes ou barreiras
Toureamos ombro a ombro
As feras

Ninguém nos leva ao engano
Toureamos mano a mano
Só nos podem causar dano
Esperas

Entram guizos chocas e capotes
E mantilhas pretas
Entram espadas chifres e derrotes
E alguns poetas

Entram bravos cravos e dichotes
Porque tudo o mais
São tretas

Entram vacas depois dos forcados
Que não pegam nada
Soam brados e olés dos nabos
Que não pagam nada
E só ficam os peões de brega
Cuja profissão
Não pega

Com bandarilhas de esperança
Afugentamos a fera
Estamos na praça
Da Primavera

Nós vamos pegar o mundo
Pelos cornos da desgraça
E fazermos da tristeza
Graça

Entram velhas doidas e turistas
Entram excursões
Entram benefícios e cronistas
Entram aldrabões
Entram marialvas e coristas
Entram galifões
De crista

Entram cavaleiros à garupa
Do seu heroísmo
Entra aquela música maluca
Do passodoblismo
Entra a aficionada e a caduca
Mais o snobismo
E cismo

Entram empresários moralistas
Entram frustrações
Entram antiquários e fadistas
E contradições
E entra muito dólar muita gente
Que dá lucro aos milhões

E diz o inteligente
Que acabaram as canções

O rebanho pára

Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Lá, lá, lá, lá, lá...

*Pôr o público a cantar o lá, lá, lá da canção...
O rebanho vai tomando atitude, olhando o público, cantando com ele.*

Mesmo antes do julgamento....
Sobre o lá, lá, lá, final começam as acusações.
Ou,
como é possível que o público cante e bata palmas podemos optar por deixar acabar a música e recomeçar depois as acusações ou com novo lá, lá, lá mais tenso ou começar a malha suprema instrumental que faria fundo às acusações.
Passado um bocado os participantes tiram as máscaras.

Música – fim da canção tourada

*Música - Malha Suprema
Instrumental*

Juiz

Porque és um sacripanta convicto, mentiroso e aldrabão
Que tudo resolves à porrada e pões pais contra filhos
E como pensas que um safanão a tempo tudo resolve
Fazes-nos acreditar que até no amor a coisa só lá vai ao estalo...

Vais rebentar!

Quando acabam as acusações acabam começa a letra:

Não andamos a reboque
Dos que nos querem domar

Para o futuro ser bem nosso
E não sermos pele e osso
O Judas vai rebentar!
O Judas vai rebentar!
Tiro-liro Liro-liro
Tiro-liro Liro-ló
Vamos queimá-lo sem dó!
Vamos queimá-lo sem dó!

Pega-se fogo no caixote do lixo e vão pegar fogo ao Judas.

Fogo
30 bombas
Fogo no Judas
Cachoeira
Esculturas de fogo – borboletas
Fogo-de-artifício para o ar

Anexo 12 – Guião original do “Não Judas” de 2021

Guião Judas

Distribuição de personagens:

Ajudante do Chefe – Pedro

Chefe do Clã – Pompeu

Guardião dos males – Zé Rui

Elemento da sociedade discreta 1 – Ilda

Elemento da sociedade discreta / defensor do Judas – Tó-Zé

Elemento da sociedade discreta 2 – Raquel/Sandr

Música 1 - genérico

Musica 2 - tétrica

Entram elementos da sociedade discreta, para junto dos músicos.

O ajudante do Chefe acende os candelabros.

Chefe da Sociedade entra em cena e todos fazem vénia.

O chefe da Sociedade dá as boas vindas a todos

Chefe do Clã

Meus senhores, encontramos-nos aqui para julgarmos e queimarmos o culpado de todos os males que, ao longo do último ano, nos têm sido infligidos.

Com o fogo o destruiremos, e pelo fogo

Respondem todos em coro.

Todos

Seremos libertados!

Chefe do Clã

Acendamos o FOGO LIBERTADOR!

Coreografia de acender as velas, acompanhada de ambiente sonoro – música2.

Os elementos da sociedade discreta acendem as velas no candelabro do altar e seguem para a varanda.

Chefe do Clã

Junto ao Chefe do Clã está um ajudante que segura um livro, por onde ele poderá ler o texto.

Assim, sob a proteção do fogo daremos início à cerimónia de depuração de todos os males! Vivemos um ano de ameaça, desconfiança, medo, falta de liberdade e fome provocados por um tal de Judas - o invisível. Não sabemos onde se esconde, com quem comunica e nem como arranja os males que nos tem infligido e que mortalmente têm atingido tantos de nós. Males que nos têm impedido de realizar obras e sonhos. Males que nos têm impedido de termos uma vida normal.

O chefe do Clã pode aproximar-se do boneco vodu e afirma:

Mas esta noite Judas, o invisível, será aniquilado?

Todos reagem positivamente.

Todos

Sim!

Chefe do Clã

Que se dê início à cerimónia.

Peço que se aproxime o guardião dos males e que nos diga porque merece Judas ser condenado.

Guardião dos males

Boa noite minhas senhoras e meus senhores, estou perante vós como representante de milhões de pessoas que se queixam de falta de beijos e abraços. Afirmam que Judas, o invisível, criou este vírus mortal que além de quebrar laços afetivos e sociais, dizimou por todo o mundo milhões de pessoas. Perderam-se famílias inteiras,... uns perderam familiares, outros amigos. E quem é o culpado?

Todos em coro

Todos

Judas!

*Ajudante à ordem do Chefe espeta alfinete no boneco. **Som** que pontua a ordem para espetar o Judas.*

Guardião dos males

Não podemos ficar indiferentes ao rasto de tragédia que levou ao esgotamento de vários serviços e bens e que colocou, e continua a colocar, em suspenso a vida em todo o mundo.

Não podemos ficar indiferentes à escassez de recursos nos serviços de saúde pública, nacional e mundial. Ao encerramento de estabelecimentos comerciais e de serviços cuja dimensão não lhes permitiu resistir e que consequentemente levou ao aumento do desemprego e a condições de trabalho ainda mais precárias.

Não podemos ficar indiferentes ao aumento do número de famílias sem bens de primeira necessidade, e ao aumento do número dos sem-abrigo.

Judas, o invisível, privou-nos da educação e do convívio social. Limitou a nossa vida, o nosso trabalho e o nosso convívio a reuniões on-line.

É interrompido por um elemento da sociedade discreta.

Elemento da sociedade discreta 1

Sim, que o Judas seja queimado por nos obrigar a ter um ensino à distância, com falta de meios e de recursos.

Elemento da sociedade discreta / defensor do Judas

Mas será que a culpa é só do Judas?

Elemento da sociedade discreta 1

É claro que é do Judas.

Chefe do Clã

Vamos ter calma.

Pergunto a todos, quem é o responsável de todos os males?

Todos

Judas!

*Ajudante à ordem do Chefe espeta alfinete no boneco. **Som** que pontua a ordem para espetar o Judas.*

Peço ao guardião que prossiga e que nos diga de que mais é culpado o Judas?

Guardião dos males

Judas é culpado porque corrompe a sociedade, porque nos ludibria...

Para ele trabalham políticos sem ética, que prometem, não cumprem e escravizam o seu povo. Para ele trabalham chefes de estado como o Trump e Bolsonaro que deviam ser condenados por crimes contra a humanidade.

O Judas é, portanto, o responsável pelas políticas capitalistas que deixam, que dezenas de países ainda não tenham uma única pessoa vacinada até à data, enquanto que noutros já existem milhões de vacinados. Esta desigualdade não pode continuar!

É ele o responsável pelo aumento assustador da extrema direita nas últimas eleições no nosso concelho e país, mas também na Europa e no mundo.

É ele o responsável pelo aumento dos crimes de ódio em Portugal e no mundo.

É ele o responsável pelo desequilíbrio económico e social.

A cena é interrompida por um elemento da sociedade discreta.

Elemento da sociedade discreta 1

Exatamente, o meu mal é ser pobre! Se fosse rico ...

Elemento da sociedade discreta 2

O nosso mal é vivermos no interior onde não chega o dinheiro das bazucas...

Chefe do Clã

Pois e essa desigualdade económica e social é criada por quem?

Todos

Judas!

Espeta mais um alfinete no Judas.

Elemento da sociedade discreta / defensor do Judas

Peço desculpa, mas continuo achar que o Judas não é o culpado de tudo.

Todos se revoltam

Chefe do Clã

Calma.

Meu caro, queira aproximar-se e explicar a sua perspetiva.

Elemento da sociedade discreta / defensor do Judas aproxima-se.

Elemento da sociedade discreta / defensor do Judas

O Judas é a pessoa mais...

Deixa cair as moedas.

Os elementos da sociedade discreta reagem.

Ele fica atrapalhado.

Chefe do Clã

O Judas é a pessoa MAIS????

O Judas é a pessoa MENOS e por isso...

Todos

Vai rebentar!!!

O defensor do Judas apanha as moedas e desaparece.

Chefe do Clã

Chegou a hora de por um ponto final, na desfaçatez, na homofobia, no racismo, no autoritarismo, no medo e na mentira.

Vamos queima-lo e queimar todos os males, locais, nacionais e mundiais que ele criou.

Que se abra o portão para o fogo libertador!

percussão, com coro de elementos da sociedade discreta, que enquanto se dirigem para o fogo repetem:

Todos

Arde, arde, arde....

Chefe do Clã

Porque demoram uma eternidade a serem aprovados os projetos e licenciamentos de obras.

Todos

Vais rebentar!

O coro “Vais rebentar” é feito num crescendo.

Chefe do Clã

Porque as belas praias fluviais tardam em aparecer nas margens do rio Dinha.

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Porque na aldeia de Dardavaz continua, de forma impune, a contaminação dos recursos hídricos com águas residuais industriais.

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Porque as águas do planalto continuam a cobrar a água a preço de ouro!

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Pelo fogo destruiremos estes males locais.

É depositado na fogueira o respetivo saco de males.

Coro – judas vais rebentar – malha suprema.

Chefe do Clã

Por todas as peças de teatro que não assistimos nem participamos, os concertos que não dançamos, os filmes em sala de cinema que não vimos, as galerias e museus que não visitamos, por toda a cultura que foi impedida de ser vivida

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Pelo número de trabalhadores da cultura que perderam os seus postos de trabalho e a falsa retoma do sector com salas com lotações limitadas,

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Pela falta de ética dos políticos locais e nacionais. E pelo avanço das ideologias populistas.

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Pelo esgotamento dos serviços de saúde pública e a escassez de recursos no combate à pandemia,
pela ausência de linhas de emergência reais e eficazes na execução,
E pela quantidade de mortes por outras doenças que não COVID por incapacidade de resposta do SNS

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Por todas as mulheres e crianças vítimas de violência que continuam a morrer às mãos de um homem.

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Pelo fogo destruiremos estes males nacionais.

Coro – judas vais rebentar – malha suprema.

É depositado na fogueira o respetivo saco de males.

Chefe do Clã

Pela falta de beijos e abraços que fomos impedidos de dar e receber,
Pela falta de liberdade, pela fome, pelo desemprego, pela desigualdade social,
Pelo acesso à vacinação em todo o mundo e não só nos países ricos,
Pela violência em Cabo Delgado e em vários pontos do globo

Todos

Vais rebentar!

Chefe do Clã

Pelo fogo destruiremos estes males mundiais.

É depositado na fogueira o respetivo saco de males.

Coro – judas vais rebentar – malha suprema.

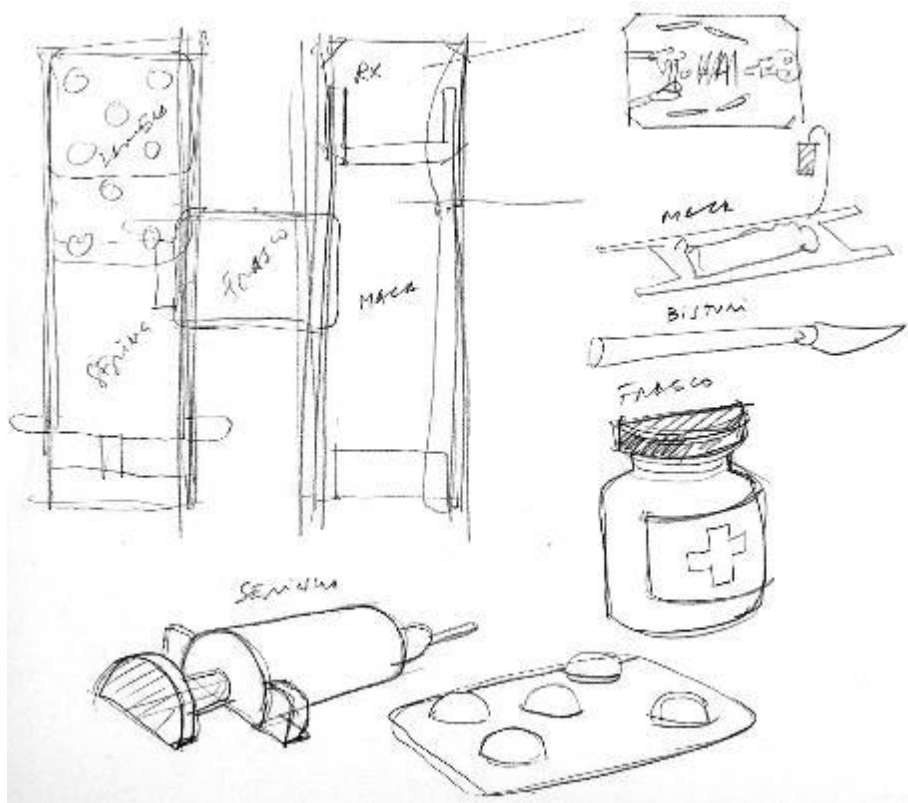
Música – malha suprema

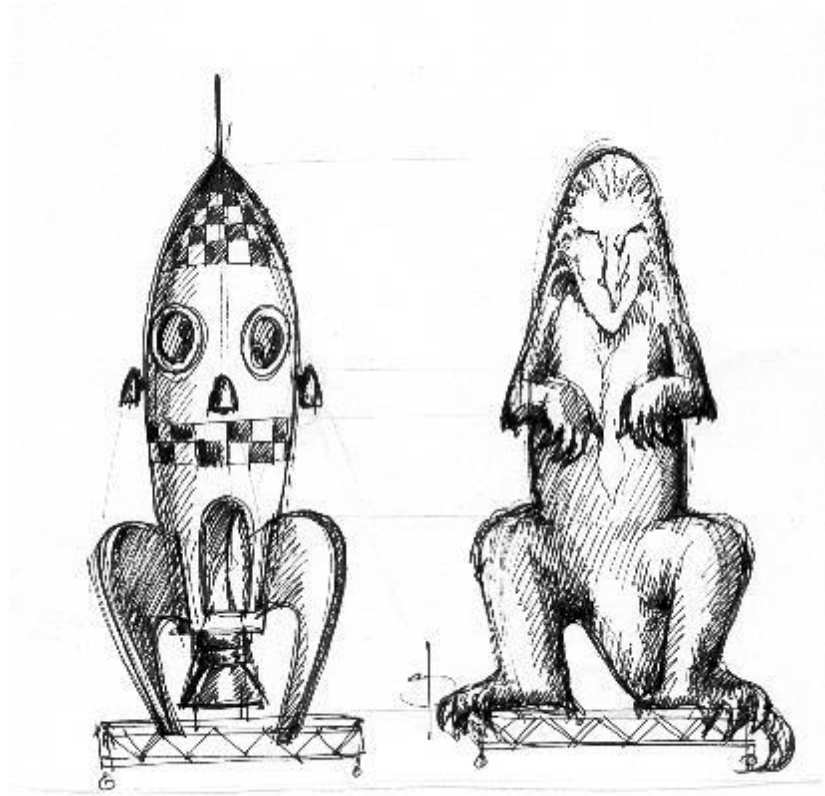
É colocado o boneco no lume...

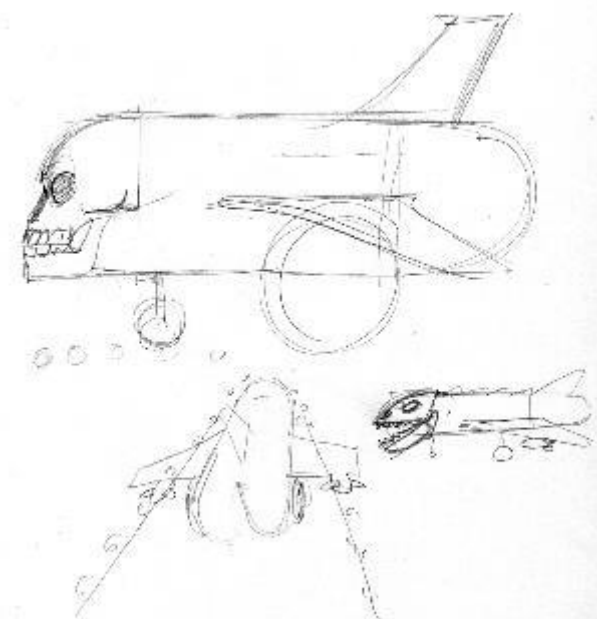
Acende-se a escultura de fogo

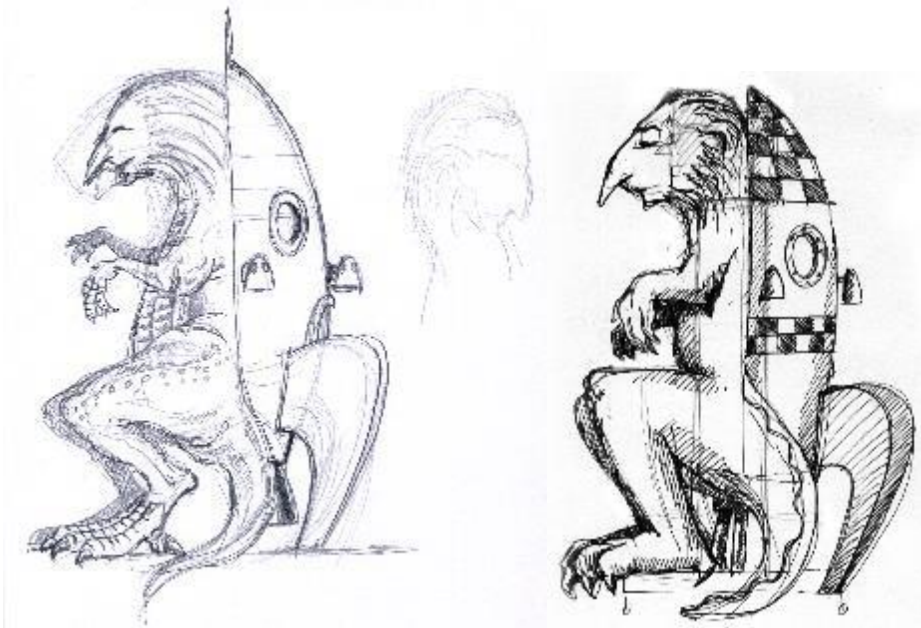
Música mais alegre para créditos...

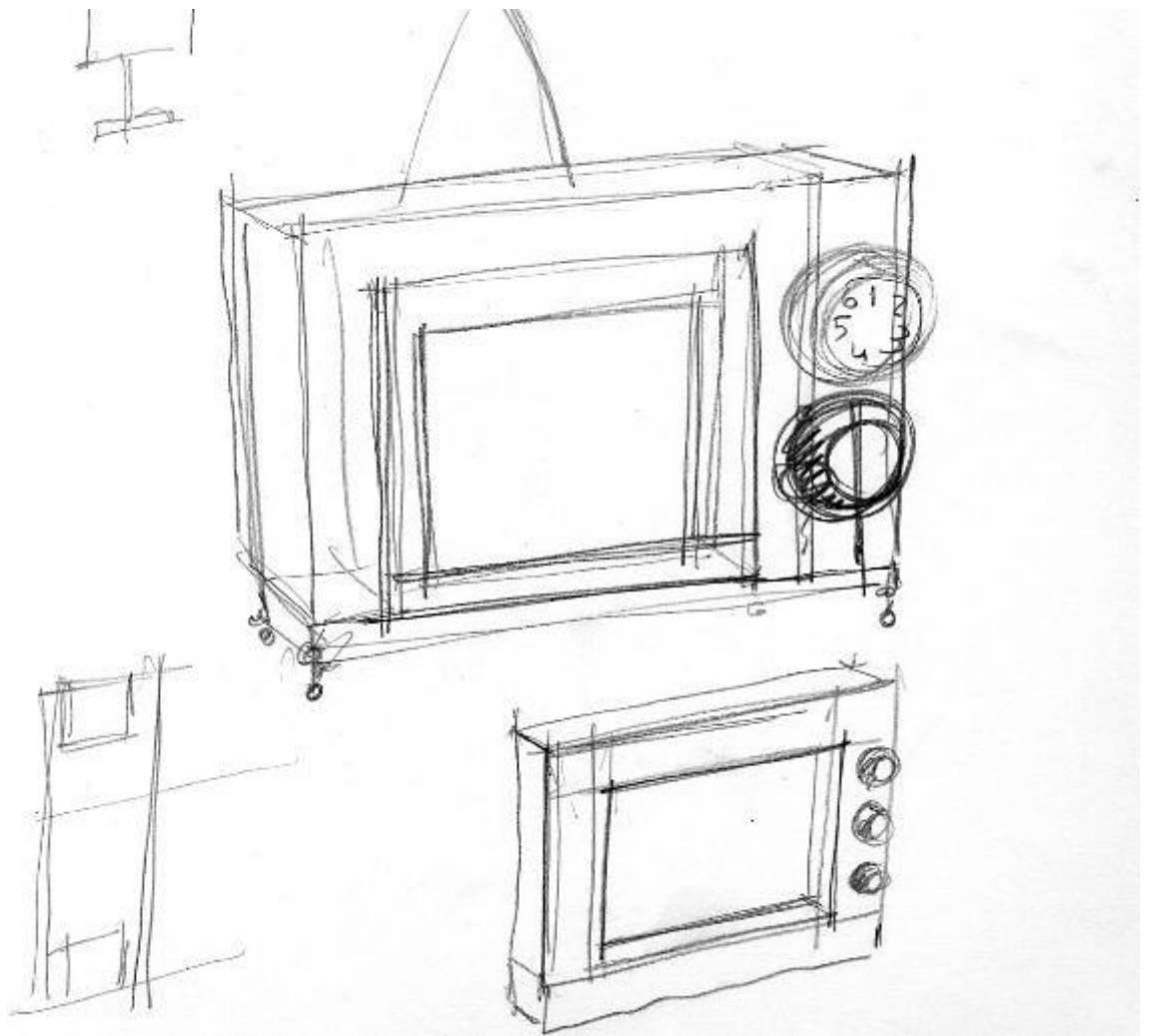
**Anexo 13 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2007**



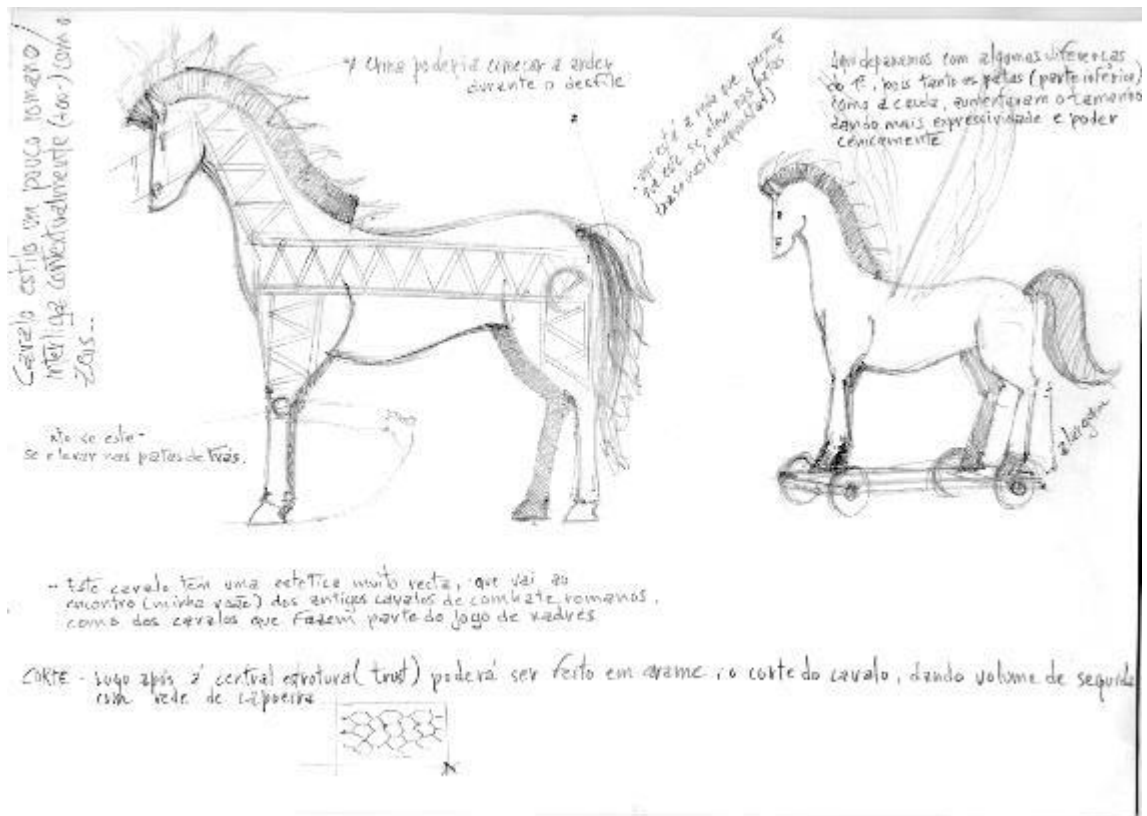
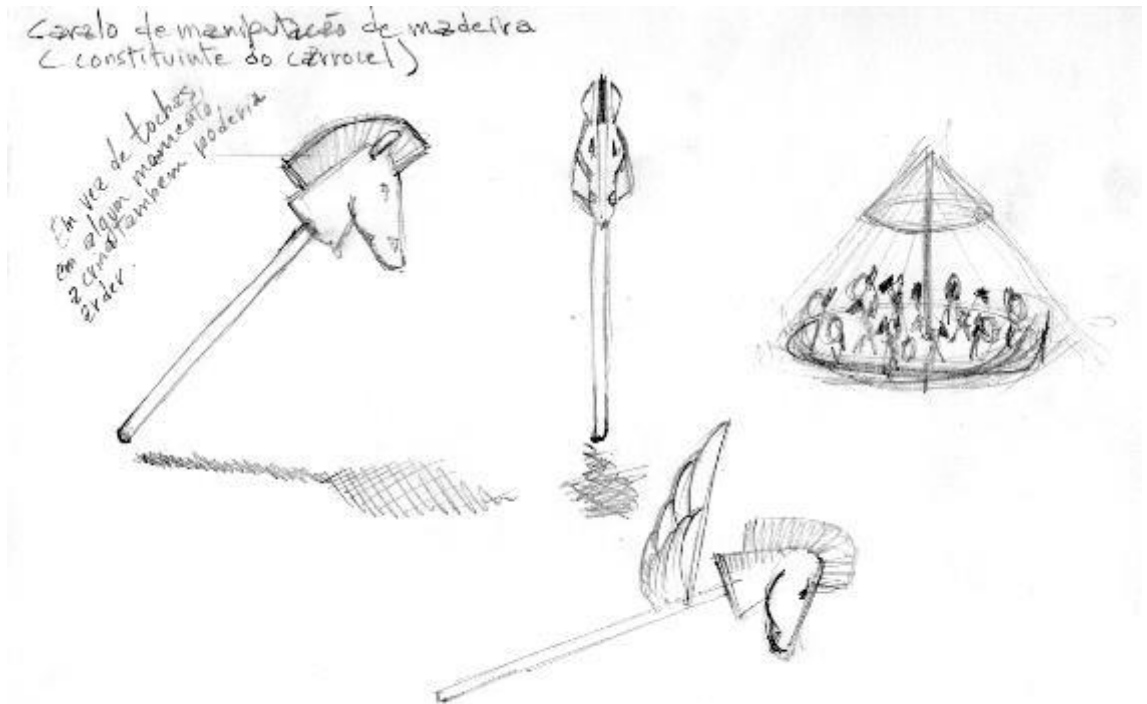


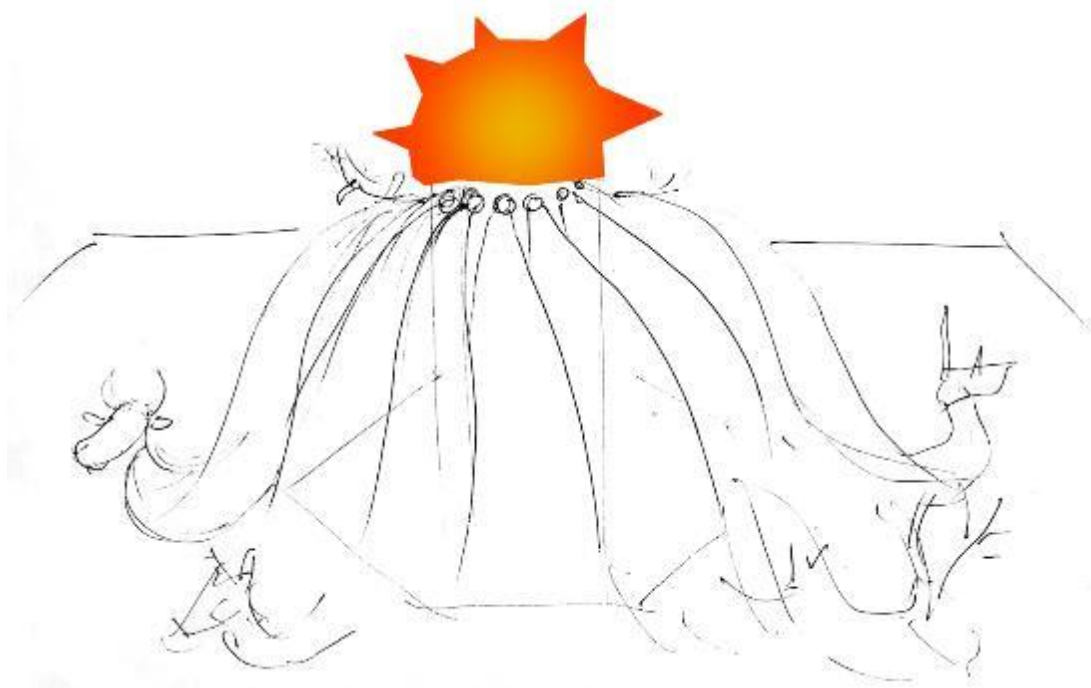


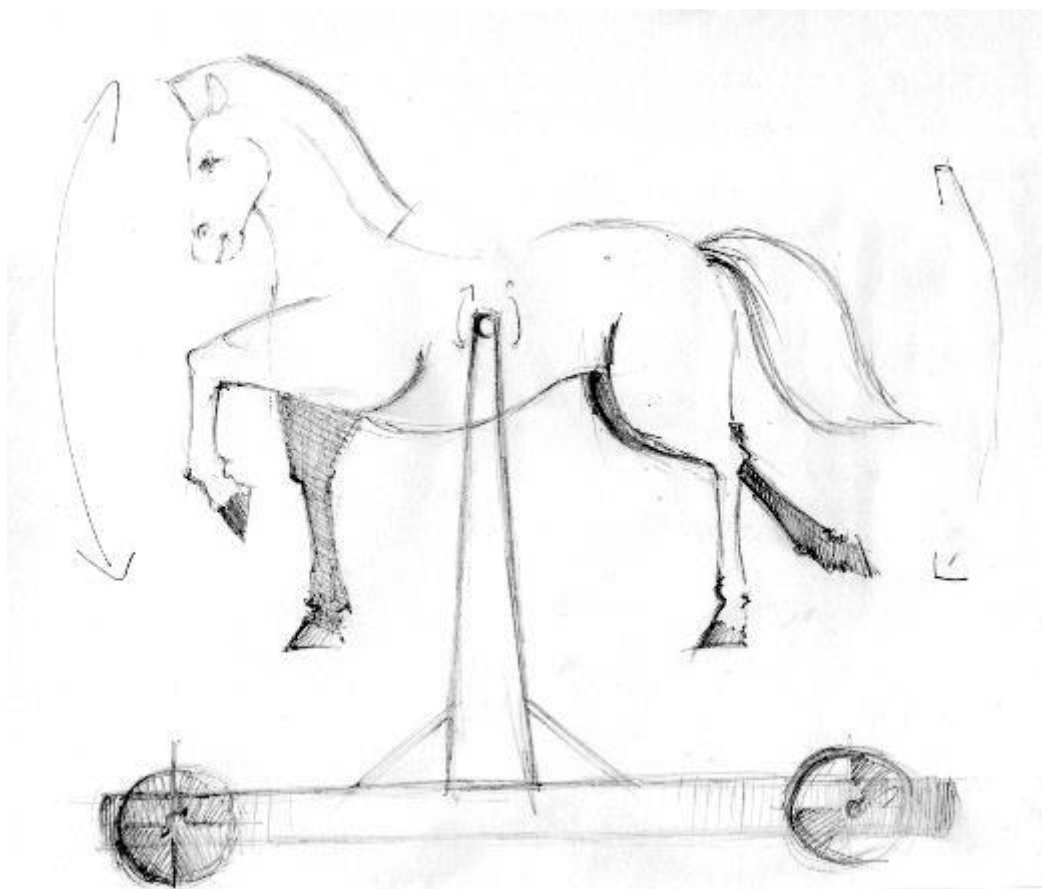




Anexo 14 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do “Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2008







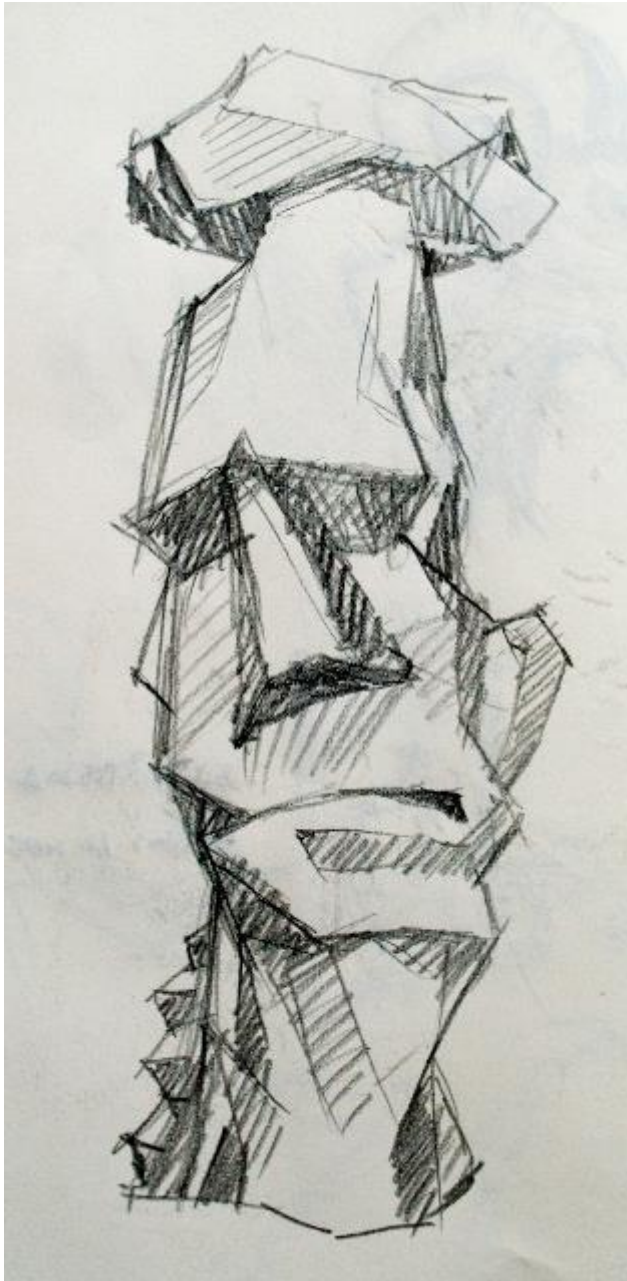
**Anexo 15 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2009**

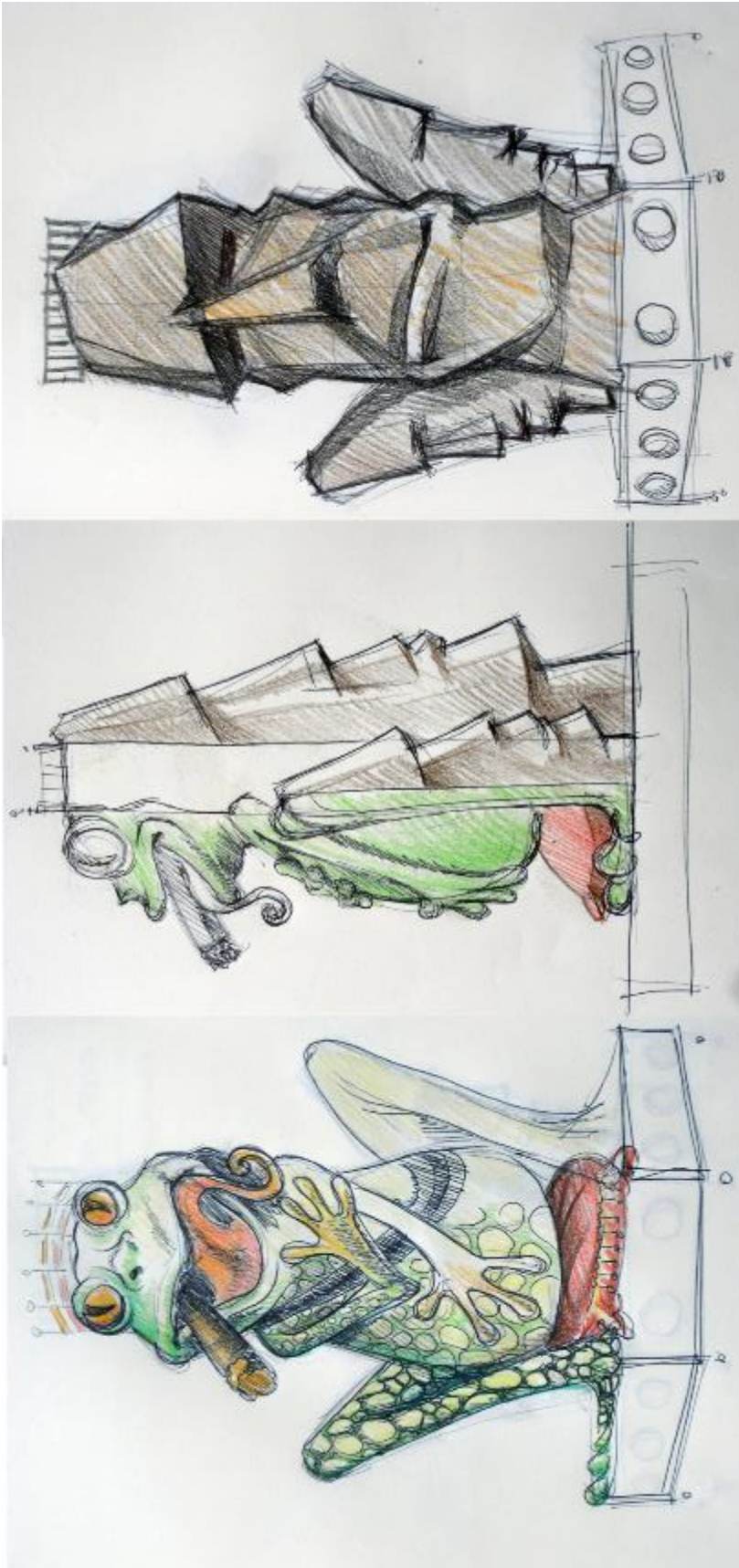




**Anexo 16 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2010**



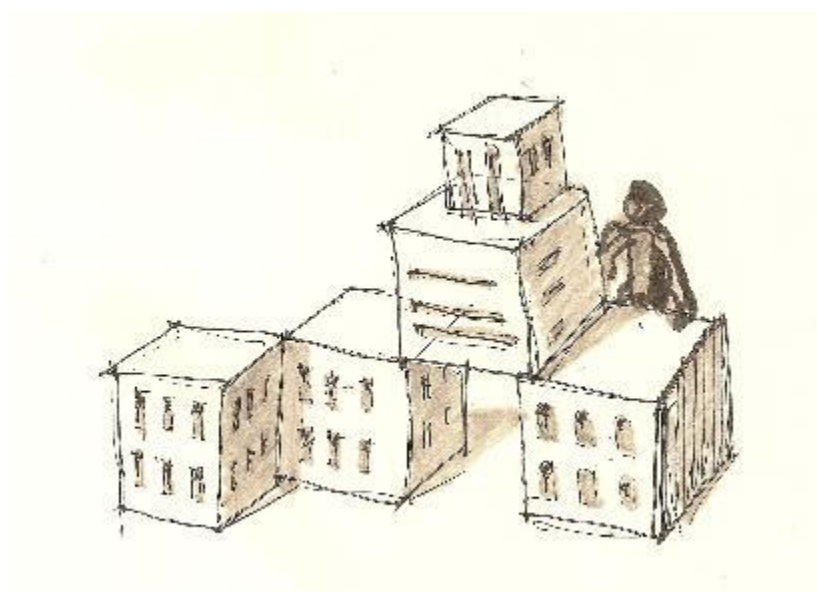
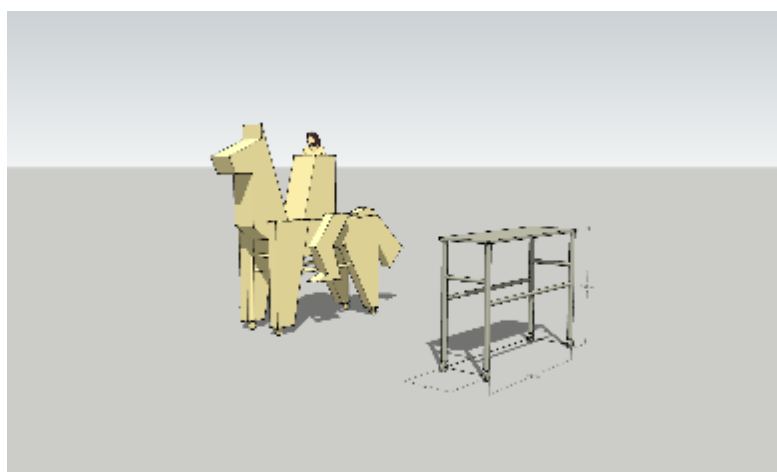
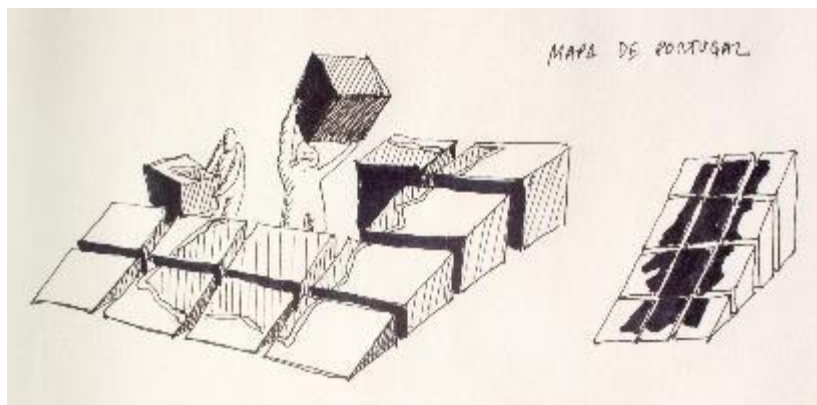




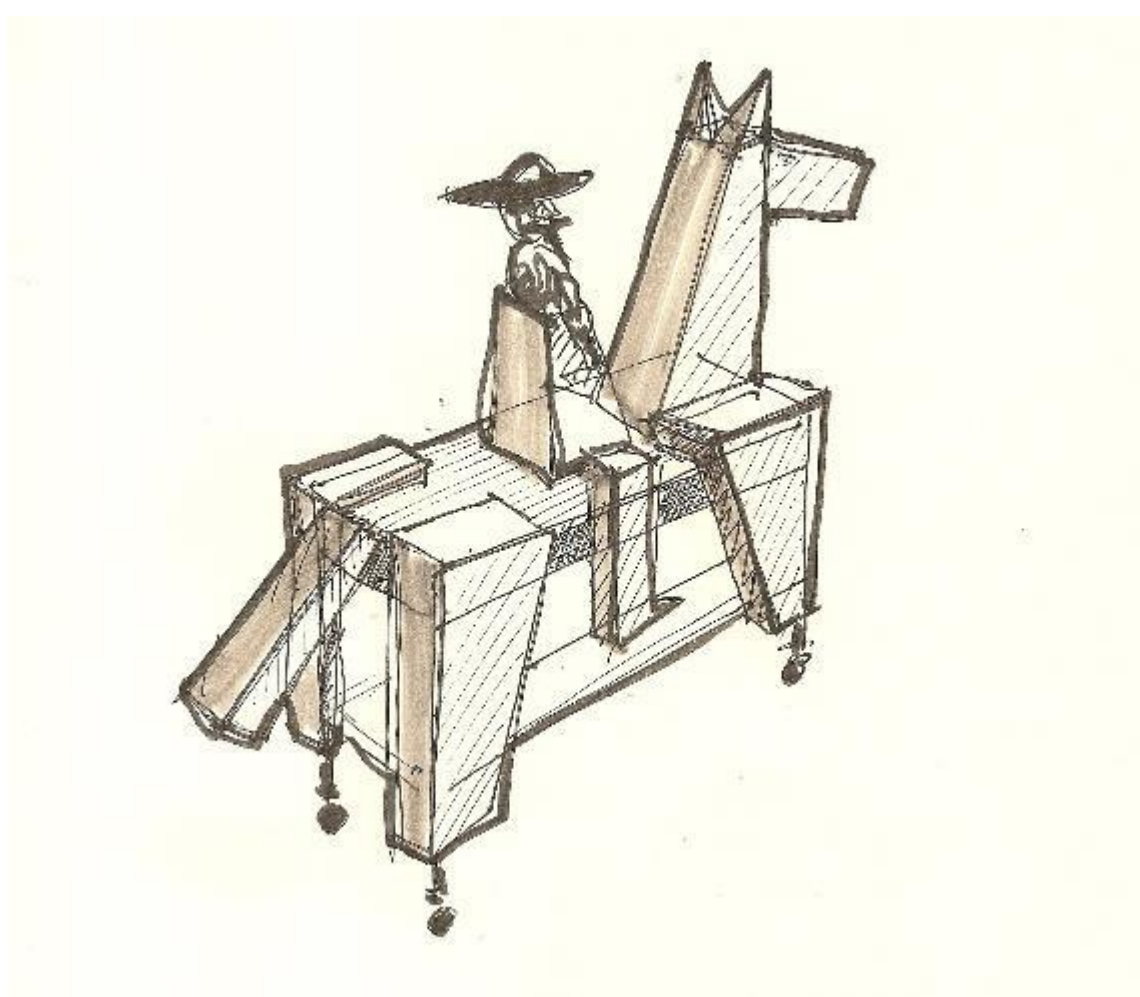


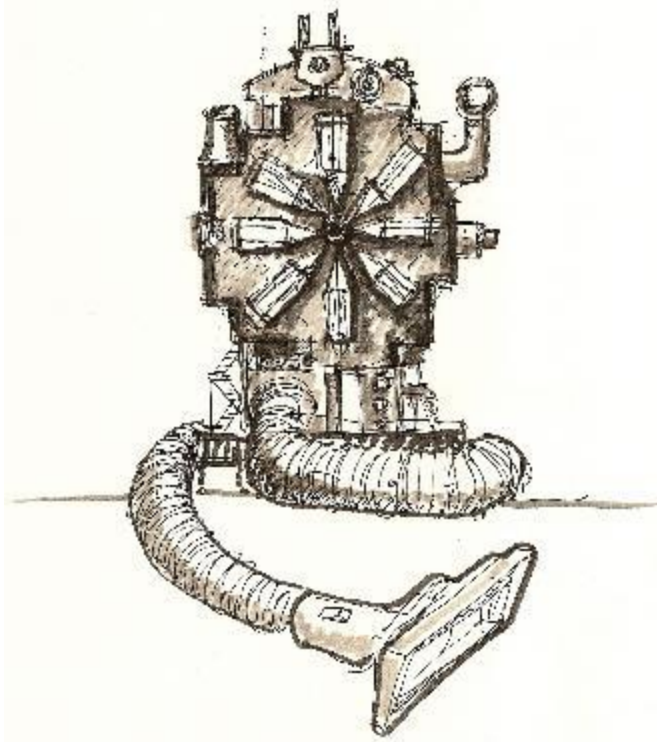
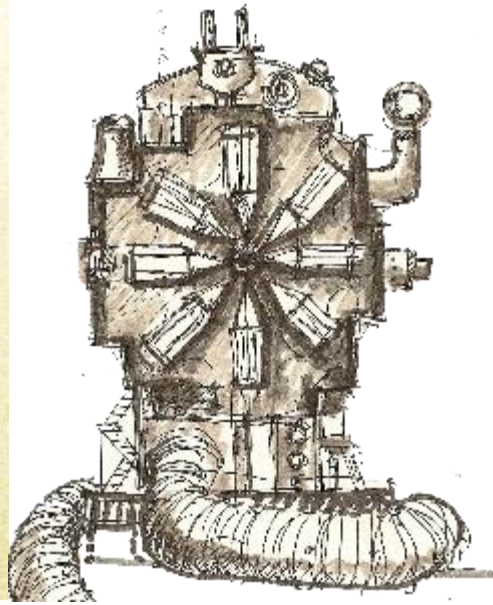


**Anexo 17 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2011**

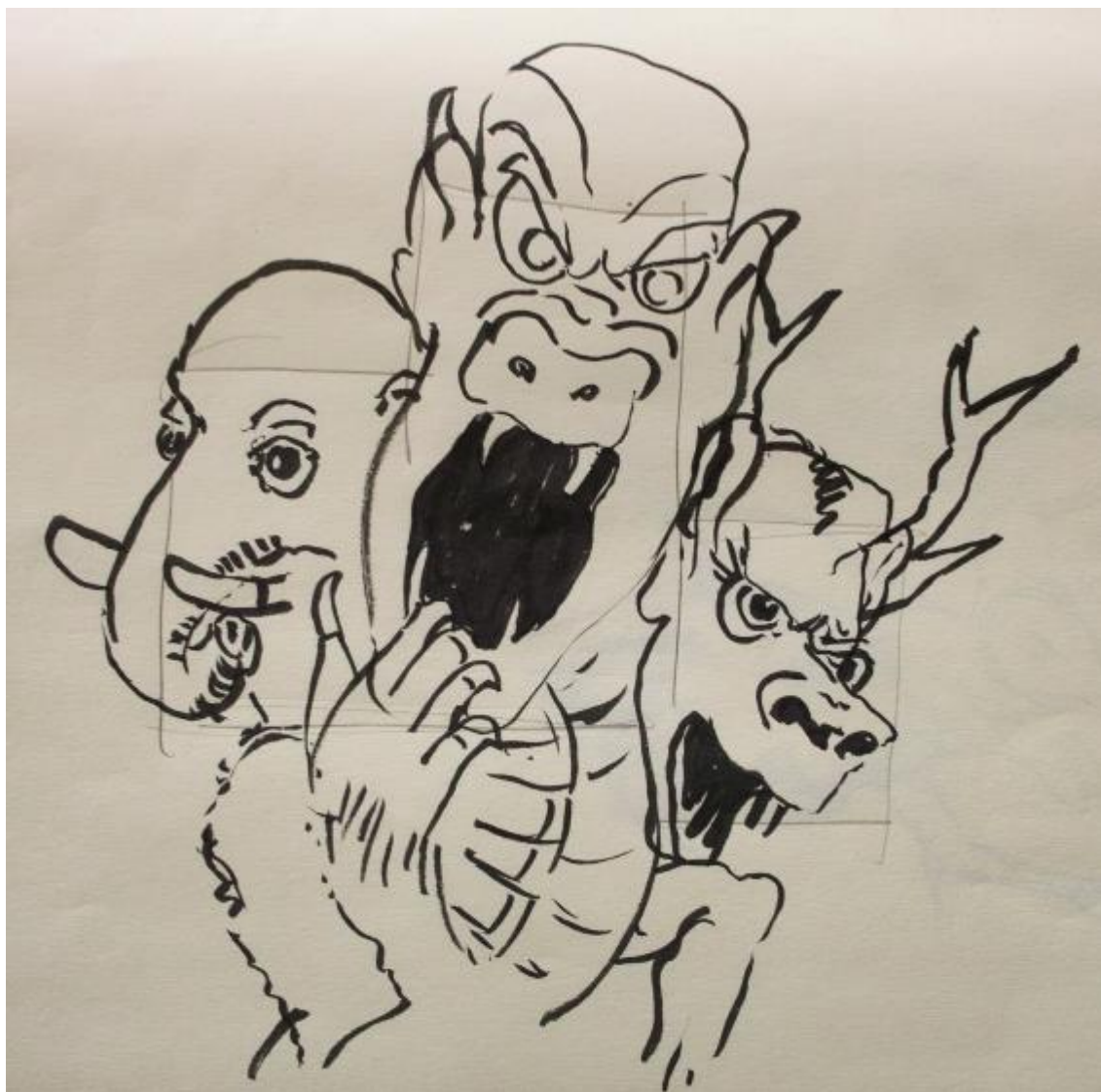




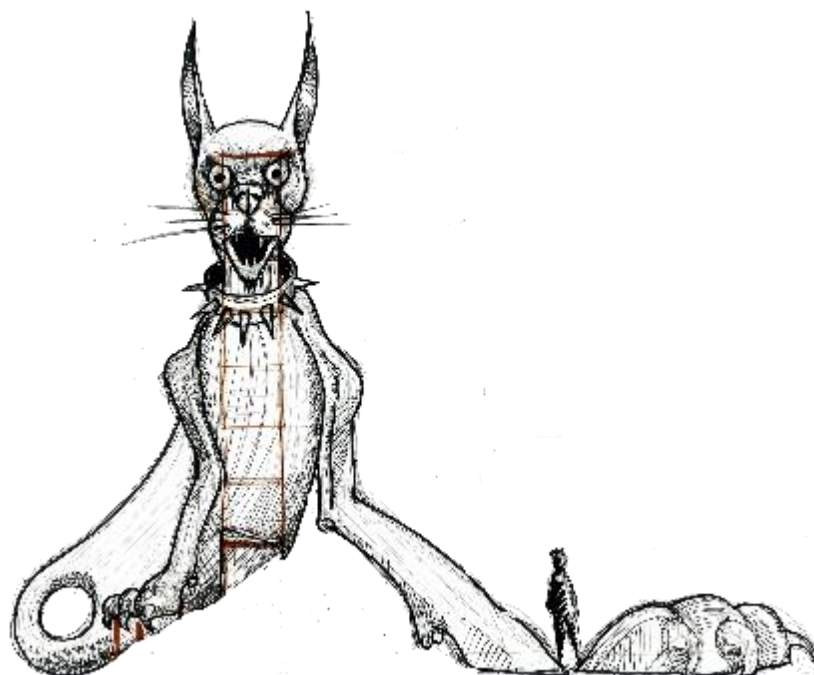
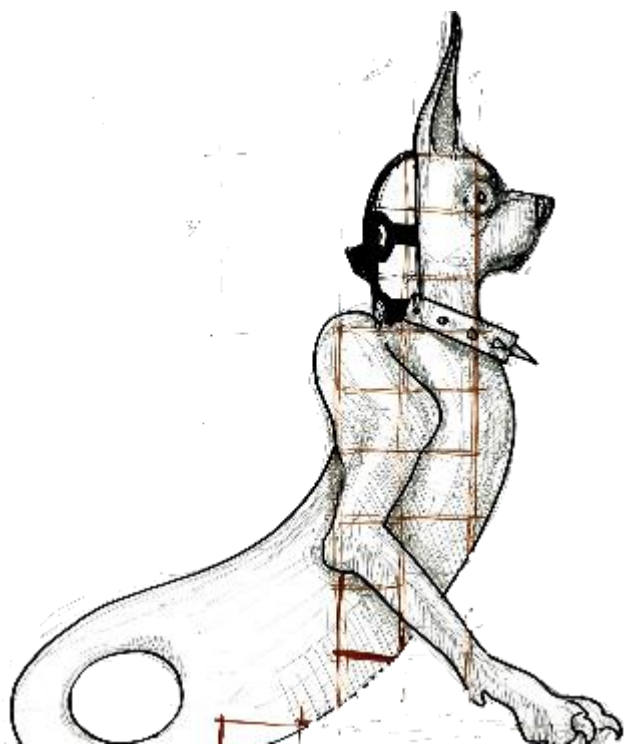




**Anexo 18 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2012**



**Anexo 19 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2015**



**Anexo 20 – Estudos Gráficos das construções cenográficas do
“Judas” pelo Trigo Limpo Teatro ACERT – 2017**



